

TAP SEAC DE PÂNTANO E FOCO DE DOENÇAS A ZONA NOBRE

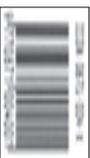
Macau

澳門

APRENDER  
PORTUGUÊS

## NA PONTA DA LÍNGUA

São cada vez mais os chineses que despertam para as vantagens de falar português.  
Emprego garantido é a principal motivação



IMPrensa BILINGUE  
A QUEBRAR BARREIRAS  
CULTURAIS



BIENAL DE VENEZA  
UM EXEMPLO A SER  
SEGUIDO EM MACAU



# Momentos Emocionantes

Sinta as emoções desta cidade vibrante,  
carregada pela energia e vivacidade de festivais e  
eventos únicos ao longo do ano!



MOMENTOS MEMORÁVEIS

SENTIR **MACAU**



DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE TURISMO  
[www.macaotourism.gov.mo](http://www.macaotourism.gov.mo)



**DIRECTOR**

Victor Chan Chi Ping

**DIRECTOR EXECUTIVO**

Alberto, Au Kam Va

**EDITOR EXECUTIVO**

Fernando Sales Lopes

**PROPRIEDADE**

Gabinete de Comunicação Social  
da Região Administrativa Especial de Macau

**ENDEREÇO**

Avenida da Praia Grande, nº 762 a 804  
Edif. China Plaza, 15º andar, Macau  
Tel: (+853) 2833 2886 Fax: (+853) 2835 5426  
e-mail: info@ges.gov.mo

**PRODUÇÃO, GESTÃO E DISTRIBUIÇÃO**

Delta Edições, Lda.  
Tel: (+853) 2832 3660 Fax: (+853) 2832 3601

**EDITOR**

Luís Ortet

**COORDENAÇÃO EDITORIAL**

Vanessa Amaro

**COORDENAÇÃO DE FOTOGRAFIA**

Gonçalo Lobo Pinheiro

**DIRECÇÃO GRÁFICA**

Catarina Lau Pineda  
CLL design

**WEB DESIGN**

Rita Ferreira

**COLABORAM NESTA EDIÇÃO**

Diana do Mar, Fátima Valente, Fernando Sales Lopes, Filipa Queiroz (Itália), José Simões Morais, Luciana Leitão, Luís Ortet, Mónica Menezes (Portugal), Nuno G. Pereira, Patricia Cruz, Patricia Lemos, Sofia Jesus, Sandra Mesquita (Portugal) e Sandro Mendonça (Portugal)

**FOTOGRAFIA**

Carmo Correia, Fernando Sales Lopes, Filipa Queiroz (Itália), Gonçalo Lobo Pinheiro, Gonçalo Manuel Martins (Portugal), José Simões Morais e Paulo Cordeiro (Portugal)

**ILUSTRAÇÃO**

Rodrigo de Matos

**FOTOGRAFIA DA CAPA**

Gonçalo Lobo Pinheiro

**ADMINISTRAÇÃO, REDACÇÃO E PUBLICIDADE**

Av. Dr. Rodrigo Rodrigues, 600 E  
Edif. Centro Comercial "First International", 14º andar, Sala 1404  
Tel: (+853) 2832 3660 Fax: (+853) 2832 3601  
e-mail: contacto@revistamacau.com  
www.revistamacau.com

**IMPRESSÃO**

Tipografia Welfare, Macau

**TIRAGEM**

3000 exemplares

**ISSN: 0871-004X**

**PREÇOS POR ASSINATURA ANUAL**

ANGOLA: AOA 3.390,00 | BRASIL: BRL 78,00  
CABO VERDE: CVE 2.760,00 | GUINÉ-BISSAU: XOF 16.400,00  
MACAU: MOP 200,00 | MOÇAMBIQUE: MZM 1.075,00  
PORTUGAL: EUR 25,00 | S.TOMÉ E PRÍNCIPE: STD 607.000,00  
TIMOR-LESTE: USD 35,00 | RESTO DO MUNDO: USD 40,00



[www.revistamacau.com](http://www.revistamacau.com)

[www.facebook.com/RevistaMacau](https://www.facebook.com/RevistaMacau)

**D**edicamos a capa desta edição ao crescente interesse dos chineses na aprendizagem da língua portuguesa e no papel que Macau tem desempenhado nesse contexto. Como se explica no trabalho dedicado ao assunto, a oferta de cursos ainda não consegue acompanhar a sempre crescente procura.

A empregabilidade é uma das motivações alegadas pelos que estão a aprender a língua, o que os factos parecem corroborar. Nomeadamente, o director da Escola Superior de Línguas do Instituto Politécnico de Macau afirma que a licenciatura em Tradução e Interpretação, lançada há nove anos, garante a empregabilidade plena e que antes mesmo de concluírem os cursos os alunos já são solicitados pelo mercado.

Interessante, no mesmo contexto, é a actual política da Universidade de Coimbra, em Portugal, visando atrair estudantes originários da China, tema que também abordamos.

O embaixador cabo-verdiano em Pequim é o entrevistado desta edição e refere a existência de diversos projectos que visam transformar Cabo Verde numa plataforma segura e competitiva de prestação de serviços às frotas chinesas mercantil, pesqueira e aérea no Atlântico Médio. Além disso, ainda segundo Júlio Morais, espera-se para muito breve o arranque de um grande projecto de turismo, imobiliário e entretenimento na cidade da Praia, capital de Cabo Verde, a ser desenvolvido por um grupo económico da RAEM.

A cultura de Macau e a sua projecção no exterior, nomeadamente a participação na Bienal de Veneza, merecem igualmente destaque neste número da MACAU.

*Luís Ortet*



- 6 ACONTECEU**  
As notícias que marcaram a actualidade da RAEM
- 10 FÓRUM MACAU REÚNE ALTOS QUADROS**  
Reunião Ordinária faz balanço de accções e aprova actividades para 2015
- 12 RELAÇÕES CHINA-CABO VERDE**  
Embaixador de Cabo Verde em Pequim acredita que 2015 tem tudo para ser o melhor momento da cooperação
- 18 QUATRO ESTRELAS PARA BISSAU**  
Empresário local aposta na hotelaria na Guiné-Bissau
- 22 DISTÂNCIAS CONSTRUÍDAS**  
O académico Sandro Mendonça acredita que Macau pode tirar mais partido da proximidade simbólica com outras localizações longínquas
- 28 IMPRENSA BILINGUE**  
Nunca portugueses e chineses estiveram tão próximos no que diz respeito a meios de comunicação social
- 34 O BOOM DA LÍNGUA PORTUGUESA**  
O português continua a despertar o interesse dos chineses. A língua é vista como uma oportunidade para alargar horizontes
- 44 COIMBRA À ORIENTE**  
A Universidade de Coimbra quer em breve ter mil chineses a estudar nas suas históricas faculdades
- 52 ÍCONES CHINESES: GAIOLA**  
O costume chinês de criar pássaros em gaiola



## Portugal e China ligados pela comunicação

Um canal de televisão, um jornal quinzenal e um suplemento num jornal diário português. Nunca portugueses e chineses estiveram tão próximos no que diz respeito a meios de comunicação social.

## Português ao palco

Há cada vez mais chineses, tanto em Macau como no Interior do País, a apostar no português. O factor emprego está no topo das motivações por aqueles que se interessam pela língua portuguesa



**54 CALENDÁRIO CHINÊS DE A A Z**  
Os criadores do antigo calendário chinês buscam na filosofia tradicional maneiras de ordenar o tempo

**64 BAIRRO DE SAN KIU**  
Nasceu como povoação desordenada, mas é hoje um dos bairros mais dinâmicos da península

**72 UMA LONGA LUTA PELA ÁGUA POTÁVEL**  
A história do abastecimento de água em Macau

**80 TRADIÇÕES: SANTO ANTÓNIO**  
Um Santo merecedor da fé que a comunidade portuguesa de Macau nele deposita

**88 PRÓXIMA PARAGEM: MACAU**  
Realizador português passou pela RAEM para gravar cenas de novo documentário

**94 O TAP SEAC DE OUTRORA**  
Era uma zona pantanosa e um foco de doenças. Hoje afirma-se como área nobre

**96 O MESTRE NA BIENAL**  
Entre centenas de obras, os 18 trabalhos de Mio Pang Fei em Veneza impressionam

**102 ÁTRIO: JOÃO MAGALHÃES**  
Escultor, pintor e designer

**108 ESPECTÁCULOS, EXPOSIÇÕES E LIVROS**  
Sugestões para ver e ler nos próximos meses

**114 MEMÓRIAS: TEMPLO DE NA TCHA**  
Pequeno refúgio perto das Ruínas de S. Paulo

## O exemplo de Veneza

A participação da RAEM no certame artístico serve também de inspiração para novos projectos dinamizadores do Centro Histórico. Um sonho possível de realizar, segundo o presidente do Instituto Cultural



## Santo António: Capitão em Macau

Se ao milagre atribuído a São João se deve a vitória de Macau sobre os holandeses em 1622, em Santo António se reconhece um Santo merecedor da fé que a comunidade portuguesa de Macau nele deposita, em todas as vertentes que o caracterizam



## O outro Tap Seac

Ficava para lá dos limites de Macau, esquecido de tudo e de todos durante séculos. No Tap Seac, o principal vale da região, viviam alguns camponeses chineses muito pobres. Foram precisos mais de 200 anos para transformar a área naquilo que é hoje

## Morreu Lu Ping, membro da Comissão de Redacção da Lei Básica

O antigo dirigente político chinês Lu Ping, que esteve ligado aos processos de transição de Hong Kong e de Macau para a China, morreu no início de Maio, aos 87 anos, vítima de doença prolongada. Lu Ping foi director do Gabinete para os Assuntos de Hong Kong e Macau do Conselho de Estado e secretário-geral da Comissão de Redacção da Lei Básica de Macau, entre outros cargos. Numa carta de condolências tornada pública o Chefe do Executivo da RAEM, Chui Sai On, lamentou o falecimento de Lu Ping, descrevendo-o como “velho amigo dos cidadãos de Macau”.



## Novo casal de pandas chega a Macau

O novo casal de pandas gigantes oferecido a Macau pelo governo de Pequim chegou no final de Abril à RAEM, e vai poder ser visitado a partir de Junho, após período de quarentena e isolamento. Este é o segundo casal de pandas gigantes oferecido pela China a Macau. A oferta foi anunciada em Dezembro de 2014, por ocasião do 15.º aniversário da transferência de poderes de Macau para a China, pelo Presidente Xi Jinping, depois da morte da primeira panda fêmea – Sam Sam – em Junho passado.

## PERSONALIDADES CHINESAS DISTINGUIDAS EM PEQUIM NO DIA DA LÍNGUA PORTUGUESA

O Dia da Língua Portuguesa e da Cultura Lusófona foi assinalado a 5 de Maio em Pequim com a entrega de condecorações a personalidades chinesas distinguidas por Portugal. Entre os condecorados estão três professores: Zhao Hongling e Zhou Hanjun, da Universidade de Estudos Estrangeiros de Pequim (Beiwai) e co-autores de um dicionário português-chinês, e Catarina Wu, directora do departamento de português da Universidade de Estudos Internacionais de Xangai. Foram ainda distinguidos o embaixador Guo Jiading, que esteve colocado em Lisboa e dirigiu a parte chinesa do Grupo de Ligação encarregue da transição de Macau, e Eva Liu, directora de programação de uma grande sala de espectáculos de Xangai, onde já actuaram a fadista Katia Guerreiro e o Quorum Ballet.

## POLÍTICAS PARA EMPREENDEDORISMO JOVEM NA ILHA DA MONTANHA

Macau e Zhuhai estão a trabalhar em conjunto num projecto que irá facilitar o empreendedorismo jovem na Ilha da Montanha. Numa primeira etapa, o projecto “Vale de criação de negócios para os jovens de Macau em Hengqin”, desenvolvido pela Zona de Livre Comércio da Ilha da Montanha, prevê o empréstimo de dois mil milhões de yuans, além de outros apoios financeiros. Do lado de Macau, o “Plano de Apoio a Jovens Empreendedores”, lançado em 2013 pelo Governo de Macau para residentes permanentes entre os 21 e 44 anos, contempla um apoio até 300 mil patacas isento de juros.

## NÚMEROS

**33.7 MILHÕES**  
DE TURISTAS POR ANO  
É A CAPACIDADE MÁXIMA DE  
MACAU, SEGUNDO ESTUDO DO IFT

**84,3%**  
DOS AGREGADOS  
FAMILIARES TÊM LIGAÇÃO  
À INTERNET (+1,7%)



## IPOR celebra 25 anos com exposição

O Instituto Português do Oriente (IPOR) inaugurou em Maio uma exposição bilingue português-chinês para comemorar o seu 25.º aniversário. São 25 cartazes que percorrem as principais actividades levadas a cabo e 25 mensagens escritas por personalidades locais sobre o papel da instituição. O IPOR tem como missão o ensino da língua e a divulgação da cultura portuguesa tanto na RAEM como em toda a Ásia.

## Universidade de Macau entra para novo ranking

A Universidade de Macau está na 39.ª posição do ranking das universidades com menos de 50 anos, da revista britânica *Times Higher Education*. Esta é a primeira vez que a Universidade de Macau aparece classificada entre as 100 melhores universidades mais jovens, depois de em Outubro do ano passado ter entrado para a lista das 300 melhores universidades do mundo.



### NEW YORK TIMES LANÇA REVISTA EM CHINÊS PARA MACAU E HONG KONG

A *Chinese Monthly*, revista que o diário norte-americano *New York Times* lançou no início de Maio para Macau e Hong Kong, é orientada para o *lifestyle*, mas também conta com notícias políticas e económicas. A publicação de 24 páginas em língua chinesa tem uma tiragem de 50 mil exemplares e conta com 20 por cento de produção editorial local.

### MORREU SIR ROGER LOBO, UMA DAS PRINCIPAIS FIGURAS DA COMUNIDADE PORTUGUESA DE HONG KONG

Uma das principais figuras da comunidade portuguesa de Hong Kong, Sir Roger Lobo, morreu em Abril aos 91 anos, vítima de cancro. Empresário de ascendência portuguesa e escocesa, Rogério Hyndman Lobo, nasceu em Macau em 15 de Setembro de 1923, foi elemento activo da vida pública de Hong Kong, tendo sido membro do *Urban Council* (câmara municipal) entre 1965 e 1978, do Conselho Executivo, entre 1967 e 1985 e do Conselho Legislativo de Hong Kong, entre 1972 e 1985.



93,4%

DOS UTILIZADORES NA INTERNET CONECTAM-SE TODOS OS DIAS

1.455

NÚMERO DE SOCIEDADES CONSTITUÍDAS NO PRIMEIRO TRIMESTRE DO ANO (+329)

241.955

VEÍCULOS ESTAVAM EM CIRCULAÇÃO NO PRIMEIRO TRIMESTRE (+5,2%)

## Macau e Zhuhai criam nova zona de comércio

Os Governos de Macau e Zhuhai assinaram em Abril um acordo de cooperação para instalarem na Ilha da Montanha a Zona Experimental de Comércio Livre de Guangdong, que tem por objectivo o reforço de comunicação e contacto em prol da construção da zona experimental. Leong Vai Tac, Secretário da Economia e Finanças, e o Governador Municipal de Zhuhai, Jiang Ling, apontaram que a nova zona de comércio “corresponde às necessidades do desenvolvimento de Macau e às exigências estratégicas do estreitamento da cooperação Guangdong-Macau, pelo que o Governo da Região, em conjunto com as empresas e a população locais, irão apoiar e participar activamente nos projectos de construção daquela área”.



## GP DE MACAU ACOLHE PRIMEIRA TAÇA DO MUNDO DE GT

A 62.ª edição do Grande Prémio Macau, a disputar entre 19 e 22 de Novembro, vai contar com a primeira Taça do Mundo de GT da Federação Internacional do Automóvel (FIA). Nesta primeira edição, espera-se uma forte participação das marcas oficiais e a adesão de pilotos da Ásia que não estejam a participar noutras corridas a nível mundial. A edição deste ano do Grande Prémio de Macau vai integrar sete corridas de carros e motos no circuito urbano de 6,2 quilómetros.



## Lionel Leong responsável pelas relações Macau-Fujian

O secretário para a Economia e Finanças, Lionel Leong, é agora o responsável pela cooperação entre Macau e a Província de Fujian. O anúncio foi feito pelo Chefe do Executivo, Chui Sai On, antes

de partir para uma visita oficial a Fuzhou, em Abril, onde participou em encontros de alto nível entre as autoridades dos dois territórios. “Temos tido contactos estreitos e achamos que há necessidade de haver esta reunião de alto nível. O Governo da RAEM formalmente nomeou Lionel Leong para ser o representante”, explicou o Chefe do Executivo.

## ANTIGO HOTEL ESTORIL ACOLHE ESCOLAS ARTÍSTICAS

O Governo de Macau anunciou em Abril que o histórico Hotel Estoril, sem funções há mais de uma década, vai acolher escolas artísticas, incluindo o conservatório de música. O Hotel Estoril, construído na década de 1960 e onde Stanley Ho iniciou a sua concessão de jogo, fechou portas nos anos 1990 e tem estado, desde então, desocupado. Além das escolas, o Governo deseja que as instalações do hotel “sejam um centro de formação artística onde os estudantes possam assistir a actividades extracurriculares de artes”. Está também prevista a reconstrução da piscina municipal do Estoril, adjacente ao hotel.



## COMEMORAÇÕES DOS OITO SÉCULOS DE LÍNGUA PORTUGUESA CHEGAM A MACAU

As comemorações dos 800 anos do português, celebrados em 2014, chegaram a Macau em Abril, no âmbito das actividades promovidas pela Associação 8 Séculos de Língua Portuguesa. Perante uma audiência de alunos do 11.º ano da Escola Portuguesa de Macau (EPM), Maria José Maya, presidente da associação criada em 2012 para promover o idioma, falou da importância e da história da língua portuguesa, da sua evolução a partir do latim e da influência do grego, até aos dias de hoje. Até 10 de Junho, a associação vai continuar a promover iniciativas em Portugal e noutros territórios com presença do idioma. Os 800 anos daquele que é considerado o primeiro documento escrito em português – o testamento de D. Afonso II, de 27 de Junho de 1214 – foram o mote para actividades de promoção da língua envolvendo os vários países e regiões ligados à lusofonia.

## Morreu a sinóloga Ana Maria Amaro

A professora e investigadora Ana Maria Amaro, antiga presidente da Comissão Científica do Observatório da China e do Instituto de Sinologia, morreu em Maio, em Lisboa. Professora catedrática jubilada, nasceu em 1929 e residiu em Macau nas décadas de 1960 e 1970, altura em que despertou o interesse pelos estudos chineses e a sociedade de Macau. Sobre Macau publicou, entre outros títulos, *O Traje da Mulher Macaense*, *Filhos da Terra* e *Das Cabanas de Palha às Torres de Betão*. Ana Maria Amaro deixa também dois volumes sobre os jogos e brinquedos de Macau, com base numa recolha que abrange as comunidades portuguesa, macaense e chinesa, em *Jogos, Brinquedos e Outras Diversões Populares de Macau*.



## Nona cidade mais competitiva da China

Macau ocupa o nono lugar no *ranking* da competitividade das cidades chinesas, elaborado pela Academia Chinesa de Ciências Sociais, o que representa uma melhoria em relação ao 10.º lugar de 2014. A lista engloba 287 cidades chinesas, com Shenzhen a ultrapassar Hong Kong e a liderar a tabela. Nos últimos 13 anos, a região vizinha ocupou sempre a primeira posição. Xangai e Taipé ocupam os terceiro e quarto lugares, respectivamente.

## PORTUGUESES CONDECORADOS COM A MEDALHA DE MÉRITO DAS COMUNIDADES

A médica Paula Pimenta, a professora Cândida Pires, da faculdade de Direito da Universidade de Macau, os empresários da restauração António Neves Coelho e Jorge Mota e ainda Augusto Nogueira, presidente da Associação de Recuperação de Toxicodependentes de Macau, são as cinco personalidades portuguesas que foram condecoradas a 20 de Maio com a medalha de Mérito das Comunidades Portuguesas. A cerimónia de imposição das medalhas decorreu na residência consular portuguesa e o Secretário de Estado das Comunidade, José Cesário, outorgou as condecorações em nome do Governo português.

## Procissão do 13 de Maio vivida com muita fé

Centenas de católicos, turistas e curiosos participaram a 13 de Maio na missa e procissão da Nossa Senhora de Fátima em Macau, numa manifestação de fé e multiculturalidade que encheu as ruas da cidade. O percurso tem início na Igreja de São Domingos e termina no santuário da Penha, já de noite. Para muitos macaenses e chineses católicos, a peregrinação do 13 de Maio é um ponto de encontro entre famílias e amigos e também um costume passado de geração em geração.





ANÁLISE DE 2014 E IMPULSO PARA 2015

# Fórum de Macau reúne altos quadros

Com a presença de várias individualidades de China, países lusófonos e Macau, a 10.<sup>a</sup> Reunião Ordinária do Fórum fez o balanço da sua acção em 2014 e aprovou as actividades já preparadas para este ano. Foram também apresentados novos membros do organismo, com destaque para Echo Chan, nomeada para secretária-geral adjunta do Secretariado Permanente

A RAEM recebeu, no dia 31 de Março, a 10.<sup>a</sup> Reunião Ordinária do Secretariado Permanente do Fórum de Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa (Macau). Um evento marcado pela presença de dignitários de entidades como Ministério do Comércio da China, Gabinete de Ligação do Governo Popular Central na RAEM e Governo da RAEM, além de embaixadores lusófonos em Pequim e pontos focais dos países de língua portuguesa.

Durante a reunião, foi apresentada uma retrospectiva do trabalho realizado no ano passado pelo Secretariado Permanente do Fórum e



do Secretariado Permanente indicada pelo Governo da RAEM, Echo Chan, e os novos delegados de Angola, Belarmino Barbosa, e Moçambique, Francisca Reino.

O Secretariado Permanente revelou ter realizado trabalhos de promoção ao investimento e trocas comerciais, cooperação ao nível dos recursos humanos e desenvolvimento do papel de Macau como plataforma, cumprindo assim o plano de 2014. Um leque de actividades que foi depois explicado com detalhe.

### **Acções concretas**

No âmbito da promoção ao investimento e trocas comerciais, o Secretariado Permanente do Fórum organizou cerca de 30 actividades, da economia ao comércio, no Interior da China, nos países de língua portuguesa e em Macau. Serviram para divulgar as vantagens de Macau como uma plataforma, os ambientes de investimento e de negócio nos países de língua portuguesa e a promoção do Fundo de Cooperação e Desenvolvimento entre a China e os países de língua portuguesa. Em diversos eventos, o Secretariado Permanente instalou um pavilhão dos países de língua portuguesa ou um *stand* do Fórum de Macau, realizando também sessões de apresentação.

No âmbito da cooperação ao nível dos recursos humanos, o Centro de Formação do Fórum de Macau organizou seis colóquios em Macau e um em Portugal (cujos temas abrangeram serviços de alfândega, zonas económicas especiais, turismo, saúde pública, administração pública, políticas fiscais e cooperação), dando formação a um total de 164 pessoas, entre funcionários governamentais e profissionais dos países de língua portuguesa, do Interior da China e do Governo da RAEM.

No âmbito do desenvolvimento do papel de Macau como plataforma, o Secretariado Permanente organizou a 6.ª Semana Cultural da China e dos países de língua portuguesa, durante a qual grupos culturais e artistas do Interior do País, de Macau e dos países de língua portuguesa fizeram apresentações e exposições.

O Secretariado Permanente proporcionou ainda apoio à TDM – Teledifusão de Macau, S.A. e a vários canais televisivos e agências noticiosas dos países de língua portuguesa, visando a celebração de acordos de cooperação mútua, promovendo o intercâmbio na área de teledifusão entre a China e os países de língua portuguesa. ■



aprovado o programa de actividades para 2015. A Agência para a Promoção do Investimento do Ministério do Comércio da República Popular da China fez uma apresentação similar, mostrando as acções desenvolvidas pelo Grupo de Trabalho de Investimento em 2014 e o seu plano de actividades para 2015. Finalmente, o Banco do Desenvolvimento da China explicou em pormenor o ponto de situação do fundo de cooperação e desenvolvimento entre a China e os países de língua portuguesa.

No decorrer da reunião, procedeu-se também à introdução da nova Secretária-Geral Adjunta

LUSOFONIA 



EMBAIXADOR DE CABO VERDE NA CHINA

# “Há condições para catapultar a parceria bilateral a novos patamares”

**T** NUNO G. PEREIRA **F** GONÇALO LOBO PINHEIRO

Júlio Morais descreve uma relação calorosa entre Cabo Verde e China, com dinâmica crescente de negócios. Aponta desafios que é preciso superar, mas sublinha com optimismo que 2015 tem tudo para ser o melhor momento da cooperação entre os dois países

**Em 2013 afirmou acreditar que 2014 seria o ano de viragem nas relações económicas entre Cabo Verde e a China. Foi isso que aconteceu?**

Por força de atrasos imprevistos em estudos de viabilidade, só este ano iremos assinar documentos-quadro de projectos estratégicos da parceria económica bilateral, cada vez mais dominada pela dinâmica de negócios abrangendo áreas importantes da agenda de transformação de Cabo Verde. Se tudo decorrer conforme previsto, a minha premonição vingará este ano, ainda antes do quarto trimestre.

**Em que ponto está a cooperação entre os dois países?**

Há um ambiente favorável, a todos os níveis, nas relações bilaterais, que vêm adquirindo uma intensidade digna de registo. Este ano, a institucionalização do mecanismo de consultas políticas bilaterais e a realização da segunda sessão da Comissão Conjunta de Cooperação Económica, Comercial e Técnica irão reforçar a amizade e a confiança mútuas. Será também a forma de propiciar maior prossecução de projectos comuns em matéria de cooperação económica, consolidando condições para catapultar a parceria bilateral a novos patamares.

**Há obstáculos?**

O maior desafio ao aprofundamento e diversificação das relações económicas reside na concretização dos planos de cooperação já acordados, com estudos prévios de viabilidade consolidados e em curso, nas áreas de economia do mar, turismo, tecnologias da informa-

“HÁ PROJECTOS QUE VISAM A TRANSFORMAÇÃO DE CABO VERDE NUMA PLATAFORMA SEGURA E COMPETITIVA DE PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS ÀS FROTAS CHINESAS MERCANTIL, PESQUEIRA E AÉREA NO ATLÂNTICO MÉDIO”

ção e aero-negócios. Tal como acordado pelos dois governos, são projectos que visam a transformação de Cabo Verde numa plataforma segura e competitiva de prestação de serviços às frotas chinesas mercantil, pesqueira e aérea no Atlântico Médio, próximo dos grandes mercados e das principais fontes de matérias-primas estratégicas.

**Um desafio que também pode ser um contexto vantajoso para o reforço das relações entre China e Cabo Verde.**

Sim. É sobre esse pano de fundo que os próximos tempos testemunharão certamente uma maior aproximação entre governos, empresas públicas/ privadas e instituições financeiras dos dois países, na busca de melhores entendimentos e soluções mutuamente vantajosas. Procuramos também ultrapassar constrangimentos prevaletentes: o nosso endividamento público externo, as especificidades vocacionais de desenvolvimento de cada um dos países, as culturas negociais e legislações diferentes, o estágio embrionário das recém-criadas instituições financeiras chinesas no quadro do Fórum Sino-Africano e do Fórum Macau.

**Como analisa o papel de Macau nessa equação, com ênfase no papel de plataforma entre a China e os países de língua portuguesa?**

Em estrita observância do princípio “um país, dois sistemas”, Macau tem protagonizado importante papel na dinamização de contactos institucionais e comerciais entre a China e os demais países participantes no Fórum Macau, e, em particular, com Cabo Verde.

**Um país com o qual a RAEM tem ligações antigas.**

As relações de amizade e cooperação entre Cabo Verde e Macau remontam há décadas, com a chegada dos primeiros emigrantes ca-





bo-verdianos para trabalhar na função pública macaense, bem antes da transição em 1999 e, alguns, mesmo antes da independência de Cabo Verde. Mas a criação do Fórum Macau veio elevar o patamar de relações, com particular destaque para a intensificação de contactos a nível da cooperação económica, cultural e técnico-institucional. Por outro lado, Macau como plataforma tem servido para aproximar e divulgar Cabo Verde na RAEM e no Delta do Rio das Pérolas, mormente na perspectiva do potencial de cooperação económica e comercial, cuja dimensão e loca-

lização era de relativo desconhecimento da China até um passado recente. Hoje podemos falar de evidentes avanços, já traduzidos na projecção de investimentos concretos no meu país, estando agendado para breve o início da execução de um grande projecto de turismo, imobiliário e entretenimento na Praia, capital de Cabo Verde, por um conhecido grupo económico de Macau.

### VETERANO DA DIPLOMACIA

Júlio Morais foi o primeiro embaixador de Cabo Verde na China, posição que detém desde Agosto de 2005. Foi também, na sequência dessa nomeação, o primeiro diplomata cabo-verdiano a ser embaixador residente num país asiático. Ocupa cargos no Ministério das Relações Exteriores desde 1991, tendo antes desempenhado várias funções no Ministério do Planeamento e da Cooperação (1985-1991). Desde Setembro de 2012 que acumula o cargo de embaixador de Cabo Verde no Japão, mas mantém a sua residência em Pequim. O domínio das línguas é um dos pontos fortes do embaixador – fala fluentemente crioulo, português e russo, bastante bem francês, inglês e castelhano, e de forma satisfatória italiano e línguas eslavas. Estudou em Moçambique, Cabo Verde e Portugal, tendo obtido o mestrado em Relações Internacionais na Universidade T. G. Chevtchenko, em Kiev (Ucrânia).

### Pode dar mais exemplos?

Não posso deixar de referir que, desde 2003 (ano da criação do Fórum Macau), realizaram-se em Cabo Verde dois encontros de empresários da China e dos países de língua portuguesa (2008 e 2012). Além disso, evidencia-se uma crescente participação de empresários de Cabo Verde em eventos económicos em Macau e no Interior da China, assim como várias visitas de delegações empresariais de Macau e interior da China a Cabo Verde. Recordo ainda mais de duas dezenas de acções de formação de curta duração e estágios profissionais, e, por fim, a marcada consolidação do intercâmbio cultural, cujo ponto alto é anualmente traduzido na Semana Cultural e no Festival da Lusofonia em Macau.

### Mas ainda há muito a fazer, certo?

Em face do potencial latente, sim. A criação do Fundo da Cooperação para o Desenvolvimento entre a China e os Países de Língua Portuguesa, cuja operacionalização é vista com expectativas acrescidas, bem como uma maior atenção da agenda do Secretariado Permanente do Fórum Macau em torno de acções económico-empresariais, por um lado, e a consolidação institucional no seu funcionamento, por outro, indicam que estamos no bom caminho. Da par-

te dos PALOP, é com muita honra que passaremos a acolher visitas de líderes económicos e institucionais da RAEM, tão importantes para consolidar o ambiente favorável à cooperação multifacetada.

### **Cabo Verde atinge em 2015 os 40 anos de independência. O que representa a data para o país?**

Constitui um marco histórico no devir de um jovem país como Cabo Verde, cujos governos conseguiram eliminar o espectro da fome e do subdesenvolvimento, edificar um estado democrático e credível, com bons níveis de infraestrutura física e humana, e elevá-lo à categoria de País de Rendimento Médio (baixo escalão). Isto apesar dos constrangimentos estruturais – descontinuidade geográfica, seca cíclica, escassa população, precariedade de recursos naturais transformáveis – mas também graças ao apoio solidário dos seus parceiros de desenvolvimento. As conquistas animam-nos em prosseguir a gesta da construção de uma sociedade com um futuro cada vez mais promissor e sustentável.

### **Macau terá um papel nas comemorações?**

As comemorações estão impregnadas de simbolismo e autoestima, não podendo deixar de destacar o papel relevante da nossa diáspora que, inquestionavelmente, constitui um activo agente de desenvolvimento do país e sem a qual não estaríamos onde estamos hoje. Cabo Verde tem uma população emigrada superior à residente, com as remessas a atingir em média 10 a 12 por cento do PIB, tendo já chegado a cerca de 20 por cento. É neste quadro, considerando que Macau alberga a nossa maior

comunidade na Ásia (perto de 60 pessoas, incluindo nove estudantes) que decidimos transferir este ano as comemorações oficiais para a RAEM. Em coordenação com o nosso Consulado Honorário, as duas associações aqui registadas e o apoio das autoridades locais, iremos protagonizar um ambicioso programa, contendo actividades essencialmente culturais, evidenciando a nossa história e a nossa visão do futuro.

### **Embaixador de Cabo Verde na China desde 2005 e, cumulativamente, no Japão desde 2012, como tem sido a sua experiência na Ásia?**

Apesar da sua diversidade étnico-religiosa e a turbulência da sua história, a Ásia é também caracterizada pela profundidade idiossincrática, onde a harmonia do ser/estar do homem consigo próprio (individualmente e, sobretudo, em família, valor de transcendental importância neste continente) e com a natureza constitui um denominador mais do que comum. Foi este traço que mais me marcou, instando sempre a questionar-me sobre o equilíbrio e a pertinência das minhas decisões, numa busca constante da perfeição. Ou seja, o corolário da síntese de forças fundamentais opostas e complementares (o *yin* e o *yang*), que se encontram em todas as coisas e que expõem a dualidade de tudo que existe no universo, num dialéctica em transformação contínua. Embora possa parecer contraditório, não foi sem surpresa que também me apreendi da natureza pragmática e orientada para resultados da praxis da vida quotidiana dos asiáticos, atingindo amiúde os limites do razoável quando confrontada com as especificidades acrescidas do mundo judaico-cristão, onde predominam os valores do amor ao próximo, da compaixão e da misericórdia.

### **Tem sido uma aprendizagem única?**

Estas descobertas, embora imersas no meu subconsciente desde os tempos da vida académica, adquiriram aqui vitalidade com o passar dos anos, pelo interagir com a sociedade chinesa (já que resido em Pequim) mas reproduzindo-se também sempre que viajava para locais como Índia, Japão, Mongólia, Tailândia ou Vietname. À parte disso, foi de extrema utilidade e um prazer conviver com estas sociedades numa dinâmica de aprendizagem e autoquestionamento (por vezes, até, problemático) constantes. ■

---

AS RELAÇÕES DE AMIZADE E COOPERAÇÃO ENTRE CABO VERDE E MACAU REMONTAM HÁ DÉCADAS, COM A CHEGADA DOS PRIMEIROS EMIGRANTES CABO-VERDIANOS PARA TRABALHAR NA FUNÇÃO PÚBLICA BEM ANTES DE 1999 E, ALGUNS, MESMO ANTES DA INDEPENDÊNCIA DE CABO VERDE



## MOMENTOS MARCANTES NA RELAÇÃO CHINA-CABO VERDE

Profundo conhecedor de toda a evolução do relacionamento entre China e Cabo Verde, Júlio Morais fez uma cronologia dos seus momentos mais importantes.

**1976** Estabelecimento formal das relações diplomáticas

**1982** Acordo Cultural

**1998** Acordo de Promoção e Protecção Recíprocas de Investimentos

**2001** Abertura da embaixada de Cabo Verde em Pequim (1ª missão diplomática do país na Ásia)

**2004, 2006 e 2012** Visita oficial do primeiro-ministro de Cabo Verde à China

**2005** Acreditação do 1º embaixador de Cabo Verde na China; Acordo de Supressão de Vistos Cabo Verde-RAEM

**2007** Acordo Geral de Cooperação Militar

**2007 e 2010** Visita oficial do Presidente da República de Cabo Verde à China

**2009** Visita oficial do vice-primeiro-ministro da China a Cabo Verde

**2010** 1ª sessão da Comissão Conjunta de Cooperação Económica, Comercial e Técnica, em Pequim (2ª sessão deve realizar-se este ano); Acordo de Serviços Aéreos Cabo Verde-RAEM; Convenção para Evitar Dupla Tributação Cabo Verde-RAEM

**2011** Criação da ONG cabo-verdiana Associação de Amizade Cabo Verde-China

**2011-2012** Parcerias formalizadas entre Universidade Pública de Cabo Verde e universidades provinciais chinesas

**2013** Acordo de Cooperação Jurídico-Judiciária Cabo Verde-RAEM

**2014** Acordo de Supressão de Vistos em Passaportes Diplomáticos e Passaportes de Serviço

**2015** Protocolo para instalação do Instituto Confúcio em Cabo Verde



# Quatro estrelas de Macau para Bissau

Numa altura em que muito se fala da cooperação entre a China e os países de língua portuguesa, há quem passe das palavras aos actos. É o caso do empresário de Macau John Lo, que volta a apostar na Guiné-Bissau, desta vez no ramo da hotelaria

**T** SOFIA JESUS  
**F** GONÇALO LOBO PINHEIRO

É NUM terreno de cerca de 1500 metros quadrados que vai nascer a mais recente aposta de John Lo na Guiné-Bissau. O empresário de Macau planeia começar a construir ainda este ano um hotel de quatro estrelas no centro da capital do país africano. Um investimento que está avaliado em 30 milhões de euros, ou seja, o equivalente a mais de 291,7 milhões de patacas.

A ideia de erguer uma unidade hoteleira na capital do país, Bissau, existe “há já alguns anos”, conta o presidente da Sociedade Internacional Grupo Excelente, mas a instabilidade política no país levou ao adiamento da sua concretização. Agora, alega, estão reunidas as condições para avançar com o plano: “Acredito que o novo Governo [liderado por Domingos Simões Pereira e que tomou posse em 2014] pode ser estável.”

O projecto, explica John Lo, consiste na construção de um hotel de cinco andares, que incluirá também uma cave, e que deverá disponibilizar “entre 80 e 100 quartos”, além de uma sala de conferências com capacidade para 200 a 300

pessoas. A unidade hoteleira deverá ter ainda dois restaurantes, um de comida chinesa e outro de gastronomia ocidental, “provavelmente cozinha portuguesa”.

O empresário reconhece que a Guiné-Bissau não é um país virado para o turismo, mas não se mostra preocupado. “Na Guiné-Bissau, as infra-estruturas não são muito boas. Os visitantes estrangeiros são geralmente pessoal das organizações não governamentais, empresários ou pessoas que participam em conferências. Este é o alvo”, revela, dizendo acreditar que haja mais congressos no país no futuro.

Além de engenheiros e outros técnicos especializados, que poderão vir da China ou de Portugal, a construção do hotel contará com mão-de-obra local, já que, argumenta John Lo, há muitos trabalhadores guineenses com boa experiência na área da construção civil que desempenharam funções em Portugal ou noutros países europeus. Mais tarde, quando o hotel estiver em funcionamento, a ideia é também oferecer emprego aos locais, o que poderá passar pela contratação de “entre 100 e 150 trabalhadores guineenses”. Estes profissionais poderão vir a receber forma-



ção especializada por parte de Macau, um território que, lembra o empresário, é “muito forte” na área da hotelaria.

### Mais projectos

As ligações de John Lo à Guiné-Bissau remontam ao ano de 2000. O também cônsul-honorário do país em Macau reconhece que de início os investimentos no país africano o fizeram “perder dinheiro”, mas garante que a iniciativa começou a dar lucro a partir de 2005. Hoje, dispõe de al-

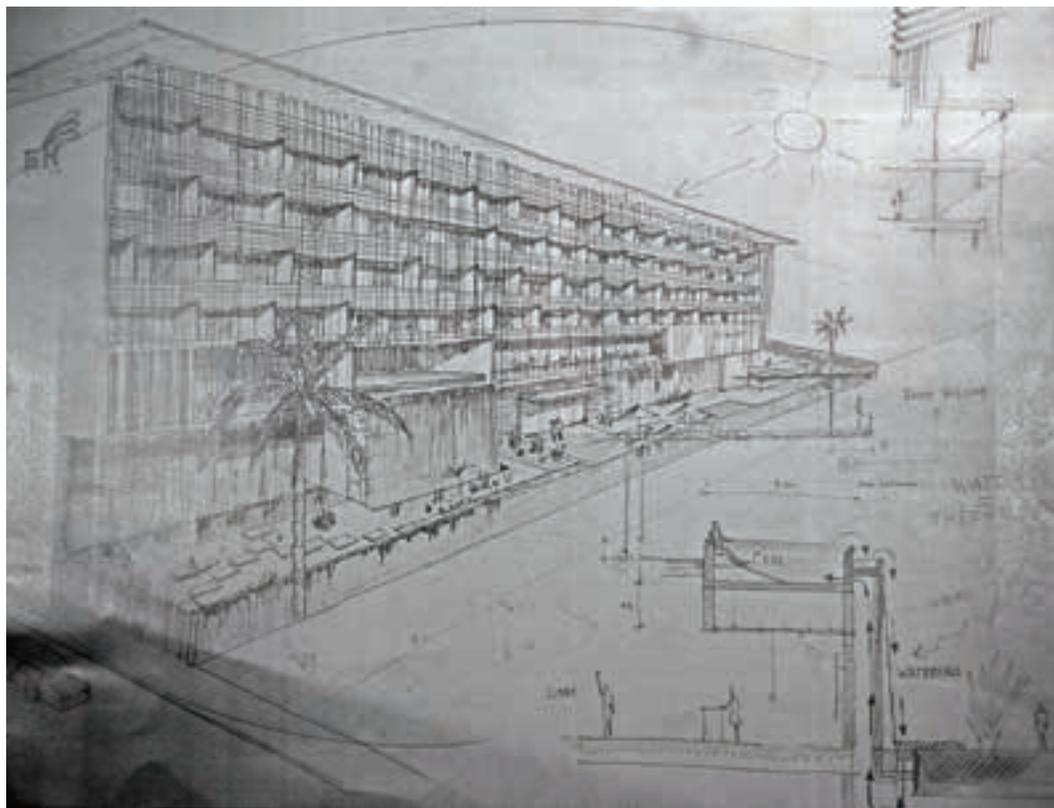
guns terrenos no país e sonha já com outros projectos.

Um dos possíveis negócios está relacionado com a construção de um prédio residencial na Guiné-Bissau, o que implicará ainda negociações com os bancos locais. Outra das ideias é a construção de um edifício comercial com escritórios para alugar, por exemplo, a eventuais investidores chineses ou de outros países asiáticos. Na calha está também a construção de uma fábrica que produza águas en-

garrafadas. Por outro lado, há já uma parceria com a cidade chinesa de Zhuhai para a exploração de viveiros de camarões e que tem como alvo o mercado europeu.

### Novos investidores

O empresário acredita que talvez tenha sido um dos primeiros de Macau a avançar com este tipo de projectos na Guiné-Bissau, mas adianta que hoje em dia há algumas empresas da RAEM que poderão estar interessadas em



○ PROJECTO CONSISTE NA CONSTRUÇÃO DE UM HOTEL DE CINCO ANDARES E QUE DEVERÁ DISPONIBILIZAR ENTRE 80 E 100 QUARTOS, ALÉM DE UMA SALA DE CONFERÊNCIAS COM CAPACIDADE PARA 200 A 300 PESSOAS E DOIS RESTAURANTES

avançar também, inclusive da área da banca.

De acordo com John Lo, em termos gerais o número de investidores estrangeiros na Guiné-Bissau tem vindo a crescer nos últimos anos. Uma tendência que justifica com o facto de os custos associados aos investimentos neste país não serem muito altos e com a falta de uma concorrência agressiva.

John Lo considera que apesar da grande distância que separa os continentes africano e asiático, no futuro, mais empresários vindos do Oriente deverão apostar em África, onde lhes será mais fácil rentabilizar os investimentos, já que gozam de uma “maior experiência” e da possibilidade de “apresentar novas ideias” em locais onde os negócios “não são muito fortes”. Por outro lado, lembra, a China é um país-fornecedor de enorme dimensão, o que faz com que os empresários chineses possam comprar “produtos ou equipamentos [na China] a custos muito baixos”.

### Estender a mão

Mas será que a Guiné-Bissau e outros países africanos vêm com bons olhos este tipo de investimento proveniente do outro lado do mundo? John Lo está convicto de que sim. “Dão as boas-vindas [a este tipo de projectos]. Precisam de investidores estrangeiros. Estes podem ajudá-los a melhorar as técnicas ou a melhorar a sua experiência. [Este tipo de relações] permite dar-lhes a ver mais”, afirma, lembrando que em África “há muita gente que nunca saiu do seu país” e, apesar de a Internet ser hoje em dia “muito popular”, há realida-



ALÉM DE ENGENHEIROS E OUTROS TÉCNICOS ESPECIALIZADOS, QUE PODERÃO VIR DA CHINA OU DE PORTUGAL, A CONSTRUÇÃO DO HOTEL CONTA COM MÃO-DE-OBRA LOCAL, JÁ QUE HÁ MUITOS TRABALHADORES GUINEENSES COM BOA EXPERIÊNCIA NA ÁREA DA CONSTRUÇÃO CIVIL QUE DESEMPENHARAM FUNÇÕES EM PORTUGAL OU NOUTROS PAÍSES EUROPEUS

des que podem ser fáceis de “ver”, mas onde não se chega a “tocar” directamente.

Relação de 15 anos, a cooperação entre John Lo e a Guiné-Bissau tem sido visível também a nível das doações que o grupo empresarial de Macau tem feito para o país africano. Arroz, material hospitalar e carros de combate a incêndio são alguns dos produtos e equipamentos fornecidos nos últimos anos à Guiné-Bissau. Para 2015, está previsto o envio de cerca de 200 computadores e outro tipo de material informático para o parlamen-

to guineense, estando também aberta a possibilidade de mais tarde se enviar um conjunto de computadores usados em bom estado para dar resposta às necessidades dos estudantes.

Em Macau vivem actualmente “entre três e cinco dezenas” de guineenses, estima o empresário, que lhes presta apoio na qualidade de cônsul-honorário, um cargo que exerce desde 2008. Entre estes guineenses estão bolsistas da Fundação Macau e outros estudantes universitários. ■

# A nálise



# VIZINHANÇA DISTANTE



**T** SANDRO MENDONÇA\*

**OS PAÍSES** independentes ou os territórios autónomos situam-se não só em espaços geográficos mas também em linhas de trânsito. A importância estratégica dessas entidades pode ser medida em termos vizinhanças e afastamentos em relação umas às outras. Contudo, num mundo moldável as verdadeiras proximidades e distâncias são construídas. Isto é, não são um dado estático: são uma variável estratégica.

\* Professor de Economia, ISCTE Business School – Instituto Universitário de Lisboa. Leciona em programas doutorais ministrados em universidades da China Continental

### A GLOBALIZAÇÃO É LÍQUIDA

O mundo não é simétrico. Cerca de 70 por cento do planeta é coberto por água. Mas cerca de 90 por cento do comércio mundial de mercadorias circula por via marítima.

Depois de muito esquecimento a água está de regresso como um elemento económico e estratégico de primeira importância. Porém, a água é mais que um recurso, é um meio que permite ligar recursos a usos: é um a infra-estrutura.

A presença neste elemento é um activo estratégico. E pode haver “escassez” ou “excesso” de acesso a ele.

### O TABULEIRO MUNDIAL É ASSIMÉTRICO

EXISTEM 206 Estados listados pelas Nações Unidas. E variam bastante em termos da sua relação com a auto-estrada da globalização que são os mares e os oceanos. Por exemplo, quase metade dos países do mundo são completamente cercados por água ou terra: 95 países ao todo.

Por um lado, temos países completamente cercados por terra. Quase 25 por cento dos países estão nesta condição: 48 Estados não têm costa marítima, nenhum deles lusófono. Exemplos são a República Checa na Europa, a Zâmbia em África, o Paraguai na América Latina, a Mongólia na Ásia. Em geral, embora com excepções como a Suíça, estes são países muitas vezes com uma inserção estrangida na economia-mundo. Ao todo representam apenas 11,4 por cento da superfície terrestre e 6,9 por cento da população.

Para cerca de 12 destes Estados, aliás, a situação ainda é mais vincada: dez Estados só têm fronteiras com um ou dois países (como o Nepal, com a China e a Índia) e dois são duplamente cercados por terra (caso do Uzbequistão, país cercados por países que eles próprios não têm acesso ao mar).

Por outro lado, para cerca de 47 países a água é tanta que os cerca por completo. Estes países são ilhas-nação (ou então ocupam parte de ilhas ou arquipélagos, 9 dos 47). Podem ter superfícies muito grandes (Austrália) ou muito pequenas (Cabo Verde). Varia muito também em termos de população (populosos como Cuba ou pouco habitados como Tuvalu). No seu conjunto explicam 9,9 por cento da população mundial e 9,4 por cento da superfície terrestre.

Alguns países arquipelágicos podem ser considerados ricos (Japão ou Nova Zelândia), mas muitos dos outros são países em desenvolvimento (São Tomé e Príncipe) ou mesmo por vezes considerados inviáveis (Nauru). Ou seja, “penúria de acesso” marítimo é um obstáculo ao desenvolvimento, mas “excesso de acesso” também pode ser uma barreira.

---

ENCONTRAR O NOSSO  
LUGAR NO MUNDO NÃO  
É UMA ESCOLHA  
ESTÁTICA: É UMA  
NAVEGAÇÃO  
DINÂMICA



### A GLOBALIZAÇÃO É INTERCONEXÃO

Existem países entre continentes e entre oceanos. São países que estão nas passagens, no feixe dos intercâmbios. Cerca de um quarto de todos os países do mundo beneficiam de uma condição inter-oceânica ou inter-continental.

Existem países com acesso a mais que um mar ou oceano. Existem 25 países com este tipo de fronteiras marítimas. Por exemplo: no continente africano temos a África do Sul (Atlântico e Índico); na Ásia temos, por exemplo, a Indonésia (Índico e Pacífico); nas Américas, entre outros, o México (Pacífico e Atlântico).

Existe um conjunto de países que podem ser descritos como trans-continentais. Temos uns 8 países nestas condições. Exemplos são a Rússia, que cobre a plataforma continental euro-asiática, e também o Egipto, que liga a África à Ásia.

Contudo, podem ainda acrescentar-se a estes cerca de 20 outros países que possuem territórios descontínuos em outros continentes. Um caso especialmente curioso é o de Portugal. Neste caso a Madeira está, por um lado, associada ao continente africano e os Açores, por outro, têm duas ilhas (o Corvo e as Flores) que estão adstritas à placa tectónica Americana. Estas circunstâncias fazem de Portugal um caso raro de país tri-continental. Outra instância de um país a conseguir reclamar-se do mesmo é o Chile (América, Oceânia, Antárctida).

### PENSAR O MUNDO COMO UMA INTERLIGAÇÃO DE FRAGMENTOS

Em resumo, apesar do muito que se já disse sobre a globalização é possível perceber que não existe uma inserção “típica” ou “normal” neste processo complexo e em transformação. Cerca de metade dos países estão “isolados”, seja em terra seja em mar. A outra metade nem uma coisa nem outra: contudo, metade desta metade consegue ligar continentes ou unir mares-oceano, articulando plataformas massivas de água ou terra.

A imagem a que chegamos é, por isso, a de um mundo ele próprio arquipelágico: uma distribuída poeira de centros e periferias.

Assim, encontrar o nosso lugar no mundo

MACAU ESTÁ EM BOA POSIÇÃO PARA SE ESPECIALIZAR TIRANDO PARTIDO DA PROXIMIDADE HISTÓRICA E SIMBÓLICA COM OUTRAS LOCALIZAÇÕES LONGÍNQUAS. PODE TIRAR PARTIDO DO QUE SE PODE DENOMINAR “ESFERA DE EMPATIA”

não é uma escolha estática: é uma navegação dinâmica. Existem várias noções de proximidades e distâncias. Influenciar que definições serão essas é o domínio da visão estratégica e dos grandes desenhos de posicionamento nas malhas dos interesses internacionais.

### JOGADAS DE ESTRATÉGIA NUM MUNDO FRAGMENTADO

Se o mundo é uma concatenação de cacos, mais ou menos grandes/pequenos e mais ou menos próximos/distantes uns dos outros, então a sobrevivência e o sucesso podem depender da capacidade de tirar partidos das massas (de dimensão continental) e dos fluxos (que passam pelos mares-oceano). Alguns países sempre fizeram assim como aposta nacional: especializaram-se em actividades que capitalizam relações longínquas. Isto é, fizeram da gestão da distância física um “modelo de negócio”.

O Vaticano, ocupando uma posição central no Mediterrâneo, desenhou-se há dois mil anos como ponto de concentração de uma rede global de unidades religiosas. É uma sede de uma actividade de serviços espirituais com um sucesso ímpar.

O Panamá foi inventado no início do século XX como modo para levar a cabo a construção do canal. Ainda hoje as receitas do negócio de logística inter-oceânica representam uma proporção significativa do seu rendimento alimentando também actividades auxiliares como a finança, o turismo e o comércio.

Singapura concebeu-se no imediato pós Se-



gunda Guerra Mundial como um “neo-entreposto”, soberano e sofisticado. Com uma estrutura política musculada ou uma democracia rígida, a cidade-Estado ofereceu-se aos mercados e investidores como um nicho seguro para serviços como a finança, actividades marítimas e indústria do jogo.

### UM CONCEITO PARA POSICIONAMENTO GLOBAL

Nos domínios da disciplina das relações internacionais existe um conceito conhecido como “o estrangeiro próximo” (o *near abroad*). Este refere-se a uma cintura de países geograficamente próximos (por exemplo, as ex-repúblicas soviéticas) em relação aos quais uma grande potência (neste caso, a Rússia) tem uma atenção chegada (aquilo se denomina por “esfera de influência”).

Por reversão de analogia, territórios pequenos podem ter longe das suas fronteiras países que são culturalmente próximos. Macau situa-se entre as maiores massas gigantes de terra e água do mundo: além a Ásia e o Pacífico, aqui a China e o mar da China. Nesse interstício está Macau em boa posição para se especializar tirando partido da proximidade histórica e simbólica com outras localizações longínquas. Macau pode tirar partido daqui-

### CASOS-LIMITE: ENCLAVES E ISTMOS

Um país ou território completamente envolvido por outro é um “enclave”. Três casos existem nestas condições: Lesoto (rodeado pela África do Sul), São Marino (república muito antiga e cercada pela Itália) e Vaticano (Estado religioso na cidade de Roma, capital da Itália). Em contraposição, há um caso particular de um país que deve a sua existência precisamente a ser um istmo: o Panamá, delgada faixa entre dois imensos oceanos e que simultaneamente liga duas gigantes massas continentais.

lo, então, que se poderia denominar também de “esfera de empatia”.

Os países da lusofonia (espalhados pelos quatro outros continentes, banhados por vários mares-oceano) podem ser exactamente essa “vizinhança próxima” (uma *faraway neighbourhood*). Isso mais que justificaria a viabilidade da identidade e da prosperidade de um território tão especial como Macau por mais uns tantos vindouros séculos. ■

# BNU, o seu Parceiro de Negócio em Macau



Web site: [www.bnu.com.mo](http://www.bnu.com.mo)

*O Banco Nacional Ultramarino é uma referência para todos aqueles que, ao longo de mais de um século de actividade, nos privilegiaram com a sua preferência.*

*Orgulhamo-nos da nossa história e do apoio que sempre demos e recebemos da comunidade local.*

*Hoje, como ontem, acreditamos no futuro e o apoio da Caixa Geral de Depósitos, um dos maiores grupos financeiros europeus, com uma vasta e abrangente rede de balcões em 20 Países da Europa, Ásia, África e Américas, permite ao BNU otimizar o seu conhecimento local com uma profunda experiência internacional e colocar ao seu dispor um conjunto de soluções criativas, dinâmicas e integradas.*

*Porque estamos determinados a ser bem sucedidos, acreditamos que o BNU é o seu Parceiro de Negócio em Macau.*

## **BNU**

Banco Nacional Ultramarino  
大 西 洋 銀 行



— Desde 1902 —



# Portugal e China ligados pela comunicação

Um canal de televisão, um jornal quinzenal e um suplemento num jornal diário português. Nunca portugueses e chineses estiveram tão próximos no que diz respeito a meios de comunicação social. Para os intervenientes, esta é a melhor forma de dar a conhecer Portugal à China e China a Portugal

**T** MÓNICA MENEZES  
Em Portugal

**TUDO COMEÇOU** com a gravação da festa do Ano Novo Chinês em 2014. A Web TV *A Voz Local*, da empresa Pedestal d'Ideias, fez a reportagem do evento e exibiu-a no seu site. O sucesso foi tal que começou a ser pensado que um canal chinês em Portugal faria todo o sentido. E assim surgiu a CCTV Portugal (abreviatura



de Comunidade Chinesa TV Portugal, sem nenhuma ligação ao canal estatal chinês CCTV). Yping Chow, fundador e diretor da CCTV, e também presidente da Liga dos Chineses em Portugal, conta o que se pode esperar deste canal de televisão que, por enquanto, ainda só estará visível através da Internet. “É um canal que vai criar oportunidade de negócio o que faz com que, automaticamente, se torne mais fácil as empresas portuguesas entrarem no mercado chinês.” Mas não só. A ideia de Yping Chow é ter, para já, dois ou três vídeos semanais que mostrem a cultura chinesa, como os chineses vivem em Portugal e como as suas famílias e amigos vivem na China. “Ter vídeos da China é imprescindível para dar a conhecer melhor aquele país, para os chineses que estão cá matarem saudades e para determinadas zonas da China serem conhecidas turisticamente.”

Transformar esta televisão online num canal por cabo não é nada que não esteja nos planos de Yping Chow, mas até antes disso há um objetivo que o diretor quer atingir a curto prazo. “Gostava muito de criar um programa para ensinar frases em chinês aos portugueses”, explica. Para isso é preciso primeiro encontrar a cara do canal que deverá ser chinesa. “Em Portugal não faltam canais de televisão nacionais, faltam é canais locais. Depois, se chegarmos a ser um canal por cabo melhor, mas também não estou à espera de este ser um canal onde eu vá ganhar muito dinheiro. O que posso dizer é que vai ser um canal popular para quem gosta da China e para pessoas que tenham alguma ligação com a China.”

A viver em Portugal há mais de 50 anos, Yping Chow quer ajudar os cerca de 25 mil chineses imigrantes a matar saudades do seu

país e ajudar os portugueses a fazer negócios com os chineses. “Só em Fevereiro deste ano o turismo chinês em Portugal aumentou 50 por cento, por isso há aqui oportunidade de negócio não só pelo turismo como em produtos que os portugueses podem dar a conhecer aos chineses.”

E como é uma televisão virada para a China e para os chineses, mas também para os portugueses é natural que à sua frente também esteja um profissional luso. José Ferreira, fundador e subdirector da CCTV, proprietário da Pedestal d’Ideias, não esconde o orgulho do novo projecto que acaba de abraçar. “Trata-se de um projecto diferente, novo, agregador e de grande importância para Portugal e também para a comunidade chinesa a residir em Portugal”, assume. Embora o canal tenha acabado de nascer, José Ferreira tem bem definido na sua cabeça o que quer que os espectadores deste canal vejam: notícias que vão desde a cultura à economia, passando também pelo desporto, áreas que todas juntas contam a história de um país. “É um projecto abrangente que exportará para o mundo as vivências da comunidade chinesa em Portugal e trará da



**José Ferreira, subdirector da CCTV**

China múltiplos conteúdos de interesse, não só para as comunidades chinesas, mas para toda a população.”

Tal como Yping Chow, o subdirector também acredita que este canal pode ser uma porta aberta para a concretização de negócios que favorecerão ambos os países. “Ao reunir em televisão os vários interesses económicos, as oportunidades de negócio podem servir de trampolim para áreas como o turismo, saúde, construção, entre outras.”

A nível da cultura, a CCTV Portugal tem um papel fundamental pois irá abarcar áreas como

PAULO CORDEIRO



**Yping Chow quer mostrar a cultura chinesa, como os chineses vivem em Portugal e na China**

a alimentação, a música e o teatro. “Os rituais e a própria língua serão, sem dúvida, a grande montra deste canal”, conta. De forma resumida, o subdirector do canal aponta quais as mais-valias tanto para portugueses como para chineses com a chegada deste canal. “Trata-se de um projecto que procura a inclusão social, uma sociedade coesa e harmoniosa. A integração dos imigrantes chineses em Portugal sairá, certamente, beneficiada. Queremos que a comunidade chinesa se sinta bem no nosso país. Da mesma forma que os portugueses perceberão a mais-valia que, muitas vezes, é a presença de estrangeiros em Portugal.”

### O diário quinzenal

Foi também a pensar nos estrangeiros em Portugal, neste caso nos chineses, e no interesse que os portugueses têm ou podem vir a ter na China que surgiu, primeiro em formato digital e agora em papel, o *Diário de Todos*. Helena da Cruz Mouro conta que a edição online foi criada por Fernando Yang, actual director adjunto do *Diário*, e serviu para fazer a ligação “directa entre o mercado de leitores da grande China e as notícias económicas, sociais e culturais portuguesas que acreditamos constituir uma ferramenta de apoio à decisão de empresários e investidores chineses em Portugal, na Europa e nos países de língua portuguesa.”

O jornal conta com uma equipa jovem e muito minimalista de dez profissionais luso-chineses e portugueses, conta a directora do mesmo. “Aproveito para desvendar que alguns dos profissionais são naturalmente bilingues e outros estão a aprender ou a língua chinesa ou a língua portuguesa. Na redacção tanto se ouve conversar em português, como em mandarim, a língua oficial da China, como também em cantonês, o dialecto do Sul da China com mais de 70 milhões de falantes”, esclarece Helena.

O *Diário de Todos* é, na perspectiva da directora, um espaço “onde personalidades de língua portuguesa ou chinesa poderão ser alternadamente entrevistadas e ainda onde temas de elevado interesse para a China ou para os países de língua portuguesa, incluindo Portugal, poderão ser abordados.” Este jornal bilingue tem perto de 130 páginas e é rigorosamente dividido em duas partes iguais: a parte chinesa e a parte portuguesa. Mas cada uma delas não é a tradução da outra. E é este ponto que deixa Helena extremamente orgulhosa: “Desengane-se os que acham que o jornal bilingue con-



A LÍNGUA PORTUGUESA E A LÍNGUA CHINESA PODEM ESTAR EM NÍVEIS OPOSTOS DE ENTENDIMENTO TAL É A DIFICULDADE QUE AMBOS OS PAÍSES SENTEM AO OUVIR AS PALAVRAS DE UNS E DE OUTROS, MAS COM O APARECIMENTO DESTES NOVOS ÓRGÃOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL É UM NOVO PASSO PARA FACILITAR O CONHECIMENTO ENTRE DUAS CULTURAS TÃO DIFERENTES



Helena da Cruz Mouro (ao centro) quer ligar leitores portugueses e chineses através do *Diário de Todos*

ta com a total duplicação de conteúdos, uma mera tradução de uma das versões. A versão em língua portuguesa trabalha por isso as notícias sobre a China, o mundo chinês e os países de língua portuguesa, e a versão em língua chinesa faz o acompanhamento das notícias sobre Portugal e os países de língua portuguesa.” Por isso, e para não perder pitada de informação, o ideal é dominar os dois idiomas.

Este jornal é a primeira plataforma informativa especializada em economia e cultura escrita em língua portuguesa e chinesa. “Este projecto de dimensão estratégica global vem juntar e materializar as vontades e visões há muito existentes nas sociedades portuguesa e chinesa, mas também de todo o espaço de línguas portuguesa e chinesa, incluindo as suas diáspora no mundo”, afirma Helena. E vai



mais longe: “Tal como as nossas vocações universalistas, a portuguesa e a chinesa, ambos iniciámos a epopeia de mais de dez mil milhas através do primeiro passo e foi este o passo a que nos propusemos.”

Quem comprar o *Diário de Todos* poderá ler um conteúdo 70 por cento dedicado à economia, e os restantes 30 distribuídos por notícias ligadas ao turismo, *lifestyle*, cultura e desporto. Com nomes como os da professora Teresa Cid ou do antigo secretário da Administração, Educação e Juventude Jorge Rangel, este jornal pretende dar a conhecer visões diferentes das que estão em voga nos meios em Portugal e, sobretudo, “procura reunir a *intelligentsia*, as elites pensantes, sobre as questões estratégicas comuns que tanto importam para o mundo chinês como para o mundo em língua portuguesa. Esta é também uma plataforma de reflexão Oriente-Occidente”, assegura Helena da Cruz Mouro.

### Um jornal feito em dois países

Afonso Camões, director do diário português *Jornal de Notícias* (JN), explica qual o conceito que norteia um projecto que acaba de arrancar e envolve Macau e a relação entre a China e a lusofonia. Para Afonso, é a forma como a China olha com cada vez mais interesse para Portugal, tal como para toda a geografia da língua portuguesa [especialmente Moçambique, Angola e Brasil], que faz “todo o sentido dar mais expressão noticiosa e editorial a uma relação que ambos os países têm interesse em desenvolver e consolidar, quer no plano económico, quer no plano cultural.”

E foi desse interesse que surgiu a ideia de uma publicação bilingue, a ser publicada juntamente com o *Jornal de Notícias*. “A ideia nasceu em Macau e foi-nos proposta pelo semanário *Plataforma Macau*. Trata-se, para já, de um acordo no plano comercial. Um velho ditado português que os chineses entendem bem diz que “fidalguia sem comedoria é gaita que não assobia”, refere Afonso Camões. Isto para dizer que só em função do sucesso desta vertente comercial é que serão dados passos mais firmes na parceria editorial, “quer na permuta de conteúdos, quer na regularidade das publicações conjuntas”, assegura Camões.

O director do JN acredita que o jornal que dirige é o único grande título português que acompanha regularmente a vida das comunidades estrangeiras residentes em Portugal, “como é o caso da comunidade chinesa, uma



Afonso Camões, director do *Jornal de Notícias*

das mais dinâmicas entre nós”, e o lançamento deste suplemento será uma mais-valia tanto para portugueses como para chineses. “Os primeiros suplementos serão mensais, mas a ideia é intensificar essa regularidade e estender a troca de conteúdos editoriais às plataformas digitais”, explica o director.

A língua portuguesa e a língua chinesa podem estar em níveis opostos de entendimento tal é a dificuldade que ambos os países sentem ao ouvir as palavras de uns e de outros, mas com o aparecimento destes novos órgãos de comunicação social é um novo passo para facilitar o conhecimento entre duas culturas tão diferentes que estão cada vez mais próximas por via da economia, turismo e cultura. ■

### MÚSICA PARA CHINESES

A Íris FM, uma rádio local da zona de Benavente, tem como sócio maioritário Liang Zhang, um cidadão chinês há muito residente em Portugal. Embora não haja nenhuma programação especialmente pensada para os asiáticos, há, segundo o que Luís Bernardo, director da estação, disse alguns programas produzidos em Macau “graças a um protocolo estabelecido com a Rádio Internacional da China (CRI)”, mas que passam exclusivamente em português. Estes programas incluem entrevistas a portugueses que vivem em Macau e seguem uma *playlist* que também integra música chinesa.

# Português ao palco

T DIANA DO MAR E FÁTIMA VALENTE

F GONÇALO LOBO PINHEIRO

O português continua a despertar o interesse dos chineses. Seja por motivações económicas ou culturais, a língua é vista como uma oportunidade para alargar horizontes





學子

SE

PRESID.

**TALVEZ FOSSE** difícil a Almada Negreiros imaginar que *Antes de Começar* continuasse a ser levada à cena, quase um século depois de a ter escrito. Mais ainda que a peça infantil viria a servir um dia, e a partir do palco de um campus universitário na China, de ponte para o mundo da língua portuguesa. Esse palco é uma sala de aula como outra qualquer, em que se descobre, através do teatro, uma nova forma de olhar o português.

Tiago Wong, de 30 anos, foi um dos que acompanhou a peça, representada por um grupo amador de Portugal, transmitida em vídeo, a milhares de quilómetros de distância, na Universidade de Macau. Por via do contacto com a obra de Almada Negreiros compreendeu que o teatro lhe permite ir além da própria língua: “Não é só texto, precisamos de conhecer a cultura, a história. Sa-

ber as emoções. Para nós é complicado”. Também a colega Joaquina Ng Ka, de 22 anos, reconhece que “não é fácil aprender assim”. Ambos nasceram em Macau e têm em comum uma passagem pela Universidade de Coimbra para aprofundar conhecimentos na língua de Camões, para a qual despertaram com idênticas motivações.

Um dos mais velhos da turma, Tiago trocou as ciências pelas letras, após uma licenciatura em Química em Taiwan e, depois de ter sido professor, decidiu voltar a ser aluno. Optou por “estudar português para aprender mais sobre a cultura portuguesa, porque influencia muito Macau, e para saber mais da história”, mas pode ser que no futuro venha a ser “intérprete ou tradutor no Governo”, diz, sem esconder a vontade de criar uma empresa para fazer negócios com os

países de língua portuguesa. Também Joaquina pondera o ofício de tradutora ou outra profissão, desde que ‘mexa’ com a língua portuguesa.

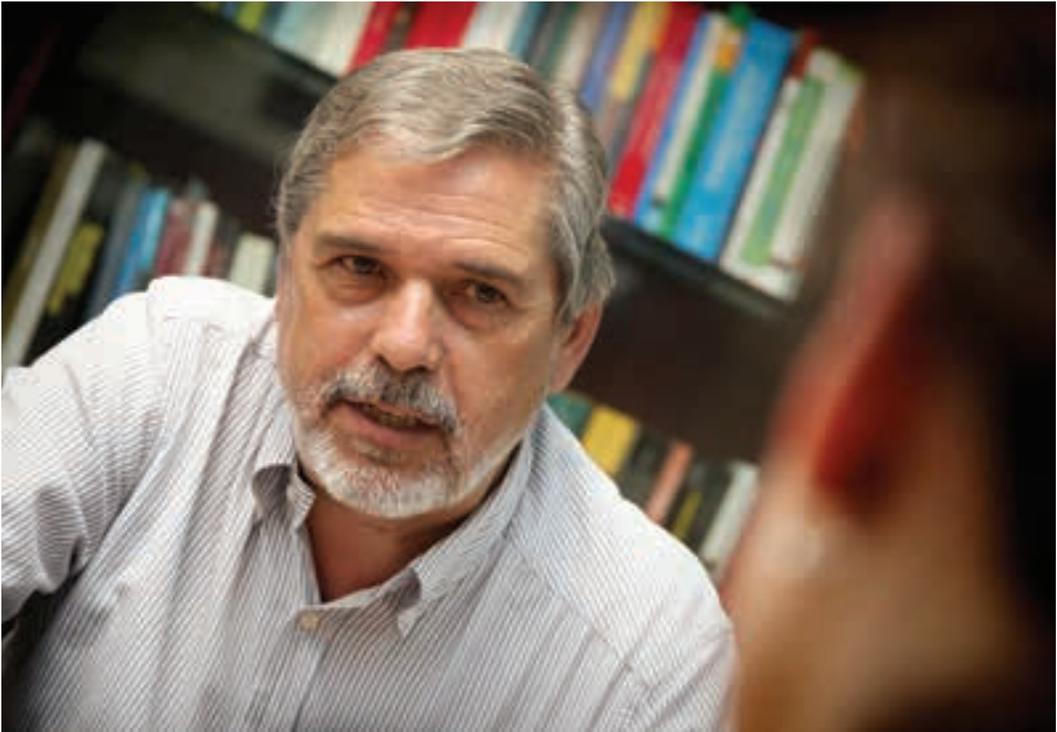
Ambos encaixam no perfil traçado pelas instituições de ensino que colocam o “factor emprego” – seja dentro ou fora de portas – no topo das motivações de quem se interessa pelo português. Luciano de Almeida, director da Escola Superior de Línguas do Instituto Politécnico de Macau (IPM), atesta a teoria com os resultados, constatando que a Licenciatura em Tradução e Interpretação, criada há nove anos, é “um curso de empregabilidade plena, em que os alunos, ainda antes de o concluírem, já são solicitados pelo mercado”. É que, apesar de ser cada vez maior, a oferta continua longe de acompanhar o ritmo da procura. “São menos do que as necessidades e, por-



Depois de estudar Química, Tiago Wong voltou-se para o português



Joaquina Ng Ka pondera trabalhar como tradutora ou ter uma profissão ligada à língua portuguesa



tanto, têm emprego garantido e bem remunerado”, sublinhou Luciano de Almeida.

“Claramente, as motivações são a empregabilidade”, corrobora Rui Rocha, actualmente coordenador do Departamento de Português da Universidade Cidade de Macau, recordando as palavras de um vice-reitor da Universidade de Estudos Estrangeiros de Guangdong. “Ele dizia-me que a raridade no mercado de Cantão de intérpretes e tradutores de português-chinês é tanta que um aluno que saia de uma licenciatura ganha mais mil, 2000 ou até 3000 yuans do que um saído de um curso de língua inglesa porque desses há centenas”. Já Carlos André indica que “talvez não gostasse que [o emprego] fosse um dos principais motivos para o estudo de português”, mas reconhece

“ SÃO MENOS DO QUE AS NECESSIDADES E, PORTANTO, TÊM EMPREGO GARANTIDO E BEM RENUMERADO ”

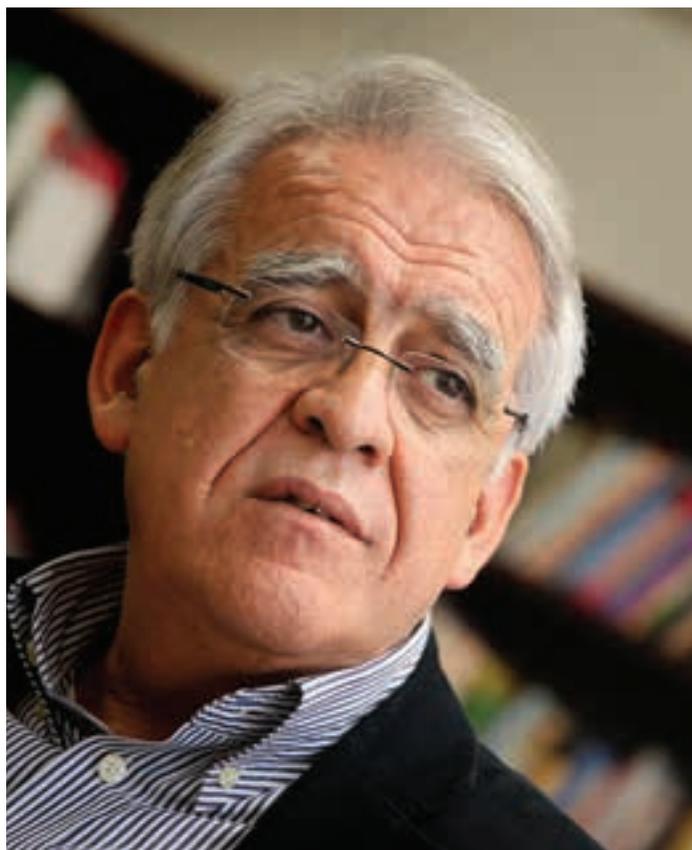
**LUCIANO DE ALMEIDA**

que o é. “A Administração Pública precisa de quadros e há muitas possibilidades de emprego para quem quer aprender português até 2049”, afirma o presidente do Centro Pedagógico e Científico de Língua Portuguesa do IPM, para quem “hoje qualquer estudante chinês de português sabe que um emprego o espera à porta da faculdade”.

“O emprego vem agrafado ao

diploma”, muito por força do potente investimento da China no universo dos países de língua portuguesa que transportou a procura por bilingues (chinês-português) para outro patamar: o da internacionalização. “O português aparece como uma língua de preferência porque facilmente se pode associar a uma saída da China, portanto, a uma internacionalização, ao conhecimento do mundo, além das fronteiras. Isso teve um papel importante na procura”, defende a directora do Departamento de Português da Universidade de Macau, Fernanda Gil Costa.

Vera Borges, coordenadora do Departamento de Português na Universidade de São José (USJ), subscreve, ao considerar que o conhecimento da língua portuguesa “significa actualmente ter acesso a um mundo muito mais vasto



“ A ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA PRECISA DE QUADROS E HÁ MUITAS POSSIBILIDADES DE EMPREGO PARA QUEM QUER APRENDER PORTUGUÊS ATÉ 2049. HOJE QUALQUER ESTUDANTE CHINÊS DE PORTUGUÊS SABE QUE UM EMPREGO O ESPERA À PORTA DA FACULDADE”

**CARLOS ANDRÉ**

do que aquele ‘rectangulozito’ de onde vieram as caravelas e muito mais aberto que toca vários continentes”. Carlos André dá um exemplo sintomático: “Se a China ganhar [contratos no âmbito da construção da rede de comboio de alta velocidade do Brasil],

imagine quantos milhares de chineses vão para lá e, portanto, quantos tradutores vão ser necessários...”

### Via cultural

Pese embora a hegemonia do “interesse mercantilista da língua”, na perspectiva de Car-

los André, “haverá sempre as questões culturais”: “Acredito que se iniciarem pelo [factor] linguístico, que resulta do mercado, depois entram no caminho da cultura. A China é um exemplo. Temos, salvo erro, duas ou três excelentes tradutoras de literatura portuguesa na China que começaram apenas por querer aprender a falar. O que acontece é que, do meu ponto de vista, as coisas se inverteram”. No entanto, como assinala Rui Rocha, essa franja vai ser sempre “residual”.

Explorar a vertente cultural (lusa ou lusófona) pode não figurar no topo das prioridades de quem estuda português. Sobretudo à luz da mentalidade pragmática dos chineses, avessos “a tudo o que não tenha um resultado prático óbvio”, mas, pelo caminho, e uma vez expostos, deixam-se cativar. E, às vezes, de forma surpreendente, como descreve Fernanda Gil Costa: “Chegam com a ideia de aprender a dizer ‘bom dia’ e ‘boa tarde’”, mas depois acabam a ler vultos da literatura portuguesa e a filosofar”.

“Há jovens que esgotam o Eça (de Queiroz) e lêem o mais importante de Aquilino Ribeiro ou de José Cardoso Pires”, corrobora Luciano de Almeida, que denota “claramente” uma atracção por “razões históricas e culturais”, identificando, em concreto, entre os alunos de excelência, particular interesse pela língua e pela cultura portuguesas *per si*. Porém, ressalva, a vertente cultural – mesmo que não surja como motivação – não deve ser relegada para segundo plano. Ou seja, surgir desgarrada da língua, sob pena de a comunicação se travar lite-

ralmente, fugindo à fidelidade exigida num intercâmbio: o conhecimento do outro. “Não basta termos pessoas que conhecem a língua, é preciso termos pessoas que conhecem a cultura”, reitera.

Aliás, a cultura deve estar presente em toda a linha, dado que até no mundo dos negócios um simples gesto mal interpretado pode desfazer um aperto de mão iminente, como testemunhou o director da Escola Superior de Línguas do IPM nos tempos em que exerceu advocacia em Portugal.

### Mais-valias para o futuro

A particularidade de Macau ter o português e o chinês como línguas oficiais também propiciou o aumento de um outro conjunto de “estudantes” motivado por razões profissionais, com destaque para os funcionários públicos, desde logo porque – tal como em qualquer área ou parte do mundo – mais competências significam mais oportunidades e, no caso específico, de progressão na carreira.

O director do Instituto Português do Oriente (IPOR) identifica dois grupos: os que têm “necessidades imediatas” e os que encaram a língua como “uma vantagem adicional” a médio prazo, com base na premissa da afirmação, de facto, do bilinguismo na Administração Pública. “Estamos a falar a nível profissional de pessoas que normalmente já têm uma formação universitária, técnica, um diploma, um certificado, não apenas na Administração Pública”, descreve João Laurentino Neves, falando também dos “muitos quadros liberais”, sobretudo da área do Direito, que procu-

### RELAÇÕES COMERCIAIS ENTRE A CHINA E A LUSOFONIA EM CURSO

O Instituto Politécnico de Macau (IPM) vai oferecer no ano académico 2015/2016 a licenciatura em Relações Comerciais China-Países Lusófonos, vocacionada para “conferir dois níveis de competências: no domínio da língua portuguesa e no do comércio internacional”. “É um modelo piloto, inovador, que se for bem-sucedido pode ser aplicado a outras áreas de conhecimento”, disse o director da Escola Superior de Línguas do IPM, Luciano de Almeida.

A licenciatura vai funcionar na Escola Superior de Administração Pública, abrindo com 25 vagas. Os dois primeiros anos vão ser dedicados à formação em língua portuguesa e os terceiro e quarto a competências, nomeadamente, na área económica, jurídica e do marketing internacional.

À semelhança do curso em Tradução e Interpretação Chinês-Português, a nova licenciatura também vai aplicar o modelo de intercâmbio, com o segundo ano de estudos realizado em Portugal. “Macau tem um papel importante enquanto plataforma para o relacionamento entre a China e os países de língua portuguesa e, nesse sentido, cabe-nos intervir ao nível da formação nessa área”, concluiu.



Vera Borges (à esq.), coordenadora do Departamento de Português da USJ



“ O PORTUGUÊS APARECE COMO UMA LÍNGUA DE PREFERÊNCIA PORQUE FACILMENTE SE PODE ASSOCIAR A UMA SAÍDA DA CHINA, PORTANTO, A UMA INTERNACIONALIZAÇÃO, AO CONHECIMENTO DO MUNDO, PARA ALÉM DAS FRONTEIRAS. ISSO TEVE UM PAPEL IMPORTANTE NA PROCURA ”

**FERNANDA GIL COSTA**

ram o IPOR para se munirem de mais ferramentas perante um cenário de crescente competitividade, cientes da vantagem de dominarem os dois idiomas. “Talvez hoje a maioria dos nossos alunos esteja no activo”, realça João Laurentino Neves, notando também um aumento das inscrições por parte de quadros de empresas ou de instituições bancárias.

Outro grande grupo de referência para o IPOR são os próprios estudantes. João Laurentino Neves destaca os jovens universitários em particular por entender que reflectem “a imagem da língua portuguesa como um factor de mobilidade social e profissional e de abertura de horizonte porque perspectivam, de algum modo, que esta intensificação de fluxos económicos tra-

duzir-se-á em oportunidades para alargarem horizontes”. “Eles vêm aprender português numa clara aposta, não no sentido do imediato, mas de um investimento de futuro”, sublinha Laurentino Neves.

Esta é também a ideia assimilada por Anabela Pernão, uma das três docentes que compõem o Departamento de Português da Universidade de Ciência e Tecnologia de Macau (MUST), no contacto diário com os estudantes. A professora, recorda, a propósito, o exemplo do melhor aluno do curso: “O Luís diz que a curto prazo quer ser intérprete e a longo prazo quer ser diplomata”. Esse caminho da diplomacia é trilhado através da lusofonia, palavra que à partida poder-se-ia considerar afastada do interesse dos jovens universitários. Mas, para surpresa de Anabela Pernão, tem-se provado o contrário. “Grande parte vem do Interior da China, sem qualquer ligação à lusofonia. São alunos extremamente dedicados, que conseguem criar um laço mais forte do que alguns alunos que tive em Portugal”, descreve. As “boas noções de história e cultura chinesa em geral” que trazem na bagagem ajudam a gerar interesse. “Para eles é extremamente apelativa esta presença portuguesa em Macau e, pouco e pouco, ficam fascinados”, afirma.

Mas o ‘activo’ da língua também entra na equação de jovens em idade escolar, com muitos pais a anteciparem o futuro. “Há encarregados de educação que vão a sessões de esclarecimento e que têm filhos que só vão terminar o secundário daqui a três ou quatro anos”, pois “têm noção de que o futuro, pelo me-

nos em algumas áreas profissionais, pode passar por um país de língua portuguesa”, relata o director do IPOR, dando o exemplo dos que procuram mais informações sobre programas, incluindo os de curta duração, como “O Ser e o Saber em Língua Portuguesa”, que todos os anos leva fornadas de alunos a Portugal.

O IPOR fechou o ano de 2014 com mais de 2500 horas de formação específica em língua portuguesa prestadas a cerca de 1400 quadros da Administração, empresas e estudantes. Além disso teve ainda 2086 formandos que frequentaram os cursos de língua nos diversos níveis oferecidos pela instituição e participou em cerca de 60 intervenções realizadas no domínio da promoção cultural.

No que toca às motivações nem sempre tudo é preto ou branco. “Se me perguntarem por que motivo [decidi aprender português] não sei explicar exactamente”, diz Natalie Leung, 31 anos. Marissa Lam, de 24, também assegura: “Não tenho uma razão em especial. Apenas senti que queria aprender mais línguas”. Ambas iniciaram-se em 2009.

“Acho que, naquela altura, foi porque comecei a namorar com um português e não estava muito sobrecarregada no trabalho. Também pensei que seria bom para mim saber mais uma língua, porque gosto de aprender novas línguas. Penso que foi por isso tudo que me inscrevi no curso”, recorda Natalie. No caso de Marissa, o namorado, natural de Moçambique, veio dar novo fôlego à vontade de “compreender a cultura”. Depois de uma interrupção nos estudos, voltou a encontrar-



**João Laurentino Neves, director do Instituto Português do Oriente**

### **NOVO MANUAL PARA IMPULSIONAR RELAÇÕES COMERCIAIS**

O Instituto Português no Oriente (IPOR) em Macau lançou em Maio um guia de conversação português-chinês centrado em 12 áreas e orientado para qualquer visitante chinês que se desloque a países de língua portuguesa. Tendo em conta a importância do idioma em áreas como os negócios, mas também em redes científicas e tecnológicas, o IPOR quis “fornecer um apetrecho para qualquer cidadão que numa destas áreas tenha necessidade de se deslocar a um país ou uma região de língua oficial portuguesa”. O guia de conversação é a primeira de três ferramentas que o IPOR conta lançar até Setembro. O guia, que custa cerca de 70 patacas, pode vir a ser, no futuro, adaptado para um formato digital, através de parcerias com instituições de ensino superior em Portugal.

-se com o português nos dois últimos anos da licenciatura em Macau, local que vê como particularmente especial para uma introdução à língua. “Estou a tentar ler notícias em português para ver as diferenças com os jornais chineses. Não há certo e errado, mas há abordagens diferentes”, compara a jovem, que acompanha o canal e a imprensa em língua portuguesa.

Não obstante o investimento de ambas na aprendizagem formal, é nas relações inter-

personais que o português se solidifica. “Tento falar mais com os pais do meu marido, mas por causa da minha pronúncia às vezes não me entendem muito bem e eu não os compreendo quando falam muito rápido”, conta Natalie. O mesmo sucede com Marissa, que também destaca a vantagem de poder praticar mais entre amigos: “A conversação é muito diferente da das aulas... sinto-me mais confortável e não tenho tanta vergonha de dar erros”. ■

# Política de língua

**T** DIANA DO MAR E FÁTIMA VALENTE  
**F** GONÇALO LOBO PINHEIRO

O USO corrente da língua portuguesa pela população tem-se mantido inalterado, com apenas 0,7 por cento dos residentes a fazê-lo, a olhar pelos Censos 2011 (ver quadro). Na verdade, no grupo das línguas faladas, o português registou uma descida ligeira em dez anos. Não obstante, para Vera Borges, “o tempo do português não passou”. “Ninguém – nem mesmo os mais visionários ou sonhadores – poderia imaginar que houvesse, de facto, um interesse tão grande das autoridades, da própria China”, argumenta.

A “volta”, descreve a professora da USJ, foi “demorada”, mas ao mesmo tempo “surpreendente” face “a uma altura de incerteza, de insegurança, e de indefinição” aquando da transferência de administração. “Andamos todos, um pouco, a reboque da estratégia económica, mas aquilo que aconteceu nesse tabuleiro tem agora um impacto na definição da política educativa em Macau, que vive um momento interessante e benéfico”, sublinha.

Rui Rocha também aponta como curioso o facto de o ímpeto ter vindo de Pequim: “A partir de 2005, a China teve um *boom* e entendeu os

países de língua portuguesa como interessantes novos mercados e aí deu, de facto, um grande impulso ao ensino da língua”. Isto apesar de o número de alunos ser reduzido para a dimensão do país: “Há mais de 20 universidades que ensinam português – com cursos de licenciatura ou livres –, embora não ultrapassem os 3000 alunos”. Para o académico, o que importa, porém, é que “sempre houve uma estratégia na China relativamente às línguas”, enquanto em Macau “curiosamente nunca houve grande interesse na definição de uma política linguística” independentemente do idioma.

Para Carlos André, o Executivo tem manifestado “vontade política” que, aliada à capacidade financeira, faz com que Macau tenha uma função “nuclear no apoio ao desenvolvimento dos estudos aqui e na China”. E, neste sentido, denota “recentes notas positivas” de que é exemplo a subcomissão no quadro dos talentos bilingues que funciona no âmbito do Gabinete de Apoio ao Ensino Superior (GAES). Fernanda Gil Costa também considera que “há condições”, mas que, “na prática, as acções ou demoram muito ou são pouco objectivas ou pouco dirigidas para fins concretos”. Rui Rocha defende, de igual modo, “um papel proactivo

## AS LÍNGUAS DE MACAU

	LÍNGUA CORRENTE			OUTRA LÍNGUA QUE SABE FALAR		
	2001	2011	Variação %	2001	2011	Variação %
<b>Cantonês</b>	87,9	83,3	-4,6	94,4	90,0	-4,4
<b>Mandarim</b>	1,6	5,0	+3,4	26,7	41,4	+14,7
<b>Dialecto de Fujian</b>	4,4	3,7	-0,7	7,3	6,9	-0,4
<b>Português</b>	0,7	0,7	—	3,0	2,4	-0,6
<b>Inglês</b>	0,7	2,3	+1,6	13,5	21,1	+7,6

Fonte: Censos 2011 (Direcção dos Serviços de Estatística e Censos)



“ A PARTIR DE 2005, A CHINA TEVE UM ‘BOOM’ E ENTENDEU OS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA COMO INTERESSANTES NOVOS MERCADOS E AÍ DEU, DE FACTO, UM GRANDE IMPULSO AO ENSINO DA LÍNGUA ”

**RUI ROCHA**

na consolidação e sobretudo na proficiência do ensino em três áreas muito específicas – administração pública, ordenamento jurídico e tradução”, rejeitando “pretensões neocolonialistas ou expansionistas no sentido de colocar toda a gente a falar português”. “Temos um espaço linguístico enorme em que cerca de 90 por cento dos pais querem que os filhos aprendam inglês na escola, a única língua, de facto, internacional”, frisa.

Numa avaliação ao ensino superior, Fernanda Gil Costa não tem dúvidas: “O português está em contraciclo. Ao contrário do que sucede com outras línguas – como o inglês e o japonês – o número de alunos interessados continua a aumentar”. Tanto que a UM deixou de ter capacidade de resposta, com o número de candidatas a exceder amplamente o das vagas. A docente assinala, no entanto, que, atendendo à ausência de requisitos prévios em termos do conhecimento de portu-

guês, as aulas começam do zero, pelo que, ao longo de quatro anos, se opera “quase um milagre”.

Perante estruturas linguísticas e realidades culturais tão díspares, Carlos André coloca a tónica na importância dos materiais. É que, repara, “a língua portuguesa para os estudantes chineses em Macau ou no Interior da China é uma língua de laboratório”, ao contrário do que acontece, por exemplo em Coimbra, Braga ou Lisboa onde o contacto com a língua de Camões continua na rua, no café ou no supermercado. “Trata-se de fazer fatos à medida”, realça. Além do IPM também o IPOR se dedica à produção de materiais didácticos. O Centro Pedagógico e Científico da Língua Portuguesa, criado em Novembro de 2012, figura como a instituição mais recente. Actuando em duas frentes – em Macau e na China – tem vindo a realizar acções de formação destinadas a docentes e a direccionar a aposta para a investigação. ■

# Universidade de Coimbra acena à China em português

**T** SANDRA MESQUITA FERREIRA **F** GONÇALO MANUEL MARTINS  
EM PORTUGAL

É uma das principais embaixadoras da cultura em Portugal e, agora, vai exportar conhecimento o? Oriente. A Universidade de Coimbra, reconhecida em 2013 como Património Mundial da Humanidade, quer em breve ter mil chineses a estudar nas suas históricas faculdades. A língua portuguesa é o principal argumento para convencer os orientais a atravessarem o mundo em busca de uma licenciatura



**CRIS YIN** fala português fluentemente e os olhos carregam-se-lhe de ternura quando o tema é Coimbra e as suas tradições académicas. “Adoro a universidade”, diz, sem reservas. Chegou à cidade em 2012, encantada com as imagens que encontrou na Internet – estudantes enrolados em capas negras; edifícios imponentes e ancestrais; uma instituição com um peso histórico único em Portugal – e rendeu-se de imediato. Durante dois anos, pertenceu ao (ainda) restrito grupo de cerca de 100 alunos chineses que estudam naquela universidade. Agora, trabalha no Departamento Relações Internacionais da instituição, com um objectivo: multiplicar o número de alunos orientais que ali estudam.

O reitor João Gabriel Silva acredita que, dentro de alguns anos, a Universidade de Coimbra (UC) poderá acolher um milhar de alunos chineses. Um crescimento que será potenciado pelo regime de acesso directo para alunos internacionais, que a UC criou no ano passado. Deste então, os alunos chineses podem candidatar-se a qualquer curso da universidade, através do *Gaokao* – o mesmo exame que fazem para aceder ao ensino superior chinês.

A estratégia de abertura da UC ao Oriente está ainda a dar os primeiros passos, mas é a

A UC PROPÕE-SE A ENSINAR PORTUGUÊS AO MESMO TEMPO QUE ENSINA LEIS, MEDICINA, ENGENHARIA OU QUALQUER OUTRA ÁREA FORMATIVA

grande aposta de João Gabriel Silva – reeleito em Fevereiro para um segundo mandato como reitor – para os próximos anos. Depois do sucesso alcançado no Brasil – actualmente, há cerca 2000 brasileiros entre os 23 mil alunos da UC, tornando Coimbra na “maior universidade brasileira fora do Brasil” – o reitor quer continuar a promover a instituição em países com interesse na língua portuguesa. E a China, pelas relações comerciais que estabelece com os países lusófonos, tornou-se num mercado prioritário.

“Os chineses são bastante pragmáticos e já perceberam que para conseguirem ter relações económicas fortes com países de língua portuguesa precisam de ter um conjunto de quadros que dominem a língua”, justifica João Gabriel Silva, acrescentando que, apesar de já haver



“um número relevante” de orientais a falar português, faltam ainda “pessoas que simultaneamente dominem a língua e tenham formação técnica”. E é aí que se abre uma janela de oportunidade para a Universidade de Coimbra.

Ao contrário dos cursos de português leccionados na China – que se focam apenas na questão da língua – a UC propõe-se a ensinar português ao mesmo tempo que ensina leis, medicina, engenharia ou qualquer outra área formativa leccionada nas oito faculdades da instituição. Os alunos chineses podem candidatar-se a qualquer licenciatura, mas, caso não tenham conhecimentos mínimos de português, começam por frequentar um ano preparatório especial (um espécie de “ano zero”), que permite uma aprendizagem intensiva da língua.

### **Alunos encantados com a cidade**

Foi precisamente a vontade de aliar os conhecimentos de português a outro tipo de competências que levou Cris Yin, 27 anos, a viajar para Coimbra, ainda antes da criação deste regime de acesso especial para estudantes chineses. Depois de terminar a licenciatura em Língua e Cultura Portuguesa, em Pequim, inscreveu-se no mestrado em Comunicação e Jornalismo da UC. “O português é a sexta língua mais utilizada no mundo e garante-nos um grande futuro em termos de mercado de trabalho”, defende.

O futuro de Cris é ainda uma incógnita mas o presente, esse, continua a passar por Coimbra. Apesar de ter terminado o curso, deixou-se encantar pela cidade e decidiu ficar por ali durante “mais alguns anos”. É ela quem está a traduzir para mandarim o site que a UC criou a pensar nos potenciais alunos chineses (acessível em [www.uc.pt/en/china](http://www.uc.pt/en/china)), que reúne informação sobre as ofertas formativas da instituição, condições de acesso, alojamento e sobre ao estilo de vida na cidade. E é também ela quem, agora, faz a “ponte” com os estudantes orientais. Ironicamente, a língua – que motiva a ida da esmagadora maioria dos alunos chineses para Coimbra – é o maior entrave à viagem. Mas Cris tenta desmontar essa torre de Babel diariamente, apoiando os alunos não só nas questões burocráticas, como também nas rotinas triviais do dia-a-dia.

Não que haja muitas queixas. Belmiro Leong e Míguela Tan, ambos com 18 anos, chegaram à cidade em Outubro, vindos de Macau, e asseguram que, apesar das diferenças culturais e de



CRIS YIN FALA PORTUGUÊS  
FLUENTEMENTE E OS OLHOS  
CARREGAM-SE-LHE DE TERNURA  
QUANDO O TEMA É COIMBRA E  
AS SUAS TRADIÇÕES ACADÉMICAS

alguma dificuldade de comunicação, a adaptação não foi difícil. “Os portugueses são muitos prestáveis, são um povo muito simpático”, elogia Belmiro, que já tinha estado em Portugal – mas em Braga – no verão passado, a participar num curso intensivo de língua portuguesa. Para Míguela esta foi a primeira experiência longe de casa. “Tive de aprender a ser independente, mas felizmente os colegas da residência ajudam-nos sempre que surge algum problema, por isso estou a gostar muito da vida que tenho aqui”, revela.

A Universidade de Coimbra tem três residências reservadas para estudantes interna-



### Coimbra foi a primeira universidade portuguesa a aceitar estudantes chineses através do *Gaokao*

cionais, onde o preço do alojamento varia entre os 165 e os 265 euros mensais (com acesso a cozinha e despesas de água, luz, gás, Internet, televisão, limpeza e lavandaria incluídos). O custo de vida na cidade é acessível e as propinas (7000 euros anuais) são bastante mais em conta do que o praticado nas universidades australianas, muito procuradas pelos estudantes chineses. “Oferecemos uma formação de qualidade por um preço que é competitivo”, nota João Gabriel Silva reconhecendo, contudo, que a cultura chinesa tem tendência a desconfiar do que é barato. Ainda assim, inflacionar os preços para conquistar a credibilidade do mercado oriental está fora de questão. “Não seria correto”, defende.

#### Universidade única e emblemática

Para os mais cépticos, a UC tem outros argumentos. Universidade de excelência da língua portuguesa, está no *ranking* de Xangai entre as 500 melhores instituições de ensino superior do

mundo, e mantém uma ligação histórica com a China. Era em Coimbra que se formavam os missionários que, entre os séculos XVI e XVIII, viajavam para o Oriente (numa época difícil de imaginar, em que Portugal e China distavam um ano e meio de viagem de barco). “Pareceu-nos fazer sentido retomar essa longa relação, muito antiga e muita intensa”, explica João Gabriel Silva.

Depois, há as condições ímpares que a universidade e a cidade proporcionam aos alunos. Além das residências, os estudantes têm acesso a cantinas, serviços médicos e a uma panóplia de actividades desportivas e culturais garantidas pela Associação Académica de Coimbra – a academia de estudantes mais antiga do país, com 42 secções em actividade. À chegada, os alunos estrangeiros são ainda recebidos por estudantes voluntários portugueses que funcionam como um GPS nos primeiros dias, ajudando no período de adaptação à cidade.

“Em Coimbra criámos um conjunto de condições que são difíceis de reproduzir noutros sí-



O reitor João Gabriel Silva acredita que a instituição poderá acolher um milhar de alunos chineses no futuro

tios. Em Portugal não há outra cidade assim e, mesmo no mundo, há poucas”, frisa o reitor João Gabriel Silva. Não é à toa que Coimbra é apelidada de “cidade dos estudantes”. Nascida em 1290, foi a primeira universidade do país; e, ainda hoje, a vida da cidade gira muito em torno dos 35 mil alunos do ensino superior (além da universidade há mais quatro instituições a leccionar).

O resultado é uma cidade jovem, com uma vida nocturna intensa. Ali, os rituais de praxe e as capas negras usadas pelos estudantes fazem parte do cenário (o traje académico, em tempos uniforme dos alunos, é agora usado sobretudo em festas académicas, mas continua a fazer parte do dia a dia na zona universitária).

Contudo, se para os alunos portugueses a tradição académica e o ambiente boémio de Coimbra são um atractivo, para os chineses essa realidade é indiferente. Para quem viaja do Oriente, Coimbra, com os seus 143 mil habitantes, é uma cidade pequena e com poucas atracções. “Não há muitas coisas para brincar, o

que é bom para nós”, avalia Belmiro, que prefere não se envolver nas actividades da Associação Académica para poder dedicar-se de corpo e alma aos estudos. É, aliás, o que faz a maioria dos alunos chineses que estão em Coimbra, concorda Miguela, que também prefere aproveitar o tempo livre para treinar o português com professores e amigos.

Ainda assim, os dois estudantes não ficaram indiferentes à Latada, a festa de recepção aos novos alunos que a Associação Académica promove todos os anos, em Outubro. Belmiro e Miguela tinham acabado de chegar a Coimbra quando se depararam com uma semana de animação constante, cujo ponto alto é o desfile de estudantes pelas ruas da cidade – os alunos “doutores” envergam o traje académico (sinal de antiguidade), enquanto que os “caloiros”, no primeiro ano de curso, vestem roupas coloridas (a cada faculdade está associada uma cor diferente), com adereços de ironia e crítica social. Uma semana “inesquecível”

## UC EM NÚMEROS

### DADOS GERAIS

DATA DE FUNDAÇÃO **1290**

PÓLOS **3**

FACULDADES **8**

MUSEUS **2**

ESTÁDIOS **2**

BIBLIOTECAS **23**

JARDIM BOTÂNICO **1**

### CURSOS

LICENCIATURAS **36**

MESTRADOS **124**

DOUTORAMENTOS **97**

CURSOS NÃO CONFERENTES

DE GRAU **56**

### ALUNOS

ALUNOS DE LICENCIATURAS **9589**

ALUNOS DE MESTRADOS **11.040**

ALUNOS DE DOUTORAMENTO **2323**

ALUNOS EM CURSOS

NÃO CONFERENTES DE GRAU **434**

TOTAL **23.386**

### MOBILIDADE

ESTUDANTES DE COIMBRA

A ESTUDAR FORA **576**

ESTUDANTES ESTRANGEIROS

EM MOBILIDADE **1693**

NACIONALIDADES DE ESTUDANTES **83**

para os dois alunos, que não encontram tradição semelhante noutros pontos do mundo.

O período de folia estudantil repete-se em Maio, na Queima das Fitas – a festa de despedida dos alunos finalistas do ensino superior. Mas os dois estudantes terão oportunidade de assistir à festa, já que estarão em Coimbra até Junho. São alunos da licenciatura em Direito da Universidade de Macau, cujo plano curricular pressupõe um ano de estudos em Portugal e a conclusão de 40 por cento das unidades curriculares em português. Também eles reconhecem vantagens em dominar a língua lusa. Não só porque, “no século XXI, é importante saber o maior número de línguas possível”, como porque em Macau há “grandes vantagens profissionais” em dominar o português, afirma Miguela.

### Candidaturas abertas até Junho

Nesse aspecto, a passagem por Coimbra será determinante para o futuro: ali, todas as aulas são leccionadas em português (apesar de os professores terem sensibilidade para esclarecer dúvidas em inglês sempre que necessário). A língua portuguesa é, aliás, um ponto de honra da UC – que os alunos chineses consideram uma vantagem e que o reitor enfatiza como principal factor distintivo da universidade.

“A Universidade de Coimbra, ainda há pouco considerada Património Mundial da Humanidade [a distinção foi atribuída em 2013], foi reconhecida precisamente por ser um dos símbolos centrais da língua e cultura portuguesas. Era esquisitíssimo que uma universidade com esta história e responsabilidade, de repente, se transformasse em mais uma entre milhares de universidades que leccionam em língua inglesa”, afirma João Gabriel Silva. Por isso, o caminho da UC passará por abrir portas à comunidade internacional, como já tem vindo a fazer (só este ano lectivo a instituição acolhe alunos de 83 nacionalidades diferentes) mas debaixo do epíteto de “universidade de referência da língua portuguesa”.

Resolvidas as questões burocráticas, os primeiros alunos chineses a beneficiar do regime de acesso directo deverão chegar a Coimbra em Setembro, no arranque do próximo ano lectivo. A fase de candidaturas decorreu até ao final de Março e haverá ainda um último período de concurso, em Junho. Para os alunos da China que habitualmente fazem o *Gaokao*, a candidatura é relativa-

Fonte: Universidade de Coimbra  
Dados relativos ao ano académico 2014/2015



mente simples. Já os estudantes de Macau, que, por norma, não fazem o exame, poderão ter mais dificuldade em aceder ao concurso. Mas por pouco tempo: em breve, a UC espera poder realizar os seus próprios exames de admissão, dispensando assim os alunos da prova chinesa.

O diálogo com a China será desenvolvido paulatinamente, até porque a UC não tem pretensões de crescer muito em número de alunos. A ideia é conservar o espírito que sempre norteou a instituição e que tanto influencia a

cidade, tornando-a única. “É conhecido que os estudantes de Coimbra sentem com particular intensidade a sua passagem por aqui”, diz João Gabriel Silva – ele próprio ex-aluno da UC. No Brasil, a fama já se espalhou. “Muitos brasileiros que nos chegam agora dizem que escolheram Coimbra porque conhecem alunos que por aqui passaram e que lhes dizem que isto é um lugar especial”, relata o reitor. Conseguirá a mais antiga e popular cidade universitária portuguesa conquistar também o coração dos chineses? ■

# ícones **C**hineses



TERÁ SIDO CRIADA NA DINASTIA SONG (960-1279) MAS SÓ GANHOU ASAS DE DRAGÃO DEPOIS DA DINASTIA MING (1368-1644). O COSTUME CHINÊS DE CRIAR PÁSSAROS EM GAIOLA SEMPRE FOI COISA DE GENTE RICA, COM POUCO QUE FAZER, ATÉ QUE MAO TSÉ-TUNG LHES MOSTROU O CARTÃO VERMELHO. QUANDO A GAIOLA VOLTOU A ANIMAR OS JARDINS E AS CASAS DE CHÁ, JÁ NA DÉCADA DE 1970, FOI PELA MÃO DE OUTROS DONOS: OS MAIORES DE 50 ANOS

**T** PATRÍCIA LEMOS

**V**OLTARAM os passeios, os famosos liu niao (遛鳥), com a gaiola a balançar ao sabor passada. Ia coberta por um pano para proteger o pássaro do frenesim

matinal. E o véu só caía à chegada aos jardins e casas de chá para o “encontro de pássaros” (玩鳥). Aí enquanto os donos conversavam e comiam farturas ou mingaus, jogavam às cartas ou xadrez ou praticavam tai chi (太極),

os passarinhos ensaiavam a voz na cavaqueira uns com os outros. Todos ganhavam com o passeio: se os pássaros respiravam outros ares e conviviam com os da sua espécie, os donos, animados pelo pipilar cada vez mais afinado das suas aves, ouviam os conselhos dos criadores mais experientes.

Se há ícone chinês que partilha a mesma simbologia com o Ocidente é a gaiola, ainda que seja paradoxal pensar que uma “prisão” seja tão apreciada na terra natal do *feng shui* (風水). Apesar da sua conotação negativa tem-se fartado de inspirar artistas, *designers*, poetas, arquitectos... Em Macau até serviu de molde ao icónico edifício do Casino Lisboa, que só “liberta” os jogadores depois de apostarem a última moeda.

O amor dos chineses pelos pássaros ainda tem expressão em Macau. Mas já lá vai o tempo em que enchia as casas de chá, sobretudo a Long Wa, junto ao Mercado Vermelho, ou as da Rua de Cinco de Outubro. Aqueles que não deixaram morrer a paixão ainda fazem do Jardim Camões a sala de concertos dos seus amigos de penas, mas hoje são mais os que preferem observar os pássaros no seu ambiente natural do que na gaiola, sobretudo os mais jovens que apregoam a sua consciência ambiental aos quatro ventos. Esse declínio também se faz notar noutras cidades chinesas e nem mesmo a capital, Pequim, resistiu à mudança dos tempos. Diz-se que o frenesim urbano afugentou os criadores. Em vez do *liu niao*,

# GAIOLA DE PÁSSARO (鳥籠)

muitos chineses saltam agora para a bicicleta com as suas gaiolas cobertas em busca de ambientes calmos nos subúrbios.

## TÉCNICA POR CIDADE

Contavam-se pelos dedos de uma mão os mestres construtores de gaiolas a laborar em Macau. Demoravam meses a armar uma gaiola, obra que até os levava ao campo à procura dos bambus mais resistentes. Existem quatro grandes escolas de construção em toda a China. A técnica de Pequim data da dinastia Qing e demarca-se pela cilíndrica gaiola de topo plano. Destacava-se das dos mestres construtores de Chengdu e de Qingyuan que optavam por uma cúpula. Esta cidade da Província de Guangdong tinha ainda a assinatura aparatosa da sua base com entalhe. A quarta escola é de Suzhou e data da dinastia Song (960-1279), tendo ficado conhecida pelo formato quadrado. A construção de gaiolas não mudou muito com o passar dos tempos. Ainda

hoje a gaiola varia entre um polígono, com três ou quatro lados, o cilindro e o quadrado. O que importa é que o pássaro se movimente livremente no interior. As gaiolas são normalmente de bambu, cana ou madeira com rede de corda. Mas também se encontram muitas de metal e até de marfim.

As gaiolas podem ainda ter uma função decorativa, apresentando-se mais elaboradas, decoradas com telhados de pagode e entalhes. Algumas são de grandes dimensões e incluem comedouros de porcelana, ricamente pintados à mão com poemas chineses.

## PÁSSAROS A PASSEAR

Tordos, cotovias, periquitos, canários, rouxinóis

## CURIOSIDADES

- No aviário de Tiger Beach, em Pequim, encontra-se a maior gaiola da China, com 150 espécies de pássaros
- A gaiola chinesa mais cara até à data foi vendida em 2008 por quase 14 milhões de yuans. Esta gaiola de papagaio data da dinastia Qing, ao tempo do imperador Qianlong (1736-1795)

---

O PÁSSARO, MESMO EM GAIOLA, CONTINUA A SER UM SÍMBOLO DE LIBERDADE E A MOTIVAR O PENSAMENTO SOBRE A RELAÇÃO ENTRE A LIBERDADE E A SOCIEDADE HUMANA

**FREDERIC J. JONES**  
(1925-2011)



# Como se faz um calendário

**T** LUÍS ORTET

Ordenar o tempo exige ciência e engenho. Mas os criadores do antigo calendário chinês foram mais longe, buscando raízes na sua própria filosofia tradicional. No princípio eram o *yin* e o *yang*...



# 12

乙未年 五月大 廿七日

SUNDAY 星期日



142 44 27  
真人時  
寅申

時辰吉凶

子 23 01 吉	丑 01 03 凶	寅 03 05 吉	卯 05 07 吉	辰 07 09 中	巳 09 11 吉	午 11 13 中	未 13 15 凶	申 15 17 吉	酉 17 19 吉	戌 19 21 中	亥 21 23 凶
-----------------	-----------------	-----------------	-----------------	-----------------	-----------------	-----------------	-----------------	-----------------	-----------------	-----------------	-----------------

易經妙算 28 6 39 21  
每日胎神  
每日相煞

大不  
事宜

今日吉星

綠神	天乙	天德	月德	三合	六合	今日八字
午	子申	甲	甲	巳酉	子	乙未 癸未 己丑 甲子



07 19	08 20
31 43	32 44
03 15	11 23
27 39	35 47



占門廁 外正北

吉神方位

開門西南 生門東南 喜神東北

今日吉數 20 41 25 3

江雙蒸酒

**OS HISTORIADORES** das ciências costumam sublinhar o facto de a astronomia ter sido uma das primeiras a desenvolver-se nas várias civilizações. Perante uma mutabilidade imprevisível do “mundo sublunar” (como chamavam os antigos filósofos europeus ao mundo imediato em que vivemos), o movimento dos dois astros luminares, o Sol e a Lua, das “estrelas errantes” (os planetas) e ainda das estrelas “fixas” obedecia a padrões cíclicos respeitadas com um rigor matemático. Não admira pois que tenham dedicado uma atenção especial ao registo desses movimentos e que tenham visto neles como que mensagens de uma realidade superior, não submetida aos acidentes da impermanência.

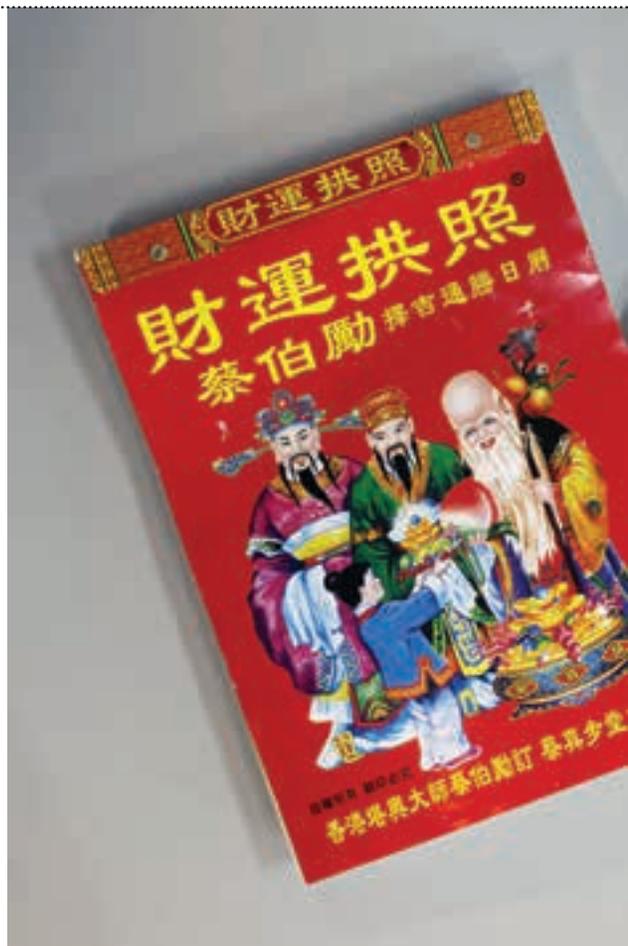
De todos esses movimentos, os do Sol e da Lua são os que causam um impacto mais imediato e perceptível no quotidiano do já referido “mundo sublunar”, assim chamado por se situar (no esquema cosmológico clássico europeu), imediatamente abaixo da esfera da Lua. Ao contrário das esferas celestes, onde se moviam ordenadamente corpos constituídos por uma matéria imperecível, o éter, o mundo sublunar estava submetido, nessa visão cosmológica, aos princípios da geração e da corrupção (o mundo da impermanência), a que o filósofo grego Aristóteles dedicou uma das suas obras (*Sobre a Geração e Corrupção*).

O movimento aparente do Sol em torno da Terra ao longo do ano marca o ciclo das quatro estações. Trata-se realmente de um ciclo, isto é, algo que nunca começa nem acaba mas que se repete cíclica e indefinidamente (o carácter *zhou* 周 da língua chinesa sintetiza bem este conceito). Aristóteles defendia igualmente a natureza circular do tempo, em contraste com o nosso actual e artificial conceito de tempo, o templo não cíclico, sem retorno, dos relógios de quartzo.

### Yin e Yang

Um dos princípios incontornáveis da filosofia tradicional chinesa é o da polaridade *yinyang*. Este deve ser um dos assuntos sobre os quais mais se escreveu nas línguas ocidentais nas últimas décadas, pelo que pouco há a acrescentar sobre o seu significado fundamental.

O *yin* 阴 é a noite e o lado passivo, frio, feminino e flexível das coisas. O *yang* 阳 é o dia e o lado activo, quente, masculino e dinâmico das coisas. Os criadores dos oito trigramas e 64 hexagramas do clássico *Yijing* (I Ching) ex-



primaram esta antinomia através de uma linha quebrada “- -” para significar *yin* e uma linha contínua “—” para significar *yang*. O filósofo e matemático alemão Gottfried Wilhelm Leibniz, criador dos números binários, na segunda metade do século XVII, manifestou a sua particular admiração por este conceito. Do jogo destes dois princípios deriva tudo o que existe no universo em que vivemos.

Ao longo do ano sucedem-se as quatro estações e por volta do dia 21 de Dezembro ocorre a noite mais longa do ano no hemisfério norte. É o solstício de Inverno. Noite, “frieza”, passividade, isto é, *yin*. O dia 21 de Dezembro representa, em termos do ciclo anual, o pico do princípio *yin*.

Por outro lado, 21 de Dezembro é o ponto central do espaço de tempo que decorre entre 8 de Novembro e 3 de Fevereiro, a que o *Calendário do Agricultor* (*nongli* 农历) da China chama a estação *dong* 冬, que os dicioná-



O CICLO DIURNO DOS DIAS E DAS NOITES E O CICLO DAS QUATRO ESTAÇÕES (SIJI 四季) SÃO DUAS MANIFESTAÇÕES PARALELAS DE UM MESMO CONCEITO E DE UM MESMO CICLO NATURAL

rios ocidentais costumam traduzir, com algum grau de imprecisão, como “Inverno”. A estação *dong* equivale à fase *shui* 水, que corresponde a um dos *wuxing* 五行. *Shui* é a fase do princípio *yin* amadurecido e estabelecido. Não é possível haver mais *yin*. É um estado extremo, e os extremos tocam-se. Por isso o extremo *yin* desperta o princípio que se lhe opõe, o *yang*.

É assim que a partir do dia 21 de Dezembro as noites (no hemisfério norte) começam a diminuir, ao mesmo tempo que os dias (princípio *yang*) começam de novo a crescer.

Mas só a partir do dia 4 de Fevereiro se considera que o princípio *yang* realmente desperta. O dia 4 de Fevereiro é conhecido como *Li-chun* 立春, ou seja, o dia do estabelecimento ou começo da “Primavera”. Ora, em termos meramente climáticos, 4 de Fevereiro está longe de ser um dia de Primavera (como a entendemos no Ocidente) em países como a própria China (às vezes neva quer em Pequim ou em Xangai, por exemplo), em países europeus ou nos Estados Unidos da América.

Também é verdade, por outro lado, que na língua chinesa *chun* 春 está associado a muitas características que conotamos com a nossa Primavera, como o amor e a sensualidade, encontrando-se repetidos exemplos disso na literatura. Em todo o caso as quatro fases do ano conhecidas em chinês como *chun* 春, *xia* 夏, *qiu* 秋 e *dong* 冬 devem ser entendidas antes de mais como conceitos cósmicos e não necessariamente climáticos.

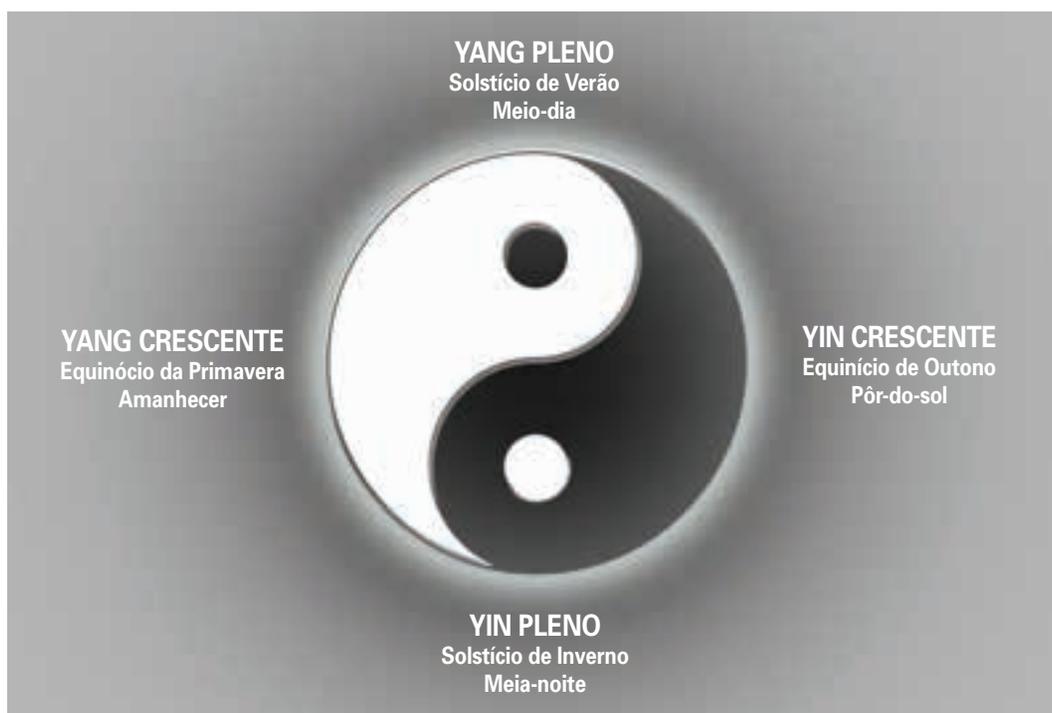
Entre 4 de Fevereiro e 6 de Maio ocorre então a “estação” cósmica conhecida como *chun*, que tem o seu pico a 21 de Março, dia do equinócio da Primavera, em que, em todo o mundo, os dias e as noites se equilibram (daí o nome “equinócio”). Esta “estação” *chun* está associada ao “elemento” madeira, ou melhor, *mu* 木, que não tem exactamente o mesmo significado que a nossa “madeira” ou o *wood* inglês. Uma vez mais estamos a lidar com conceitos filosóficos e não com a mera descrição da realidade concreta. O que importa reter é que *mu* (como *chun*) significa o princípio *yang* ainda jovem e a crescer.

As outras duas “estações” seguem-se de acordo com os quadros que acompanham este artigo.

### A neutralidade do elemento terra

Um pormenor a ter em conta é que, apesar de só haver quatro estações, o conceito numerológico chinês em torno do número cinco levou à criação de uma quinta “fase”, a terra, que se interpõem entre o fogo (o *yang* amadurecido) e o metal (o princípio *yin* na sua fase crescente).

No final chegamos à sequência natural do *wuxing*: *mu* 木 – madeira (estação *chun* ou Primavera), que gera *huo* 火 – fogo (*xia* ou Verão), que gera *tu* 土 – terra (“estação” neutra, que aparece no terço final de cada uma das qua-



### YIN E YANG

Este é o universalmente conhecido símbolo dos princípios *yin* e *yang*, herdados da filosofia taoísta, mas com raízes bem mais antigas, nomeadamente no clássico chinês *Yijing* 易经, mais conhecido no Ocidente como *I Ching* (O Livro das Mutações). A metade branca representa o princípio *yang*, luminoso, quente, activo e

dinâmico, enquanto a metade escura representa o princípio *yin*, obscuro, frio, passivo e moldável. Mas não se trata de uma mera abstracção intemporal. Na verdade, o desenho *taijitu* 太极图, como é conhecido em chinês, sintetiza o que é possível observar na natureza, nomeadamente nos ciclos das quatro fases do dia e

das quatro estações do ano, que, em termos conceptuais, são uma e a mesma coisa. O tempo existe porque alguma coisa se transforma, portanto, acontece. Caso contrário não haveria nem tempo nem existência.

No coração do princípio *yang* está o *yin* (o círculo escuro), no coração do princípio *yin* está o *yang* (o círculo branco).

tro estações climáticas) que gera *jin* 金 – metal (*qiu* ou Outono), que finalmente gera *shui* 水 – água (*dong* ou Inverno), que por sua vez gera, de novo, *mu* (madeira), prosseguindo o ciclo indefinidamente.

Como se pode igualmente ver nas ilustrações, a sequência *wuxing* também ocorre no ciclo diurno resultante do nascer e pôr-do-sol, em que igualmente se oscila entre o extremo *yin* (a meia-noite) e o extremo *yang* (o meio-dia). E também aqui aparece *tu* (a terra) como “elemento” neutro por excelência, tornando-

-se dominante no terço final de cada uma das quatro fases do dia, quando a natureza de certo modo se neutraliza, preparando-se para dar lugar à fase que se segue. *Mu* e *huo* têm uma tónica *yang*, ao passo que *jin* e *shui* têm uma tónica *yin*, e *tu*, uma vez mais, nem é *yang* nem é *yin*, representando a fusão dos dois princípios.

Resumindo e concluindo, o ciclo diurno dos dias e das noites e o ciclo das quatro estações (*siji* 四季) são duas manifestações paralelas de um mesmo conceito e de um mesmo ciclo natural. ■

# Sob o feitiço da Lua

Mais conhecido do que o calendário solar tradicional é o que se baseia nas conjunções entre o Sol e a Lua (Lua Nova) que se repetem ao longo do ano. A Lua Nova entre 21 de Janeiro e 20 de Fevereiro, a mais importante de todas, marca o início do ano lunar e do seu primeiro mês

## LUÍS ORTET

O CALENDÁRIO baseado no ciclo das quatro estações é um calendário solar que decorre do movimento aparente do Sol ao longo do ano e que tem um grande paralelismo com o calendário ocidental. Consequentemente, corresponde a datas fixas do calendário gregoriano, apenas com pequenas variações de um ou dois dias de ano para ano, o que decorre do desfaseamento existente entre os 360 graus zodiacais e os 365 ou 366 dias de um ano (e que é comum a todos os calendários solares).

Ao passo que o calendário lunar é o que se baseia no período de tempo que decorre entre duas conjunções entre o Sol e a Lua (isto é, Lua Nova). O dia da Lua Nova é o primeiro dia do novo mês lunar, o dia que se segue é o segundo dia, e assim por diante. Diversas civilizações adoptaram este tipo de calendário e, mesmo na Europa, ele foi utilizado, por exemplo, na medicina medieval.

No dia 19 de Fevereiro do corrente ano (2015) houve uma conjunção entre o Sol e a Lua, portanto uma Lua Nova. Esse foi o primeiro dia do primeiro mês do ano (lunar) da Cabra, o dia da Festividade do Ano Novo Chinês (ou Ano Novo Lunar). Foi nesse dia que se celebrou na China (e nas comunidades chinesas espalhadas pelo mundo) o começo do novo ano chinês, apesar de, em rigor, de acordo com o *Calendário do Agricultor*, o ano já ter começado no dia 4 de Fevereiro (o dia do *Lichun*).

Em regra, cada ano tem 12 meses lunares, mas devido ao desfaseamento entre o número de lunações e os 365 ou 366 dias de cada ano, é necessário acrescentar, cada quatro anos, um mês extra. Isso aconteceu, por exemplo, em 2014, ano do Cavalo, em que houve um segundo nono mês lunar, pelo que no total o ano teve 13 meses lunares. Trata-se de um fenómeno semelhante ao acréscimo de um dia nos anos bissextos do calendário solar gregoriano.

Os 12 meses do calendário lunar são em geral

identificados por ordinais: primeiro mês lunar, segundo mês lunar, etc. Ao passo que os 12 meses do calendário solar são definidos pela combinação específica entre um caule celeste e um ramo terrestre. A ordem dos ramos terrestres repete-se todos os anos. O *Lichun*, a 4 de Fevereiro, marca sempre o início do mês *yin* 寅 (que equivale ao Tigre), a que se seguirá, cerca de 6 de Março, o mês *mao* 卯 (que equivale ao Coelho) e assim por diante.

Há porém uma certa analogia entre os meses dos dois calendários. O primeiro mês lunar é por vezes visto como análogo ao mês do Tigre, o segundo mês ao do Coelho, o terceiro ao do Dragão, e assim por diante, embora essa analogia seja claramente perturbada nos anos em que é introduzido um mês lunar extra. No fundo, o *nianchuyi* 年初一 (primeiro dia do novo ano) é análogo ao *Lichun*, embora as duas datas muito raramente coincidam no tempo. O primeiro pertence ao calendário lunar e o segundo ao calendário solar. Note-se que excepcionalmente, em 2016, as duas datas terão uma diferença de apenas quatro dias, como se pode constatar no quadro da página 61.

A diferença de fundo é que o calendário lunar servia, nos tempos imperiais, para a ordenação cronológica para fins práticos do dia-a-dia, ao passo que o calendário solar, do Agricultor, descreve os ciclos da natureza, decisivos para a vida agrícola, e é ainda utilizado para fins adivinhatórios pelos praticantes do sistema Bazi, entre outros. Só o calendário solar descreve com rigor os ciclos da evolução da energia universal *qi* 气.

O DIA DA LUA NOVA É O PRIMEIRO DIA DO NOVO MÊS LUNAR, O DIA QUE SE SEGUE É O SEGUNDO DIA, E ASSIM POR DIANTE

**TEMPO É  
PERSONALIDADE**

Os chineses antigos fizeram em relação ao conceito de tempo algo de semelhante ao que o filósofo grego Pitágoras de Samos fez em relação ao conceito de número. Se Pitágoras considerou que os números não eram meras referências quantitativas mas que encerravam em si significados qualitativos, os chineses, por seu turno, viram cada unidade de tempo como tendo uma personalidade própria. Essa “personalidade” (conjunto de características potenciais) deriva do que cada momento representa no jogo

recíproco entre os princípios *yin* e *yang*.

Todos os processos naturais evoluem segundo as cinco fases, *wuxing* 五行, que se sucedem do seguinte modo: *mu* 木, *huo* 火, *tu* 土, *jin* 金 e *shui* 水. As cinco fases representam a evolução entre o *yin* e o *yang*.

De acordo com a ciência do *Bazi* (八字), cada momento específico (como o do nascimento de uma vida ou do início um processo) é composto por quatro unidades de tempo: o ano, o mês, o dia e a hora. Cada uma dessas unidades representa uma combinação entre as “cinco fases”. O jogo recíproco entre o significado

qualitativo das quatro unidades de tempo representa o padrão segundo o qual irão evoluir a vida ou o processo então iniciados.

Os dois ciclos fundamentais têm a ver com as quatro fases do dia e as quatro estações do ano. São dois fenómenos análogos, uma vez que repetem um mesmo ciclo natural, resultante do jogo recíproco entre o *yin* e o *yang*.

A meia-noite é análoga ao solstício de Inverno. O meio-dia é análogo ao solstício de Verão. O nascer do sol é análogo ao equinócio da Primavera. O pôr-do-sol é análogo ao equinócio de Outono.

Uma das vertentes desse calendário mais conhecidas do grande público são os chamados 24 termos solares, correspondendo cada um a metade de um mês solar. O primeiro termo, entre 4 e 18 de Fevereiro, que corresponde à primeira metade do “mês do Tigre”, é designado de *Lichun*, uma vez que começa no dia do estabelecimento da “Primavera”.

De ter em conta que na actualidade a República Popular da China não segue nenhum destes seus calendários, mas sim o gregoriano, como no Ocidente. Mesmo assim os calendários tradicionais, sobretudo o lunar, ainda são tidos em conta pela população e estão muito associados ao ciclo anual das festividades chinesas, sendo seguidos com atenção especial pelos crentes do almanaque tradicional *Tongshu* 通书. ■



## CALENDÁRIOS SOLAR E LUNAR COMPARADOS (2015/16)

### 4 Fevereiro

Dia do Começo da "Primavera" (立春)  
Primeiro dia do ano (solar) da Cabra (乙未)  
Início do mês do Tigre (戊寅), primeiro mês do *Calendário do Agricultor* (農曆)

### 6 Março

Início do mês do Coelho (己卯)

### 5 Abril

Início do mês do Dragão (庚辰)  
Festividade do Cheng Ming (清明节)  
Festividade decorrente do calendário solar (feriado em Macau)

### 6 Maio

Início do mês da Serpente (辛巳)  
Começo do "Verão" (夏) segundo o *Calendário do Agricultor*

### 6 Junho

Início do mês do Cavalo (壬午)

### 16 Junho

1.º dia do 5.º mês lunar (五月初一)

### 7 Julho

Início do mês da Cabra (癸未)

### 8 Agosto

Início do mês do Macaco (甲申)  
Começo do "Outono" (秋) segundo o *Calendário do Agricultor*

### 8 Setembro

Início do mês do Galo (乙酉)

### 8 Outubro

Início do mês do Cão (丙戌)

### 8 Novembro

Início do mês do Porco (丁亥)  
Começo do "Inverno" (冬) segundo o *Calendário do Agricultor*

### 7 Dezembro

Início do mês do Rato (戊子)

### 22 Dezembro

Solstício de Inverno (corresponde ao ponto central do mês do Rato). É feriado em Macau, data derivada do calendário solar

### 6 Janeiro (2016)

Início do mês do Búfalo (己丑)

### 4 Fevereiro (2016)

Dia do Começo da "Primavera" (立春)  
Primeiro dia do ano (solar) do Macaco (丙申)  
Início do mês do Tigre (戊寅), primeiro mês do *Calendário do Agricultor*

### 19 Fevereiro

Ano Novo Chinês  
Primeiro dia do ano lunar (年初一)  
Início do primeiro mês lunar (正月初一)  
Dia de Lua Nova: todos os meses lunares começam com uma Lua Nova

### 20 Março

1.º dia do 2.º mês lunar (二月初一)

### 19 Abril

1.º dia do 3.º mês lunar (三月初一)

### 18 Maio

1.º dia do 4.º mês lunar (四月初一)

### 20 Junho

5.º dia do 5.º mês lunar: Festividade do Barco-Dragão (端午节) feriado em Macau

### 16 Julho

1.º dia do 6.º mês lunar (六月初一)

### 14 Agosto

1.º dia do 7.º mês lunar (七月初一)

### 13 Setembro

1.º dia do 8.º mês lunar (八月初一)

### 27 Setembro

15.º dia do 8.º mês lunar: Festividade do Bolo Lunar (em Macau é feriado o dia seguinte ao da festividade)

### 13 Outubro

1.º dia do 9.º mês lunar (九月初一)

### 12 Novembro

1.º dia do 10.º mês lunar (十月初一)

### 11 Dezembro

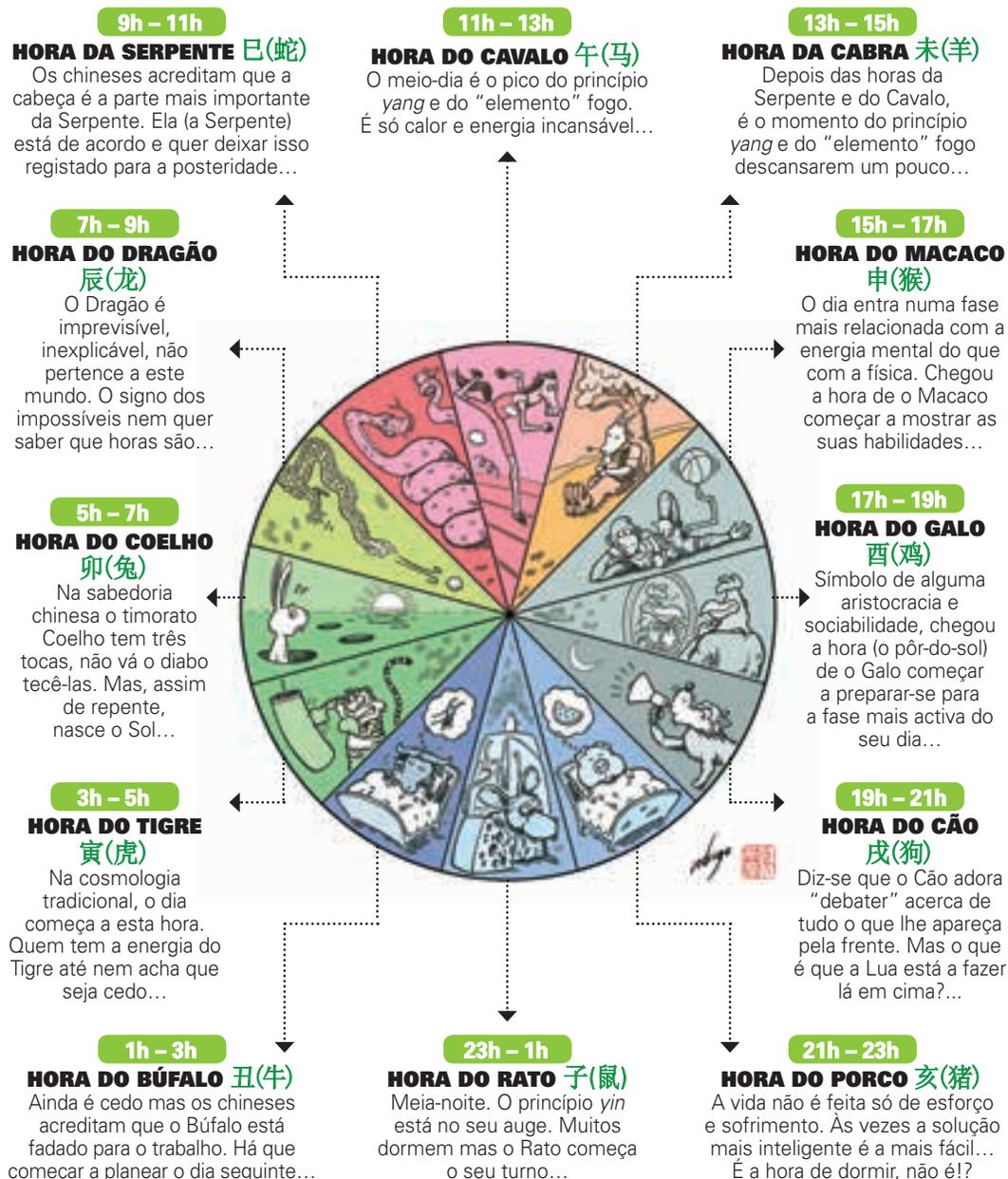
1.º dia do 11.º mês lunar (十一月初一)

### 10 Janeiro (2016)

1.º dia do 12.º mês lunar (十二月初一)

### 8 Fevereiro (2016)

Ano Novo Chinês  
Primeiro dia do ano lunar (年初一)  
Início do primeiro mês lunar (正月初一)



O ZODÍACO chinês é conhecido no Ocidente em relação com séries de 12 anos. Por exemplo, 1984 (como 1948, 1960, 1972...) é um ano do Rato, 1985 é ano do Búfalo, e assim por diante. No entanto o zodíaco oriental é relacionável com qualquer outro ciclo natural, como acontece com as 12 "horas" chinesas de cada dia. A única particularidade é que cada "hora"

chinesa corresponde a um período de 120 minutos, portanto a duas horas ocidentais. O período de duas horas (ocidentais) em torno da meia-noite, entre as 23h00 e a 01h00, está sob a égide do Rato. Seguem-se, de forma natural, no sentido dos ponteiros do relógio, as restantes 11 "horas" chinesas, respeitando a dialéctica continua entre os princípios *yin* e *yang*.



第三十屆澳門國際貿易投資展覽會  
 20<sup>a</sup> FEIRA INTERNACIONAL DE MACAU  
 20<sup>th</sup> MACAO INTERNATIONAL TRADE & INVESTMENT FAIR  
[www.mif.com.mo](http://www.mif.com.mo)  
 澳門威尼斯人·度假村·酒店  
 The Venetian Macao-Resort-Hotel

**22 - 25/10/2015**

# 促進合作 共創商機

COOPERAÇÃO - CHAVE PARA OPORTUNIDADES DE NEGÓCIOS  
 COOPERATION - KEY TO BUSINESS OPPORTUNITIES

主辦機構 / Organizador / Organizer



澳門貿易投資促進局

Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau  
 Macao Trade and Investment Promotion Institute

☎ (853) 2882 8711



網址  
Website



微信  
Wechat

# O antigo bairro de San Kiu

**TF** JOSÉ SIMÕES MORAIS

O bairro da Ponte Nova, ou *San Kiu* (新桥) em chinês, deve o seu nome a uma ponte de pedra construída para substituir a de bambu. Nasceu como povoação desordenada que servia de base às embarcações do Porto Interior, e passou por inúmeras obras, que incluíram a demolição de barracas e o realojamento dos moradores em casas com melhores condições sanitárias. É hoje um dos bairros mais dinâmicos da península, com mais de 40 mil habitantes



**SAN KIU** (新桥) encontra-se a Oeste da parte Norte da península de Macau, numa zona de depressão limitada pelas margens de um dos ramais do Rio Oeste e as Colinas de S. Miguel e de Mong Há. Situado na freguesia de S. António, o bairro de San Kiu, que significa Ponte Nova, tem por centro o Largo da Cordoaria e os seus limites encontram-se na Rua de João de Araújo, partes da rua e estrada de Coelho do Amaral e das avenidas de Horta e Costa e do Almirante Lacerda. Entre estas duas últimas avenidas e a Estrada de Coelho do Amaral, assim como a Rua de Brás da Rosa, existia a pequena povoação ribeirinha de Sá Kong, que perdeu a sua identidade ao ser inserida em San Kiu.

Nos primeiros tempos da chegada a Macau dos portugueses, aí passava um curso de límpida água potável, a Ribeira do Patane, e por isso, nesta zona fundeavam as naus. Era abrigada dos ventos fortes e usada para fazer aguada, e as embarcações aproveitam também para serem reparadas. Por isso, nessa zona do Porto In-

JUNTO À ROTUNDA  
DOS TRÊS  
CANDEEIROS ESTÁ UM  
BAZAR A CÉU ABERTO,  
ONDE RESIDENTES  
E TURISTAS FAZEM  
COMPRAS, SENDO  
O BAIRRO HABITADO  
POR MAIS DE 40 MIL  
PESSOAS E TEM MAIS  
DE 1200 LOJAS

terior foram-se criando cais, cresceram os estaleiros navais e como nas reparações das embarcações eram necessárias madeiras, aqui se fizeram docas para conservar os troncos de árvore na água. Por tal, não é de estranhar os dois templos dedicados a Lou Pan na zona de San Kiu – e apesar de hoje já não serem templos, ainda mantêm no seu interior o altar em honra ao grande mestre dos artesãos, acompanhado pelos seus dois ministros, o de

Letras e o das Armas. O da Rua da Pedra foi fundado em 1854 pela Associação de Construtores Navais e era um lugar de reunião entre patrões e empregados, existindo aí o Templo Lou Pan Si Fu. Ao lado, a Escola dos Filhos dos Operários da Construção Naval, que foi estabelecida em 1954 com o ensino primário e mais tarde, passou a contar com o primeiro ciclo, tendo encerrado em 1975. Na Rua da Alegria, o edifício que agora é a sede da Associação dos Operários de Caição e Pedreiros de Macau e onde funciona um jardim infantil, tem no seu interior placas referentes ao templo do período entre 1851 e 1861.

San Kiu deve o seu nome a uma ponte de pedra construída para substituir a de bambu, que se situava onde hoje é a Rua João de Araújo, e foi custeada pelos moradores do bairro. “Tal ponte permitia aos habitantes da zona atravessarem a Ribeira de Patane e era o único acesso ao Templo Lin Kai, que se encontrava no lado direito do curso de água, também conhecido por Regato de Lótus”, como refere Luiz de Gonzaga Gomes na sua explicação histórica. Esse riacho, com origem nas colinas de Mong Há e da Guia, corria por onde hoje se situam as ruas da Barca e de João de Araújo, desaguando no Porto Interior. Já o Templo Lin Kai, situado na Travessa da Corda, foi construído atrás do Regato de Lótus por volta de 1740 e reconstruído em 1830, sendo dedicado a uma divindade ligada à água.

Em 1864, começaram a ser abertas novas avenidas no campo, concretizando-se a ocupação efectiva levada a cabo durante o governo de Ferreira do Amaral. Quando a cidade cris-





SAN KIU DEVE O SEU NOME A UMA PONTE DE PEDRA CONSTRUÍDA PARA SUBSTITUIR A DE BAMBU, QUE SE SITUAVA ONDE HOJE É A RUA JOÃO DE ARAÚJO



tã intramuros se expandiu após o dismantelar das muralhas que a separavam dos terrenos de cultivo, começou a construção de inúmeras habitações na área de hortas em San Kiu. “Como a ponte não bastasse para o grande movimento das pessoas que por ela diariamente transitavam, muitos moradores deste bairro, para entrar na cidade, tinham de fazer a travessia do riacho em *tán-ká* que nesse tempo costumavam varar em grande número nas duas margens.” Ora, “como ainda não existiam barcos a vapor, foi esse o período da sua maior prosperidade. Por isso, inúmeros *tou* da navegação costeira entravam constantemente nesses estaleiros a fim de sofrerem as beneficiações de que careciam para o prosseguimento das suas viagens. Os chineses passaram então a chamar *Tou Sün Kái* à rua que servia esses estabelecimentos e este nome passou para o português na sua tradição da Rua da Barca”, acrescenta Gonzaga Gomes.

### **Ameaça à saúde pública**

De 1865 até 1881, o assoreamento do Rio do Oeste fez diminuir a profundidade em mais de um metro, o que impossibilitou a entrada aos navios de grande e médio porte que precisavam de mais de quatro metros de água. Em 1868, estava feito o aterro marginal que permitia a ligação por terra entre o Patane e o templo de Lin Fong. Segundo Luís Gonzaga Gomes, a “pequena derivação do braço do delta que banha o Porto Interior, entrava na zona de San Kiu e serpenteando até ao templo (Lin Kai) onde formava um largo charco, seguia depois em direcção à antiga aldeia de Mong Há, (...) para ir ligar-se outra



vez ao delta.” Este curso de água salobra era um braço do Rio Oeste que, para Ana Maria Amaro, chegava até ao Largo das Três Luzes (Rotunda Carlos da Maia). Daí até ao começo da actual Rua da Barca (que passou a incluir a Rua das Pontes), havia um pequeno lago, que recebia boa água proveniente da Colina de Mong Há e sobretudo com origem próxima do Jardim da Flora, na parte Leste do Monte da Guia. Desde as nascentes seguiam estas límpidas águas por pequenas valas, que corriam mais ou menos onde hoje se encontram a Rua Pedro Coutinho e a Estrada Adolfo Loureiro até perto do começo da Rua da Barca.

Em 1875, o director das obras públicas apresentou o projecto e orçamento das obras a executar com a construção das pontes de San Kiu e Sa Kong na importância de 570 patacas cada uma. No ano de 1884 havia ainda a distinção entre as povoações chinesas de Sa Kong e San Kiu, sendo ambas alvo de atenção devido ao estado de insalubridade que punha em risco a saúde pública. Já em 1872 o Dr. Lúcio da Silva, chefe dos serviços de saúde, dava conta de uma epidemia de cólera e chamava a atenção do governo, pedindo providências para aumentar a limpeza na zona. Era urgente remover de Sa Kong as docas de construção de navios, cheias de lodo e matéria orgânica em decomposição. Na descrição de Adolfo Loureiro, “muito perto destas docas é que existem os verdadeiros bairros de San Kiu e Patane, consistindo num amontoado de pobríssimas casas de madeira, cobertas de oia, onde os charcos e os montes de detritos e despejos dão ao local um aspecto repelen-



NOS PRIMEIROS TEMPOS DA CHEGADA A MACAU DOS PORTUGUESES, NA ZONA DE SAN KIU PASSAVA UM CURSO DE LÍMPIDA ÁGUA POTÁVEL, A RIBEIRA DO PATANE, E POR ISSO, NESTA ZONA FUNDEAVAM AS NAUS

te e repugnante.” As dejeções dos habitantes, à mistura com os lodos sempre a descoberto, exalando um cheiro fétido, era no que estava convertido o canal San Kiu, que apresentava em torno do Templo de Lin Kai “umas pequenas várzeas de opulentíssima vegetação, mas intercaladas com pântanos e valas de águas estagnadas e verdes.”

Sendo um foco de infecção, julgou-se conveniente o entulhamento do canal, um braço de rio sinuoso que atravessava o Patane e chegava até às várzeas de Sa Kong, e que na ocasião das vazantes ficava completamente a seco.

O Capitão do Porto, Costa e Silva, a 6 de Junho de 1885, informava o governo: “Desde a estação Coelho do Amiral até ao estaleiro Samg vo um amontoado de barracas construídas de madeiras velhas, sem alinhamento nem método, separadas por becos tortuosos e imundos, e que se não inspiram receio, inspiram pelo menos tédio a quem delas se aproxima. Segue-se o estaleiro, que fica já sobre o lodo, não havendo depois barracas até aos fornos de cal Si-hap; em frente destes começam as habitações em tancás suspensos, que se estendem até ao estaleiro Veng vo, nas quais pela

maior parte se não vêem moradores, que não tem portas, o que aliás é bastante justificável, visto não conterem coisa alguma de uso e apenas uma ou outra uns pequenos pagodes, e uma ou duas esteiras imundas, e que se comunicam por uns passadiços formados de tábuas podres; seguindo-se mais para o interior alguns estaleiros. Depois do estaleiro Veng Vo seguem-se outros até à ponte de San Kiu e para o Sul desta ainda outro sobre terra firme até ao extremo Norte do novo aterro de Patane, tendo estes no interior uns charcos, ou antes verdadeiros pântanos para depósitos de madeiras.

Ainda para o Sul da ponte, mas ao lado da estrada, está a doca Ho-quae; no geral há também uma pequena povoação de tancás suspensos e barracas.”

## Saneamento e um novo bairro

O Dr. Tovar de Lemos no seu relatório diz terem sido as obras mais relevantes do ano de 1885 as que levaram à extinção dos pobres tancás sobre estacas que no canal de Sa Kong e San Kiu serviam de pestilento abrigo a mais de 2000 pessoas. A

única solução que ele tinha para tão imundo lugar era o fogo ou o machado. Depois da sua visita e apresentado o relatório ao Governador Tomás de Sousa Rosa (1883-1886), este deu um prazo de três meses para o despejo. No entanto, os moradores não acreditaram na realização de tal ordem e ao terminar o prazo nada fizeram.

Quando o governo mandou demolir tudo, foi necessário que esses trabalhos fossem acompanhados por uma força policial. Na área de Sa

Kong, o governador mandou remover milhares de cadáveres que por aí tinham sido sepultados. Muitos deles ficaram depois depositados no que hoje é o Templo Chôc Lam Chi (Mosteiro da Floresta de Bambus), situado na Estrada de Coelho do Amaral. Mas segundo uma versão chinesa, foi para dar sepultura a esses ossos que já em 1865 um chinês taoísta mandou erguer um templo, local de retiro para as suas práticas. Silva Mendes diz que esse templo foi mandado construir em Sa Kong por um rico comprador de Hong Kong, sendo “oferecido em 1911 à Associação Púrpura do Bambu para aí instalar o templo budista, então apenas constituído por uma sala”.

Os Serviços de Saúde continuavam a alertar o governo com relatórios como o de Gomes da Silva em 1886: “o pântano de Mong Há, o canal de San Kiu e a povoação de Sá-Kong, eis a meu ver, os três focos essenciais patogénicos das febres intermitentes de Macau”.

No ano de 1888, o governo determinou que se procedesse à regularização das margens do canal e ao empedramento do seu fundo. As obras começaram logo e arrastaram-se durante anos, com largas interrupções. Segundo Beatriz Basto da Silva, o aterro do antigo ribeiro ficou pronto em Junho de 1913. O entulhamento do canal deixou ao centro uma vala coberta para escoamento das águas das várzeas, formando em toda a largura do canal uma larga avenida arborizada que comunicava com o mar. Após saneado ficou a ser a Estrada Coelho do Amaral (conhecida no cadastro de 1905 pelo nome chinês Sa Kong Pu e seguia um trajecto diferente ao



de hoje, pois começava na Rua Coelho do Amaral e acabava na Estrada do Istmo).

O canal é por fim aterrado, mas restou um trecho que se converteu num charco de água putrefeita, que se manteve durante anos e que após inúmeras reclamações de sucessivos chefes dos Serviços de Saúde. Foi aterrado só em 1935.

A ponte de pedra desapareceu com os aterros feitos e para a memória ficou a Travessa da Ponte, onde existe o Templo Seak Kam Tong, que fora planeado em 1885, mas só começou a ser construído em 1894, tendo terminado em 1902.

Existia também o Mercado de Sa Kong, primitivamente instalado onde hoje se encontram prédios, entre as ruas da Barca e da Erva, sendo depois transferido para um local próximo, entre a Rua da Erva e a Travessa da Ponte. Mudou de novo de lugar e dessa vez foi para um edifício entre as ruas da Barca, de João de Araújo e da Alegria, passando-se a designar Mercado de San Kiu. O edifício era propriedade de Vong Ū Chio, que arrendava as bancas aos comerciantes. Quando em 1934 a Comissão Administrativa entendeu que era prerrogativa municipal a exploração de mercados e que ficavam melhor servidos os interesses do público com a construção dum mercado novo na Avenida Almirante Lacerda, o proprietário sentiu-se prejudicado e pediu à Câmara que lhe comprasse o mercado. É no Boletim Oficial de 28 de Abril de 1934 que fica então reconhecido que a mudança do mercado de San Kiu para outro local acarretaria prejuízo para os comerciantes estabelecidos na área daquele mercado e por isso, o Leal Senado convidou o dono a indi-

car o preço e as condições por que pretendia vendê-lo. Vong Ū Chio pediu ao Leal Senado pelo edifício 165 mil patacas. Depois, nesse lugar foi construído o Cinema Ū-Lók (Teatro San Kiu), mas um incêndio em 1942 destruiu-o por completo e foi mais tarde construída uma escola no terreno.

O Templo de Lin Kai foi sendo ampliado entre os anos de 1875 e 1908 e devido aos aterros, efectuados entre 1888 e 1935, a ribeira foi canalizada. A zona fronteira ao templo passou

a um largo, cuja toponímia indica ser o da Cordoaria. Com a construção do cinema Alegria, inaugurado em 25 de Fevereiro de 1952, este largo ficou substancialmente reduzido.

Saneada toda a zona, surgiu o bairro de San Kiu densamente povoado e cheio de comércio. Actualmente junto à Rotunda dos Três Candeeiros está um bazar a céu aberto, onde residentes e turistas fazem compras, sendo o bairro habitado por mais de 40 mil pessoas e com cerca de 1200 lojas. ■



HISTÓRIA 

A LONGA LUTA DE MACAU  
PELA ÁGUA POTÁVEL

# Sede histórica

 PATRÍCIA CRUZ

O século XIX trouxe um grave problema aos habitantes de Macau: falta de água potável. A situação foi resolvida com o sistema de canalização de água própria para consumo, pela Sociedade de Abastecimento de Águas de Macau, em Julho de 1935. Antes, acumularam-se tentativas falhadas





Rua da Alfândega, 1930: a água tinha de ser transportada em baldes pela cidade

**REGIÃO RODEADA** por tanta água, Macau viveu a ironia de sofrer com sede. Isto porque mares salgados e rios pouco limpos são apenas uma acumulação de litros impróprios para consumo. O drama acentuou-se lá longe, no século XIX. Com o desenvolvimento de Macau e o aumento da população, os recursos hídricos deixaram de ser suficientes, dando-se início a um período de escassez de água potável.

Tendo a questão da definição dos limites de Macau originado sempre atritos políticos entre os governos de Portugal e da China no passado, as autoridades de Macau pretendiam então recorrer unicamente à água existente no território.

Assim, os habitantes obtinham água através de fontes, poços públicos e particulares, e a partir de cisternas construídas nas residências, para recolha da água das chuvas. E todos os anos, durante a estiagem, era necessário re-

correr a barcaças transportadoras de água proveniente da ilha da Lapa.

Além da escassez, as pessoas confrontavam-se também com a dificuldade de obter água potável, porque a maioria da que vinha de poços, cisternas e depósitos era imprópria para consumo, devido à má qualidade das construções.

A água da Lapa também não era melhor, por razões relacionadas com falta de higiene a bordo ou porque o fundo dos cascos dos barcos não era estanque. Para evitar a cólera, muito frequente naquela altura, como outras doenças, era hábito ferver a água, filtrá-la e deixá-la arrefecer antes do consumo. Aliás, havia até quem só a bebesse em chá.

## Primeiros estudos

No início do século XX, as autoridades começaram a preocupar-se com a obtenção de água potável suficiente para a população. Em 1905, o general José Emílio Castel-Branco foi nomeado em comissão de serviço para proceder a estudos sobre a matéria. De acordo com os resultados obtidos, seria possível captar água subterrânea no subsolo do vale de Mong-Há, construir no local um reservatório com capacidade de 200 mil metros cúbicos, sujeitar essa água a um tratamento rudimentar e distribuí-la depois aos consumidores. Todavia, os estudos do general não progrediram por haver poços em quase todas as casas ou bairros e de se considerar prioritária a electricidade.

ÀS PESSOAS CONFRONTAVAM-SE COM A DIFICULDADE DE OBTER ÁGUA POTÁVEL, PORQUE A MAIORIA DA QUE VINHA DE POÇOS, CISTERNAS E DEPÓSITOS ERA IMPRÓPRIA PARA CONSUMO



Refugiados buscam água nas torneiras públicas (1961)



Fornecimento de água nas torneiras públicas durante o período da invasão japonesa (1925-58)

EM 1912, AS AUTORIDADES INICIARAM A CANALIZAÇÃO DE ÁGUA SALGADA, PARA ESGOTOS E LAVAR RUAS, SERVINDO AINDA PARA COMBATER INCÊNDIOS. JUNTAMENTE COM A CANALIZAÇÃO, CONSTRUIU-SE UM RESERVATÓRIO DE ÁGUA SALGADA, NA COLINA DA GUIA

Em 1912, as autoridades iniciaram a canalização de água salgada, para esgotos e lavar ruas, servindo ainda para combater incêndios. Juntamente com a canalização, construiu-se um reservatório de água salgada, na Colina da Guia, enchido por meio de bombas elevatórias de água do mar. Foi a primeira rede de água de Macau e também o primeiro reservatório da cidade.

Além dos benefícios enumerados, esta rede, cujos trabalhos de ampliação se prolongaram por vários anos, teve efeitos imediatos na desratização urbana e no combate à peste.

### **Novo projecto**

Em 1919, o coronel Adriano Augusto Trigo assumiu a Direcção dos Serviços de Obras Públicas de Macau, tendo como principal missão o desenvolvimento de um projecto para resolver o problema do abastecimento de água potável.

Trigo, que também era engenheiro, traçou um plano que abarcava duas áreas – águas pluviais e águas subterrâneas – tendo presente que

Macau seria abastecida com os recursos da península. Partindo das indicações coligidas pelo general Castel-Branco, e após um estudo das condições hidrológicas da península, apresentou o projecto das obras de exploração de águas na Colina da Guia, assim como recomendações acerca das pesquisas de águas subterrâneas no vale de Mong-Há.

O projecto incluía a construção de um reservatório na Colina da Guia, para captação de águas pluviais, de um reservatório no sítio da Flora, com o intuito de recolher as águas exploradas na Colina da Guia, e dos primeiros sete fontenários da cidade, para distribuição da água. As obras, concluídas em 1925, vieram revolucionar o abastecimento em Macau.

Quanto às pesquisas de águas subterrâneas no vale de Mong-Há, registou-se a existência de água a uma profundidade de 57,5 metros, tendo as análises posteriores revelado ser de boa qualidade. Descobriu-se ainda um manancial de água doce no estuário do rio Oeste, ao norte da península.



**Em Coloane (1948), recorria-se sobretudo à água do fontenário público**



**Habitantes à espera de água doce na Taipa (1930)**



Porém, uma comissão de técnicos, anteriormente nomeada pelo Conselho Executivo, com o objectivo de estudar as bases gerais em que deveria fazer-se o abastecimento de água à cidade, apresentou um relatório em 1924 que veio alterar a situação. Continha um plano mais ambicioso, mas na prática apenas teve como consequência o embargo da situação, até ser dada a concessão do monopólio do abastecimento de água potável a uma empresa particular.

### **Empresas entram em cena**

A 12 de Setembro de 1928, por escritura pública, o Leal Senado da Câmara de Macau concedeu à *Water Works Company* o primeiro exclusivo do serviço de abastecimento de água à cidade de Macau, por um prazo de 50 anos. O proprietário era um luso-americano, Francisco Santos, juntamente com investidores chineses de Honolulu. Estes adquiriram equipamento na cidade havaiana, tendo procedido a vários ensaios em locais escolhidos, segundo os estudos do general Castel-Branco e do engenheiro Trigo, no vale de Mong-Há. Contudo, sucederam-se vários fiascos e a companhia foi forçada a desistir.

Em 1929, na sequência de uma seca considerável, foi constituída a Companhia Loc Wo, a qual abastecia com água potável apenas os bairros de Mong-Há, do Patane e do Bazar Chinês, não tendo assinado nenhum contrato para o exclusivo do abastecimento de água.

A Companhia das Águas de Macau, SARL foi constituída, por escritura pública, a 22 de Janeiro de 1930, tendo assinado o contrato do exclusivo do serviço de abastecimento de água à cidade de Macau, com o Leal Senado, a 4 de Junho de 1932. O Leal Senado manteve as condições do contrato celebrado com a *Water Works Company* em 1928, pelo que o prazo do exclusivo era por 50 anos, a contar de 12 de Setembro de 1928.

A companhia adquiriu tecnologia alemã produzida pela Siemens China, de Xangai, e contratou engenheiros alemães para procederem a estudos sobre os recursos aquíferos da região. Estes apresentaram dois projectos: a canalização de água destinada a usos alimentares, recorrendo-se à captação das águas da ilha de Coloane; e a canalização de água obtida do rio Oeste, junto à Ilha Verde, depurada e esterilizada por processos científicos, destinada a usos domésticos e industriais e aos serviços de limpeza das ruas e incêndios.



EM 1928, POR ESCRITURA PÚBLICA, O LEAL SENADO DA CÂMARA DE MACAU CONCEDEU À WATER WORKS COMPANY O PRIMEIRO EXCLUSIVO DO SERVIÇO DE ABASTECIMENTO DE ÁGUA À CIDADE DE MACAU

Só que o aproveitamento da água do rio Oeste estava condicionado a seis meses por ano, entre Abril e Setembro, visto ser demasiado salgada para consumo nos restantes meses. Seguiu-se a construção de um reservatório na Ilha Verde e a colocação de canalização, tendo as obras ficado concluídas em 1933. Porém, a companhia acabou por sofrer o impacto da crise económico-financeira de 1929, e rescindiu o contrato a 31 de Dezembro de 1934. O Leal Senado assumiu então o serviço de abastecimento de água à cidade, tendo igualmente tomado posse de todos os bens da antiga companhia.

### **Solução inglesa**

A 13 de Julho de 1935, foi constituída, por escritura pública, a Sociedade de Abastecimento de Águas de Macau, Limitada (SAAM), uma empresa inglesa, também conhecida por *The Macao Water Supply Company, Limited*. Assinou contrato do exclusivo do abastecimen-



Casa Garden



Casa de Portugal



Albergue da Santa Casa da Misericórdia

## MEMÓRIAS DE OUTRAS ÁGUAS

### • **ESTER SALES RITCHIE, 90 anos**

Ester Ritchie viveu praticamente toda a vida em casas com poços. Recorda com especial carinho uma casa onde morou com o marido e os filhos mais de 20 anos, num período entre as décadas de 1940 e 1960. “Vivia no número 26 da Rua Pedro Nolasco, ao lado da Casa de Portugal, que está em nome da família Sales há 66 anos. A casa tinha um poço e nós bebíamos a água daí. Antigamente não havia frigorífico, nós púnhamos as melancias e os melões dentro do poço, para ficarem frescos. A água era muito boa, saborosa. Ainda hoje não bebo água da torneira, compro água engarrafada.”

### • **MARIA CHAN DAS NEVES, 85 anos**

Maria Neves habitou várias casas, mas apenas uma tinha poço próprio. Era a casa para onde foi viver quando se casou, em 1951, com um militar português, e onde ficou até 1964. “Quando casei, fui morar para a Rua Henrique de Macedo, no Bairro de Cheoc Chai Un, que significa Jardim dos Passarinhos. Era uma casa de dois andares, uma moradia. Vivíamos no rés-do-chão e outra família no primeiro andar. A cozinha dava para um pátio interior, onde havia um poço. Metade do poço era da nossa casa, a outra metade da casa ao lado, dividido por um muro. Por causa dos meus filhos, estava sempre tapado. Recordo-me de ver baratas brancas no fundo do poço, fazia-me imensa

impressão. Também havia muitas aguadeiras, que carregavam dois baldes numa vara. Eram uns bidões cúbicos, altos. Era uma actividade muito dura, muitas chegavam curvadas à velhice. Não era questão de não haver água canalizada, mas as pessoas reagiam mal ao sabor. Bebíamos a água do poço fervida, toda a população o fazia.”

### • **ANTÓNIO JOSÉ LEMOS FERREIRA, 62 anos**

António Ferreira viveu em Macau até 1959, tinha então seis anos, altura em que a família emigrou para Moçambique. Hoje a residir em Portugal, lembra-se bem da sua casa em Macau, na Rua de Eduardo Marques, numa das moradias amarelas que ainda existem hoje, onde vivia com pais, irmãos, tios e primos. “Éramos uns privilegiados, porque tínhamos um poço que pertencia à casa. Era só sair pela porta principal. Lembro-me de o meu tio Fernando ir buscar a água ao poço. Descia o balde por uma corda e agitava-o para que se enchesse de água. Por vezes, vinha com uns peixinhos que ele tratava de devolver ao poço, pois serviam para manter a água limpa, segundo me explicavam. Certa vez, faltou água na torneira de abastecimento da rua e foram-nos pedir para se abastecerem no nosso poço. Os meus tios puseram-se a controlar a situação, tinha eu uns cinco anos. Senti-me o miúdo mais importante de Macau, face àqueles sequiosos adultos.”



**Forte de São Tiago**



**Galeria do Tap Seac**

to de água à cidade, com o Leal Senado, dois dias depois, por um prazo de 60 anos. De acordo com o contrato, o gerente geral da sociedade era Frederick Jonhson Gellion, também gerente da *The Macao Electric Lighting Company, Limited*.

A sociedade abandonou o esquema alemão, decidindo construir o reservatório principal num terreno baldio conquistado ao mar, situado no Porto Exterior. O projecto inicial de captar água dentro dos limites territoriais, com o complemento da água do rio Oeste, foi então substituído por um novo plano, passando Macau a depender exclusivamente da água captável no estuário junto à Ilha Verde. A sociedade iniciou a construção de uma estação de tratamento na Ilha Verde, de uma estação elevatória e do referido reservatório no Porto Exterior, os quais ficaram concluídos em 1936.

As obras melhoraram significativamente o abastecimento de água, assim como a qualidade de vida da população. No entanto, seguiram-se vários problemas, a maioria dos quais alheios à SAAM, como secas e crescimento populacional, que provocaram escassez de água e, conseqüentemente, impossibilidade de um abastecimento ininterrupto à população, tornando-se necessário adoptar medidas de restrição ao consumo. A água foi várias vezes racionada, chegando o seu fornecimento a ser interrompido, por vezes durante longos períodos.

Esta situação só viria a ser superada a 19 de Dezembro de 1983, data em que Macau passou a depender totalmente do abastecimento

## 80 ANOS DE SERVIÇO

No dia 15 de Julho, a Sociedade de Abastecimento de Águas de Macau (*Macao Water*) celebra 80 anos como empresa detentora do exclusivo do serviço de abastecimento à cidade. Para comemorar a data, criou dois concursos, ainda em 2014: um de recolha de fotografias antigas, para ilustrar a evolução do abastecimento de água em Macau, e outro de curtas-metragens, com o intuito de possibilitar aos cidadãos expressarem a sua visão acerca do abastecimento de água no território. Também em Julho, a empresa emitirá, em parceria com os Correios de Macau, um conjunto de selos comemorativos, com o tema “Água e Vida”.

de água da China. Em 1985, a SAAM normalizou o fornecimento de água, e a sua qualidade respeitou, pela primeira vez, as normas rigorosas relativas à água potável da União Europeia. No mesmo ano, houve uma reestruturação da sociedade, que passou a assegurar o abastecimento de água potável às ilhas da Taipa e de Coloane, antes garantido pela Comissão Municipal das Ilhas, estrutura que antecedeu a Câmara Municipal das Ilhas.

Desde então, registaram-se importantes melhorias tecnológicas, tendo a SAAM renovado com o Governo da RAEM o contrato de concessão do fornecimento de água potável aos residentes de Macau em 2009, por um prazo de 20 anos. ■

# Tradições



# SANTO ANTÓNIO

## CAPITÃO DE MACAU



GONÇALO LOBO PINHEIRO

**TF** FERNANDO SALES LOPES\*

**SANTO ANTÓNIO** e São João Baptista, Santos Populares, têm em Macau muitos devotos. Se ao milagre atribuído a São João se deve a vitória de Macau sobre os holandeses em 1622, em Santo António se reconhece um Santo merecedor da fé que a comunidade portuguesa de Macau nele deposita, em todas as vertentes que o caracterizam. Embora sem o soldo de outrora a sua procissão curta mas de grande significado continua a assinalar a tradição no seu dia, a 13 de Junho

\*Historiador, Mestre em Relações Interculturais

## SANTO ANTÓNIO MILITAR

O culto a Santo António remonta à chegada dos portugueses a Macau, santo que era já de devoção popular e protector dos navegantes sendo a igreja que lhe é dedicada referida como uma das primeiras a serem construídas em Macau, e foi junto dela que os jesuítas construíram a sua primeira residência nos finais de 1565. Só mais tarde contudo o Santo teria entrado na ala militar. Embora diversos autores, nomeadamente Ljungstedt se refiram ao ano de 1725 como a data em que o santo teria sido alistado em Macau Manuel Teixeira nota que: “Reza a tradição que Santo António foi alistado como soldado em 1623 ano em que veio de Goa o primeiro presidio militar com o primeiro governador D. Francisco de Mascarenhas (...)”<sup>1</sup> Contudo a história militar do Santo inicia-se em Portugal durante a Guerra da Restauração (1640-1668) quando os soldados começaram a atribuir-lhe os sucessos militares, o que levou o Regente do reino, D. Pedro II, a determinar em 1668 que assentasse praça, como soldado no Regimento de Infantaria de Lagos “por tão patriótico serviço”, sendo mais

tarde promovido a capitão, e a major em 1780. Desde que assentou praça em Lagos a sua vida de “militar” passou por diversos locais de Portugal, Brasil, Espanha e até na China, em Macau, onde, terá sido alistado como soldado raso com direito ao respectivo pré. Em 1783 é promovido a capitão, patente que conservou.

## DE SOLDADO A CAPITÃO

Nem sempre o Santo recebeu o seu soldo do tempo e horas pois as contingências do comércio marítimo de que vivia Macau por vezes não proporcionavam excedentes de modo a que o Leal Senado pudesse satisfazer as suas obrigações. Embora o Santo não protestasse, acabaram por ser os moradores de Macau a “obrigarem” o Senado ao pagamento dos atrasados devido às “continuadas infelicidades” que a cidade sofria desde a suspensão do pré. Em 1783 o Santo foi, então, promovido a capitão tendo-lhe sido pagos os soldos em atraso desde 1780, ano em que tinha sido suspenso o pagamento. Teve o Senado da Câmara de Macau a obrigação de comunicar o acontecido a Goa – de quem dependia - e fê-lo por carta de 22 de Dezembro de 1783, que teria curiosa resposta do Governador da Índia, D. Frederico Guilherme de Sousa, a 25 de Abril do ano seguinte:

“(…) aprovo o pio acordo que tomou, com os pareceres do Governador e do Desembargador Juiz Sindicante, de mandar pagar os soldos de soldado ao Glorioso Santo António do tempo que teve de baixa, mas também que devesse assentar Praça de Capitão da Cidade, e que se paguem daqui em diante, os soldos que vencer, e que serão aplicados no culto desse Glorioso Santo Português. Não se devia tomar porém, a deliberação de se lhe assentar Praça de Capitão sem que primeiro não se me desse disso parte, e se esperasse a minha resolução”<sup>2</sup>

Mesmo com esta “falta de respeito” em relação a Goa, o Santo que a tudo é superior lá ficou promovido a Capitão da Cidade com os seus vencimentos e honrarias, e ao Senado foi desculpada, mais uma vez, esta peculiar e habitual maneira de governo de primeiro fazer e depois comunicar o que estava feito, sem previamente dar contas a quem esperava que elas fossem dadas.



Missa antes da procissão



Saída do cortejo com a presença de membros da irmandade



Andor de Santo António ainda no adro da igreja



Jovens fazem alas para passar a procissão



Jovens cobrem de pétalas de flores o chão por onde passará a procissão

## NEGOCIAR COM O SANTO

Sobre a virtude de Santo António na recuperação dos perdidos, é curiosa a descrição da "negociação" feita por uma crente:

*"Desde pequena que tenho a sua protecção, às vezes até esqueço. Mas ele é brincalhão, perco as chaves, ou outras coisas importantes e rezo para Santo António, mas ele é esperto, pouco dinheiro não dá, só se lhe dou mais é que encontro logo as coisas. Já tive várias experiências neste aspecto: O Santo António toma lá 50 patacas, não só com 100 patacas, chega a ser até às 500 patacas, aí em dez minutos a coisa perdida ali está à minha frente."*



Capela onde se recolhe o Santo António após a procissão e onde os crentes irão beijar a sua imagem

## ENTREGA DO SOLDO COM POMPA E CIRCUNSTÂNCIA

A "Declaração da forma com que foi entregue o soldo a Santo António ao Vigário da igreja no dia de véspera da sua Festa" visualiza a solenidade e o respeito com que o acto foi realizado em 1784, um ano após a sua promoção a Capitão:

"Pelas oito horas da manhã do dia doze de Junho, véspera da festa de Santo António, saíram da casa da Câmara do Senado o Vereador mais velho Joaquim Carneiro Machado, o Escrivão da Câmara Jacinto da Fonseca e Silva, e o Tesoureiro Manuel Pereira da Fonseca todos em cadeiras, levando o Tesoureiro uma bolsa de cetim carmesim com suas borlas e cordões dourados. A bolsa com os seguintes dizeres: Soldo de Capitão da Cidade que tem vencido até ao dia treze deste mês o Glorioso S. Santo António e que lhe remete o Nobre Senado.

Chegados à porta da igreja encontrava-se já o Porteiro do Senado com uma salva de prata na mão onde o Tesoureiro colocou a bolsa com o soldo, para que aquele a conduzisse ao Cruzeiro da Igreja onde se encontrava a imagem do Santo, numa credencia com oito velas acesas. Ali o Tesoureiro tirou a bolsa da salva e colocou-a aos pés do Santo, tendo durante algum tempo repicado os sinos.

(...) O Vereador, o Escrivão e o Tesoureiro fizeram orações ao Santo, receberam o recibo e retiraram-se sempre na companhia do Vigário da Igreja."<sup>3</sup>

Embora com menos esplendor, com automóvel a substituir as cadeiras, e um envelope encerrando as notas ou o cheque, a cerimónia não se alterou muito no decorrer dos dois séculos que se seguiram. Daquilo que ouvimos de dois ex-presidentes do Leal Senado que exerceram o seu mandato no séc. XX, a maior diferença corresponde à presença, ou ausência, da guarda de honra militar. Essa Guarda de honra permaneceu como parte integrando do pagamento do Soldo até 1974 altura em que foi extinta a Guarda Militar de Macau. A Guarda formava ao lado da igreja de Santo António, com todos os toques de continência, apresentava armas, e só então os representantes do Leal Senado e o vigário entravam na Igreja Era um cerimonial militar muito antigo, apresentando-se ao Capitão-geral Santo António todas as honras devidas.

O soldo foi sendo actualizado ao longo do tempo. Em 1783 era de 240 taéis. Nos anos 50 do século passado de duas mil patacas. Em 1967 passou para seis mil, e o soldo entregue em 1996 aponta para as 45 mil patacas, metade das quais revertia a favor do “Pão dos Pobres” e a outra metade para gastos paroquiais. Em 1999 foi a última vez que, o então, Leal Senado, pagou o soldo devido a Santo António.

### SANTO PROTECTOR E MILAGREIRO

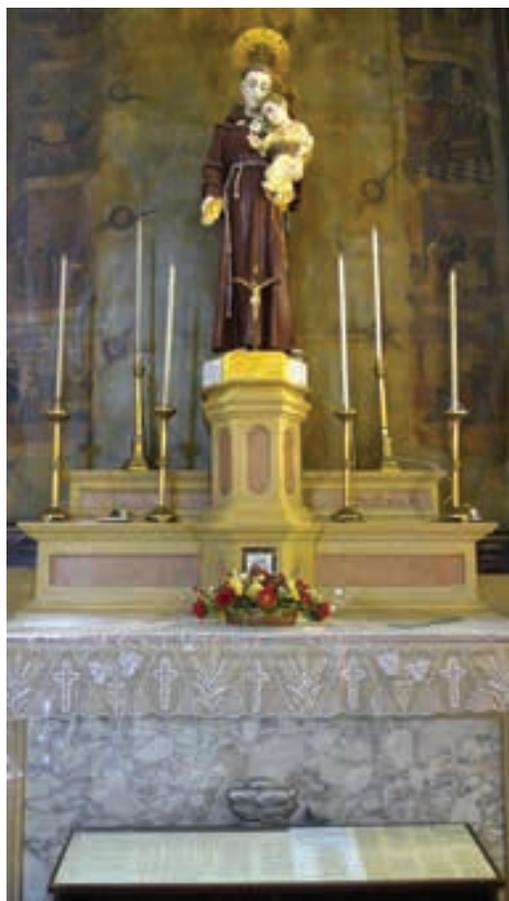
**D**outor da Igreja, Santo António de Lisboa tornou-se um Santo Popular amado pelo povo. Contudo em Macau não são conhecidas referências de que tenha sido festejado alguma vez da popular maneira com arraiais, comes e bebes, diversões e fogueiras, tal ficou reservado para as comemorações do seu companheiro, também santo popular, S. João Baptista, padroeiro da Cidade.

Em Santo António se crê como santo protector da comunidade dos portugueses de Macau, dos navegantes, e dos mais necessitados. Todos o têm como atento ouvidor e milagreiro, reconhecendo-lhe os seus poderes como casamenteiro<sup>4</sup>, de ajuda nos pedidos para aumento da prole ou de infalível encontrador de objectos perdidos a quem lhe reze o Responso e contribua com doações para os pobres. São curiosas as descrições destes “milagres” e do modo muito localizado como se conseguem os benefícios como no caso da recuperação dos perdidos [ver caixa “Negociar com o Santo”].

Alguns dos milagres que lhe são atribuídos encontram-se representados na sua Igreja. Logo à direita de quem entra no chamado altar do “Pão dos Pobres” como pano de fundo da sua imagem pode ver-se num painel da autoria do arquitecto e pintor Casuso datado de 1904, aqueles milagres retratados. Embora mais recente esses mesmos milagres estão representados num painel de mármore branco, na ala direita da Igreja, onde existe uma capela dedicada a Santo António e ainda a Santo André Kim e a Santa Madalena de Canossa (1774-1865, fundadora da Congregação das Filhas da Caridade). Note-se que, Santo André Kim (1821-1846), mártir coreano que fez a sua formação eclesiástica em Macau, era um habitual fiel da Igreja de Santo António.

### CASAMENTOS E NASCIMENTOS

“Casamentos? Pois toda a gente sabe que o Santo António é casamenteiro, muitas pessoas pedem também filhos, ou marido ou mulher. As pessoas que casaram em Santo António, mesmo que já não vivam em Macau, voltam aqui para comemorar as suas bodas de prata ou de ouro numa cerimónia de acção de graças.” “Milagre sobre filhos só se for o que aconteceu com o meu pai. Nós somos cinco irmãos, primeiro nasceram duas raparigas, o meu pai veio pedir um rapaz ao Santo António e a minha mãe teve um par de gémeos... mas depois... olha eu sou a quinta”



Altar do Pão dos Pobres

## RESPONSO

O texto do Responso a Santo António, embora com várias versões acaba por abranger todas as virtudes que se lhe atribuem. Se bem que os crentes a ele recorram maioritariamente para recuperar algo perdido, o certo é que, como se pode ler, ele afasta as tentações do demónio, protege os navegantes na tormenta acalmando as águas, afasta a doença, e a própria morte, cura os doentes, e dá a força necessária seja física ou anímica aos que se sentem já sem forças para lutar pela resolução dos seus problemas.

Deixamos aqui a oração do Responso a Santo António, sem as repetições a que a reza obriga a quem dele se socorre para alcançar os seus desejos:

*Se milagres desejais,  
Recorrei a Santo António;  
Vereis fugir o demónio  
E as tentações infernais.  
Recupera-se o perdido,  
Rompe-se a dura prisão,  
E no auge do furacão  
Cede o mar embravecido.  
Pela sua intercessão  
Foge a peste, o erro, a morte,  
O fraco torna-se forte  
E torna-se o enfermo sã.  
(repete a partir de recupera-se o perdido)  
Todos os males humanos  
Se moderam, se retiram,  
Digam-nos aqueles que o viram;  
Digam-no os paduanos.  
(repete a partir de e no auge do furacão)*



**Painel de mármore dos milagres, onde se destaca a protecção aos navegantes que tão importante foi para Macau**

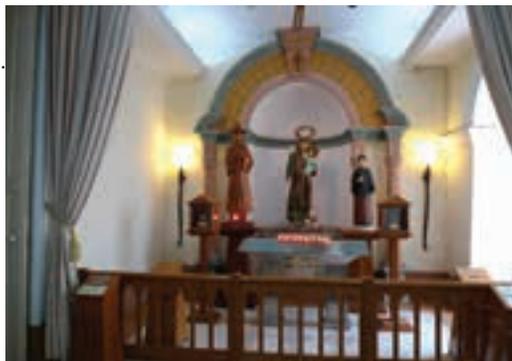
## PROCISSÃO DE SANTO ANTÓNIO

Na tarde do dia 13 de Junho, depois da missa presidida pelo Bispo de Macau, com toda a confraria e fiéis de todas as origens e idades, a imagem do Santo em andor é incensada pelo Bispo saindo ao som do toque dos sinos para o átrio da igreja onde já se encontram fazendo alas os membros da confraria, crianças e jovens vestidos com trajes de ocasião, alguns transportando cestos com flores. Inicia-se então aquela que será porventura a mais pequena, ou das mais curtas procissões do mundo católico. Saindo do átrio da Igreja a imagem do Santo e de todos os fiéis fazem uma volta circular pela Praça de Camões - muitas vezes competindo com algum trânsito rodoviário - rezando em voz alta a Ave-Maria, meninas vestidas de branco vão cobrindo o chão de pétalas de flores, outras caminham compenetradas de mãos postas, membros da Confraria transportam os seus estandartes, e a procissão, completado o círculo do largo, entra de novo na igreja ficando o andor na capela lateral esquerda para ser venerado pelos crentes. Então, em fila, cumpre-se um ritual que é o da passagem um a um em redor da imagem encostando a mão direita nela beijando-a.

Contudo nem sempre a procissão foi assim tão curta resumindo-se a uma volta pelo Largo, há quem se recorde ainda dos tempos em que ela saía da igreja, para se dirigir às Ruínas de S. Paulo, descendo a rampa e fazendo depois o percurso inverso.

## A IGREJA DOS PORTUGUESES

A actual Igreja de Santo António (聖安多尼教堂 (花王堂)), listada como Património Mundial da Humanidade, está construída no local da primitiva ermida erecta antes de 1565, tendo sido o primeiro local onde os Jesuítas se instalaram em Macau. Desde sempre foi considerada pela comunidade macaense como a sua igreja onde celebra os momentos mais significativos das suas vidas, nomeadamente casamentos e baptizados. “Nasci na Paróquia de Santo António, já os meus pais daqui eram, tenho mais de meio século de devoção e de participação nas actividades da paróquia. Agora não pertenço a esta paróquia mas é a fé que me traz aqui todos os anos”, palavras bem significativas do afecto pelas suas origens e permanência na fé.



Santo António ladeado por S. André Kim e Sta. Madalena de Canossa, na capela lateral



Vista geral da igreja

### PÃO DOS POBRES

Uma das mais nobres funções da Paróquia e Irmandade de Santo António em Macau é a sua acção caritativa que se exerce a partir de dádivas de crentes, em géneros, esmolas, ou contribuições filantrópicas, onde se incluía em tempos parte do soldo devido ao Santo. Nos anos 30 do século passado o “Pão dos Pobres” acudia a

muita gente chegando a distribuir mensalmente, pelos necessitados, cerca de mil e quinhentos quilogramas de arroz. Ainda hoje, embora o número de pobres seja menor, a missão prossegue com a distribuição mensal proporcionada pelas dádivas de muitos, como nos explicaram: “A Irmandade tem muita gente porque há muitos devotos de Santo António que dão contribuições, as pessoas vindas de Hong Kong e de outros lugares dão sempre qualquer coisa. É com essas ofertas que mensalmente acudimos aos nossos pobres com azeite, arroz, entre outros géneros”. A Paróquia de Santo António realiza um jantar de confraternização, comemorando a data da festa do santo juntando paroquianos e amigos de todas as idades e culturas, bem como os que contribuem para a concretização da festa e para a continuação das obras de apoio social.

### A SOBREVIVÊNCIA DA FESTA

A comunidade expressa os seus receios de que, no futuro, possa estar em causa a concretização da comemoração em honra de Santo António nos moldes actuais e que seja possível a continuidade da acção caritativa que o “Pão dos Pobres”<sup>5</sup> ainda proporciona, embora actualmente apenas dependente de dádivas de crentes já que o sustento através do soldo há muito deixou de existir.

Os devotos têm consciência que a permanência da tradição passará pela adesão dos mais novos da comunidade macaense, mas também ao alargamento da Irmandade a outros católicos que garantam à tradição um futuro sustentável. ■

1 *Macau e a sua Diocese*, vol.XII, Macau, Tipografia da Missão, 1976, p. 181.

2 *Ibidem*, pp. 184-5

3 *ib.*, pp.182-3

4 A faceta do santo casamenteiro é a mais conhecida popularmente. É da tradição os pedidos feitos nas festas a ele dedicadas. Como curiosidade acrescente-se que no Brasil – por onde o Santo passou, e é bem querido – a fé das jovens casadoiras chegava a transformar-se num “braço de ferro” com o Santo, pois muitas vezes arrancaram o Menino das suas mãos só lho devolvendo quando encontravam marido. A ligação aos casamentos está bem patente em Portugal numa tradição urbana iniciada em 1957 por iniciativa do jornal “Diário

Popular” – Noivas de Santo António – e que persiste até aos dias de hoje, agora numa organização da Câmara Municipal de Lisboa inserida nas Festas da Cidade e com a designação de “Casamentos de Santo António”. Tanto na versão antiga, como na actual, o casamenteiro assume também a sua vertente de ajuda aos pobres pois é para eles que se dirige o evento estando a cargo da organização as despesas com vestuário e prendas de casamento aos casais mais necessitados.

5 A instituição “Pão dos Pobres” foi criada em Toulon, França, tendo-se espalhado por todo o mundo onde havia crentes de Santo António. A sua instituição em Macau remonta a 1903, pelas mãos do pároco da Igreja da sua invocação, Dr. António José Gomes.

CINEMA 





# Em busca do sentido da vida

**T** LUCIANA LEITÃO **F** GONÇALO LOBO PINHEIRO

O realizador português Miguel Gonçalves Mendes passou por Macau para gravar algumas cenas do seu novo documentário, intitulado *O sentido da vida*. O filme, que deverá estrear apenas em 2017, acompanha Giovane Brisotto, um jovem de 28 anos com uma doença terminal, numa volta ao mundo e sete figuras públicas, entre as quais se contam o juiz espanhol Baltazar Garzón e o escritor português Valter Hugo Mãe

**NA BUSCA** de respostas (ou perguntas) a esse dilema existencial que é o sentido da vida, Miguel Gonçalves Mendes filma Giovane Brisotto, um jovem que sofre de paramiloidose – mais conhecida por doença dos pezinhos –, numa viagem à volta do mundo. Paralelamente, o realizador português segue também a vida de sete figuras públicas, entre as quais se contam o juiz espanhol Baltasar Garzón e o escritor português Valter Hugo Mãe. Intitulado *O sentido da vida*, trata-se do novo documentário do cineasta português, co-produzido por Fernando Meirelles, responsável por filmes como *Cidade de Deus* e *O Fiel Jardineiro*.

Miguel Gonçalves Mendes tornou-se conhecido do grande público depois de realizar o documentário *José e Pilar*, sobre o escritor José Saramago e a mulher, Pilar del Río. “Jurei a mim mesmo que nunca mais voltava a fazer um documentário, tendo em conta o esforço emocional e financeiro”, afirma. Porém, não resistiu a levar a cabo uma ideia, que o acompanhou logo a seguir a terminar o filme premiado. Miguel resolveu fazer um documentário sobre o que “nos mantém vivos”, contrariando um pouco o seu trabalho anterior, centrado no medo da morte.

Giovane Brisotto é o herói da história. Trata-se de um jovem que sofre de paramiloidose familiar. Como fio condutor, “há o Giovane, que é uma espécie de cidadão-comum e que, na iminência do transplante, e por ter uma doença rara e incurável, decide dar uma volta ao mundo à procura do sentido da vida”. Tratando-se de uma patologia de origem portuguesa e, sendo o Giovane um cidadão brasileiro, era a “premissa perfeita para abordar os processos de globalização e a evolução da humanidade”.

Tirando o trajecto entre Brasil e Portugal, toda a viagem de Giovane é feita por terra e mar, sem

recorrer a aviões. “Saímos de Lisboa em Dezembro, fomos de barco até à Índia, subimos a Índia toda de comboio e chegamos até Macau. Vamos agora de comboio até Xangai, depois de barco até ao Japão e barco até aos EUA”, conta o realizador, de passagem pela RAEM em Abril.

Não revelando muito do que se pode ver no documentário, Miguel diz que no filme Giovane relaciona-se com locais, explora locais turísticos e não só. “No Nepal, houve um miúdo novo, que fez de vidente e viu o futuro”, diz, a título de exemplo, acrescentando: “Quando estávamos a filmar em Portugal, em Sagres, batemos à porta de um restaurante e entramos e quem estava a atender, vestida de Capuchinho Vermelho, era a Marga, ex-vocalista do grupo [musical] *Cool Hipnoise*. Abandonou tudo em Lisboa, abriu um restaurante e estava a servir medronhos vestida de Capuchinho Vermelho. Há uma cena de diálogos entre eles [Giovane e Marga]”.

Seguindo um trajecto que corresponde à *Peregrinação* do autor português, Fernão Mendes Pinto, o filme termina no pólo sul, passando ainda pelo Japão, onde existe o segundo maior núcleo de paramiloidose do mundo.

Em Macau, acabou por passar por pontos turísticos históricos, mas também pelos grandes hotéis-casinos, encontrando-se pelo caminho com algumas figuras da terra. “O que vamos fazer [em Macau] é esta oscilação entre o resquício de uma cultura oriental misturada com uma cultura ocidental, mas sobretudo este novo mundo alucinado”, diz.

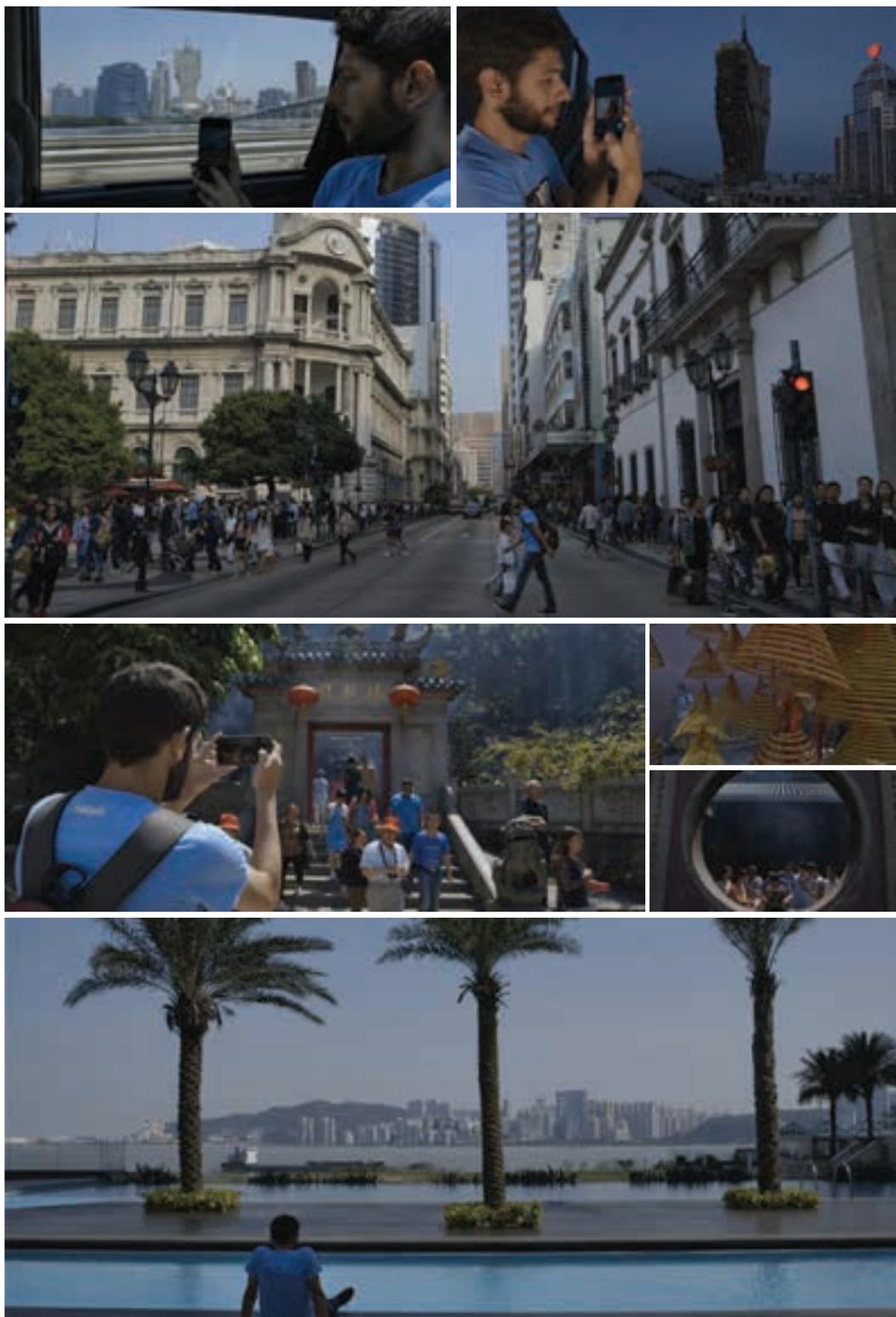
### Crescer e divulgar

Quis fazer uma coisa que de outra maneira não teria oportunidade de fazer. Giovane Brisotto aceitou o desafio de ser filmado numa volta ao mundo, em busca de crescimento pessoal, uma experiência memorável e a possibilidade de alertar outras pessoas para esta doença. “Talvez isso possa ajudar as pessoas a conhecer os sintomas”, diz o protagonista.

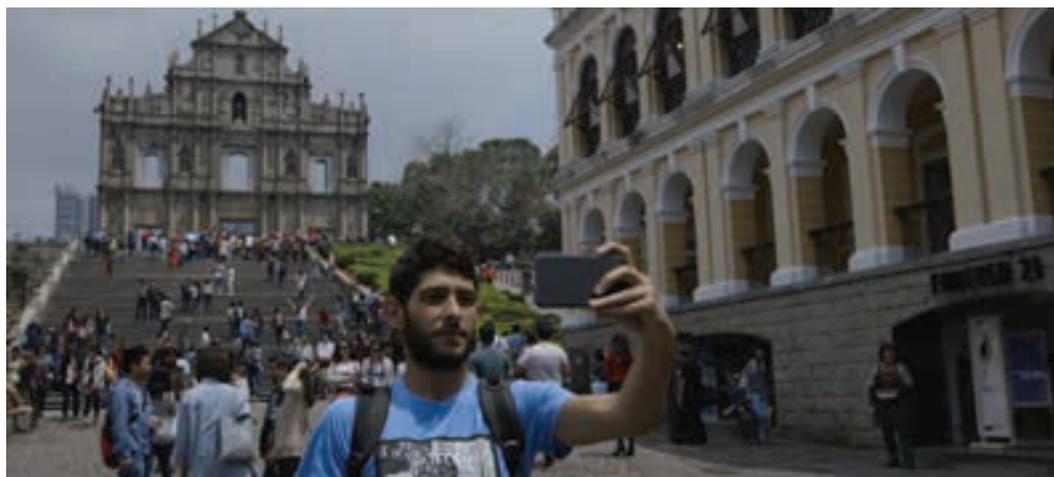
Inicialmente, Miguel desafiou Giovane e o irmão – que também é vítima da doença – a participarem no documentário. “Ele [Miguel] queria que fôssemos os dois, mas o meu irmão não quis. Não gosta [de exposição] e, como estávamos na fila do transplante [de fígado], ele pensou em ficar descansando”, revela, acrescentando: “Uma volta ao mundo é uma coisa cansativa, eu topei e vim, até porque acho que nunca mais teria essa oportunidade depois de fazer o transplante”.

---

SEGUINDO UM TRAJECTO QUE CORRESPONDE À PEREGRINAÇÃO DO AUTOR PORTUGUÊS FERNÃO MENDES PINTO, O FILME TERMINA NO PÓLO SUL, PASSANDO AINDA PELO JAPÃO, ONDE EXISTE O SEGUNDO MAIOR NÚCLEO DE PARAMILOIDOSE DO MUNDO



Algumas cenas de *O sentido da vida* rodadas em Macau



GIOVANE BRISOTTO É O HERÓI DA HISTÓRIA. UM JOVEM QUE SOFRE DE PARAMILOIDOSE E QUE NA IMINÊNCIA DO TRANSPLANTE DECIDE DAR UMA VOLTA AO MUNDO À PROCURA DO SENTIDO DA VIDA

Descobriu que sofria da doença há cinco anos, depois de a irmã ter marcado um exame para toda a família. “A minha mãe teve essa doença durante dez anos e só nos últimos dois é que descobriu. Não tinha muito o que fazer, o transplante era arriscado”, recorda.

Já vão quatro meses e meio desde que Giovane iniciou esta viagem e até agora o saldo tem sido positivo. “Acabei conhecendo vários lugares. Conheci a Índia e a China, com culturas totalmente diferentes. Para mim, não tem preço conhecer esses lugares”, diz o jovem, que é engenheiro cartógrafo de profissão. E são essas experiências que vão contribuir também para o seu crescimento pessoal. “Sinto que já sou diferente do que era antes. Dantes, parecia que a minha cidade no Brasil era o centro do universo.”

Porém, reconhece alguns aspectos menos positivos, nomeadamente o risco que para ele envolve participar num projecto deste calibre. “A minha doença está a evoluir. Desde que eu saí do Brasil e quando voltar, vou perceber uma evolução que se calhar agora eu não percebo tanto”, afirma. É por isso também que a equipa de filmagem procura minimizar o impacto para Giovane. “Tenho dificuldade em caminhar e eles evitam que eu caminhe muito.”

Ao longo do tempo, Giovane já se habitou a

ter uma câmara a acompanhá-lo no dia a dia. “O início foi bem difícil, mas agora tudo tranquilo, ela [câmara] não incomoda mais.”

Na lista de espera para fazer o transplante de fígado, Giovane diz que deixou tudo em suspenso para participar neste projecto. “Em Junho posso começar a ser chamado e se for vou voltar, antes mesmo do fim do documentário”, confessa.

### As figuras públicas

Além de Giovane, Miguel decidiu pegar em várias personagens públicas que admira e segui-las durante algum tempo. “Temos seis figuras públicas que funcionam como uma espécie de novos heróis – um político, um escritor, um juiz, um músico, um astronauta”, diz.

Tal como em *José e Pilar*, o realizador optou por não usar entrevistas, numa tentativa de “construir a história como se fosse uma narrativa clássica de ficção”. E, mais do que procurar respostas para o que é o sentido da vida, Miguel espera que surjam várias questões. “O que é que são os legados da humanidade – há efectivamente o universo cultural e o universo político, há a ânsia de poder por parte do ser humano e há o legado científico que deixamos as obras-primas que conseguimos. Por isso é que precisávamos de um político [para abor-

dar] a questão da justiça; no caso da ciência, é o espaço através do astronauta; havia também o universo cultural e por isso é que temos o escritor e a figurinista”, diz, explicando: “Aqui a ideia era que cada um deles, para além de espelhar a sua profissão e a forma como se relaciona com a fama, com os seus fãs, fosse também exemplificativo da sua própria cultura”. Assim, além da volta ao mundo de Giovane, Miguel espera ter um “retrato fidedigno” de diferentes sectores e países. “No fundo, o que eu vou estar a dar às pessoas são sete formas de estar na vida, sete formas de olhar para vida e sete formas do que é o sentido da vida.” É da soma dessas diferentes visões que espera que o espectador reflecta sobre a sua própria vida.

A escolha das figuras públicas recaiu sobre “quem mais admira”. Entre os já confirmados, contam-se o escritor português Valter Hugo Mãe, o juiz espanhol Baltasar Garzón, a figurinista japonesa Emi Wada, o músico islandês Hilmar Orn Hilmarsson, o astronauta dinamarquês Andreas Mogensen e o organizador de festas de sexo britânico Chris Gordon.

No documentário há sete histórias que se cruzam. “Tens o astronauta que vai para o espaço. Tens o Valter, em que acompanhas todo o processo, desde a ideia inicial do livro, a escrita, ao lançamento.” E o Giovane acaba por ser “a desculpa perfeita para falar sobre a história do mundo”, fazendo a ligação entre as diferentes figuras.

As filmagens deverão terminar apenas daqui a um ano e o documentário estreia em 2017. “O astronauta dinamarquês Andreas Morgensen vai ser lançado a 2 de Setembro, estive na ESA [Agência Espacial Europeia] a acompanhar os treinos, vou para a NASA com ele, vou para a Star City na Rússia e depois vou para o Cazaquistão, onde é o lançamento. Ele vai levar uma câmara para o espaço e nós vamos comunicando, vou estar a acompanhar a mulher e a filha”, revela.

Por confirmar, estão figuras como o papa Francisco e a presidente do Brasil Dilma Rousseff. “Está tudo em negociações. À revista brasileira *IstoÉ*, Dilma Rousseff disse que estaria interessada em participar no filme, mas já estamos neste processo há três anos”, diz.

Com um orçamento de cerca de um milhão e meio de euros, Miguel Gonçalves Mendes continua em busca de patrocínios. “Temos um orçamento caro, são quase quatro anos de filmagem e uma volta ao mundo.” ■

## QUEM É QUEM

### GIOVANE BRISOTTO

Natural do Brasil, este jovem de 28 anos sofre de paramiloidose, uma doença rara e incurável.

### EMI WADA

O figurinista japonês trabalha com grandes nomes do cinema, como o realizador Peter Greenaway. Já venceu o Óscar de melhor guarda roupa pelo filme RAN, de Akira Kurosawa.

### BALTASAR GARZÓN

Conhecido sobretudo por ter emitido a ordem de prisão do antigo presidente chileno Augusto Pinochet. É frequentemente indicado para Nobel da Paz.

### HILMAR HILMARSSON

O músico islandês ajudou a lançar a carreira de Bjork e Sigur Ros, mas é também conhecido por ser o último padre *viking* no mundo.

### VALTER HUGO MÃE

O escritor já venceu o prémio Saramago e o Grande Prémio da Literatura Portuguesa. É hoje apontado como um dos grandes nomes da literatura portuguesa.

### ANDREAS MOGENSEN

O engenheiro aeroespacial foi o primeiro dinamarquês escolhido para ser astronauta, em Maio de 2009. Seguirá numa missão a bordo da Estação Espacial Internacional em Setembro.

### CHRIS GORDON

Aos 18 anos, viu uma promissora carreira em atletismo terminar, devido a problemas familiares. Mais tarde, veio a perder a fortuna com a recessão. Hoje em dia é famoso por organizar festas de sexo em Londres.



# Tap Seac (塔石)

Ficava para lá dos limites de Macau, esquecido de tudo e de todos durante séculos. No Tap Seac, o principal vale da região, viviam alguns camponeses chineses muito pobres. Conviviam com a doença e os insectos que rasavam as águas fétidas daquelas terras pantanosas. Destoava o colorido de algumas flores, o chilrear dos pássaros e a beleza natural de três grandes rochedos sobrepostos numa pequena colina, por detrás do local onde hoje se encontra o edifício do Instituto Cultural. Lembravam um pagode e os chineses chamavam-lhe Tap Seac, torre de pedra. O nome vingou no baptismo daquela terra inóspita

**T** PATRÍCIA LEMOS  
**F** GONÇALO LOBO PINHEIRO

**NÃO ERAM** mais de cinco vielas, um sítio imundo e lodoso. Porém, a miséria que grassava no Tap Seac passava ao lado das famílias mais abastadas de Macau, como os Lou que ali ergueram uma mansão na década de 70 do século XIX, lançando em seguida as primeiras sementes do popular Jardim Lou Lim Ieoc. Para os governantes, o Tap Seac era o foco das enfermidades que assolavam Macau. Foi exactamente depois de uma epidemia mais forte, de peste negra, ter ceifado a vida de centenas de pessoas, em 1895, que o Governo de Macau decidiu sanear toda aquela zona. Os planos integravam a política de urbanismo estratégico e higienista do virar do século e abrangeram Sá Kong e Mong-Há.

Dirigidas pelo engenheiro Abreu Nunes, o director das Obras Públicas ao tempo do Governador Horta e Costa (1894-97), as obras eram

vistas como um caso de vida ou de morte. Todas as condições para concretizar a “limpeza” e a consequente expansão da cidade estavam reunidas. Para além da necessidade premente de conter o foco das doenças, havia dinheiro e que não perder de vista o comboio do progresso de Hong Kong. Também se impunha acabar com a erosão dos solos das encostas dando continuidade à política de arborização adoptada em Macau desde 1883.

Aterrado e urbanizado no início do século XX, o Tap Seac mudou completamente de figura. Onde um dia se demoravam as águas do pântano passaram a borbulhar as mentes de jovens intelectuais, que se reuniam junto a um poço em tertúlias literárias, nas proximidades do edifício da Caixa Escolar, inaugurado em 1925. Anos antes já os órfãos do Asilo da Santa Casa da Misericórdia, aí instalado desde 1903, tinham aproveitado bem os novos ares daquele amplo campo para lançar os seus papagaios. E há quem se refira a companhias de circo ali acampadas para gáudio da população.

Quando o campo se tornou desportivo, o hóquei em campo era uma das maiores atrações e foram muitos os jogos a que algumas famílias macaenses de renome assistiram das varandas das suas casas, edifícios neoclássicos de toque mourisco que foram construídos nas

primeiras décadas do século XX na Avenida do Conselheiro Ferreira de Almeida. Esse conjunto de casas, que é hoje Património da UNESCO e tanto ofusca com a calçada portuguesa da Praça do Tap Seac, acolheu depois várias instituições públicas, como a Biblioteca Central e a Galeria Tap Seac. Foram presenças que afirmaram aquela zona como polo educativo e cultural, depois de no século passado se ter justicadamente destacado na área da saúde, dando tecto aos Serviços de Saúde de Macau e ao Dispensário Anti-Tuberculoso. Dessa memória resta apenas o Centro de Saúde do Tap Seac, que até valeu alguns prémios a Carlos Marreiros, o arquitecto que o remodelou nos anos 1980.

Do outro lado do Tap Seac a airosa Alameda Vasco da Gama, que integrava o Jardim Novo, e tinha sido rasgada no final do século XIX para ser passeio público, foi desaparecendo. A lei do progresso ditou a construção a partir de meados dos anos 1930 de novos arruamentos e vários edifícios. Foi o caso da Escola Municipal, em 1939, da Piscina Municipal, nos anos 50, do Comando de Segurança Pública e o grande Hotel Estoril, inaugurados nos anos 60. Dessa velha alameda apenas resta o verde dos jardins Vasco da Gama e Vitória e algumas árvores de São José centenárias. ■

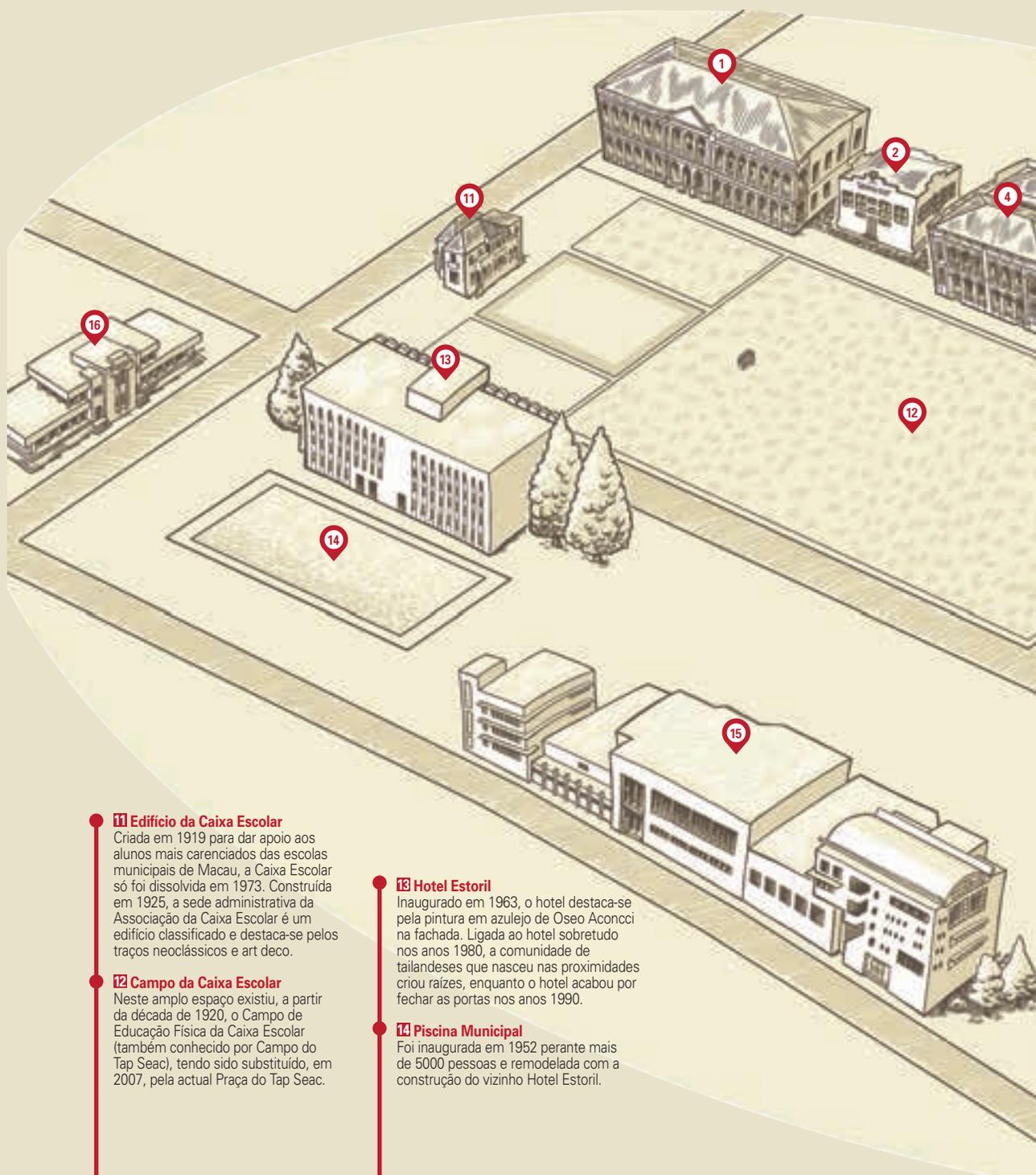


# TAP SEAC

## 塔石

### 1 Antigo Liceu de Macau

A Santa Casa da Misericórdia ali criou o Asilo dos Órfãos no despoitar do século XX, fechando-o em 1918. O edifício acolheu depois o Liceu de Macau durante 34 anos. Para além da Repartição Provincial dos Serviços de Saúde, neste espaço esteve ainda uma Delegacia da Saúde e a sede dos Serviços de Saúde de Macau, já em 1980. Depois de obras no final do século XX, o novo edifício recebeu de modo definitivo o Instituto Cultural, em 2005.



### 11 Edifício da Caixa Escolar

Criada em 1919 para dar apoio aos alunos mais carenciados das escolas municipais de Macau, a Caixa Escolar só foi dissolvida em 1973. Construída em 1925, a sede administrativa da Associação da Caixa Escolar é um edifício classificado e destaca-se pelos traços neoclássicos e art deco.

### 12 Campo da Caixa Escolar

Neste amplo espaço existiu, a partir da década de 1920, o Campo de Educação Física da Caixa Escolar (também conhecido por Campo do Tap Seac), tendo sido substituído, em 2007, pela actual Praça do Tap Seac.

### 13 Hotel Estoril

Inaugurado em 1963, o hotel destaca-se pela pintura em azulejo de Oseo Aconci na fachada. Ligada ao hotel sobretudo nos anos 1980, a comunidade de tailandeses que nasceu nas proximidades criou raízes, enquanto o hotel acabou por fechar as portas nos anos 1990.

### 14 Piscina Municipal

Foi inaugurada em 1952 perante mais de 5000 pessoas e remodelada com a construção do vizinho Hotel Estoril.

## 2 Centro de Saúde do Tap Seac

Inaugurado em 1934, o Ginásio do Liceu de Macau foi palco não só de actividades desportivas mas também de festas. Sem os alunos para animar aquele espaço a partir de 1958, o local foi ocupado pelo Dispensário Anti-Tuberculoso e Posto Oftalmológico. Novas obras ali decorreram nos anos 1980 para criar o Centro de Saúde Macau Oriental ou do Tap Seac, como é hoje conhecido.

## 3 Moradias da Conselheiro Ferreira de Almeida

Construído entre os anos 1920 e 1930, este grupo de moradias acolheu várias famílias abastadas de Macau. Muitas destas casas construídas pela Santa Casa da Misericórdia foram sendo recuperadas a partir de 1976 e ocupadas por serviços de interesse público. Essas obras foram distinguidas com o primeiro prémio da PATA em 1982. Mais intervenções foram ali decorrendo nos anos 1990. Em 2008 o Governo da RAEM adquiriu à então proprietária Fundação Oriente este conjunto arquitectónico, que compreendia os edifícios dos números 89A ao 95G.

## 4 Biblioteca Central

Tem as suas origens na Biblioteca Macaense criada em 1873. Depois de passar por várias instalações, a instituição encontrou endereço definitivo neste edifício em 1983. Foi remodelada no início de 2007.

## 5 Arquivo Histórico

Criado em 1952, o Arquivo Geral de Macau começou por estar instalado na Biblioteca Sir Robert Ho Tung. Como a Biblioteca Nacional, esta instituição foi integrada no Instituto Cultural em 1986, estando instalada neste edifício desde 1982, que foi em tempos palco da actividade da Rádio Vilaverde, fundada por Pedro José Lobo em 1951.

## 6 Galeria Tap Seac

Depois de ser residência de família abastada, aqui estiveram instalados serviços da administração. Em 1995 passou a albergar o mítico Centro de Arte Contemporânea da Fundação Oriente (C.A.CO.M), incluindo ainda um estúdio de rádio no primeiro andar. Já a Galeria Tap Seac, essa só inauguraria em 2003.

## 7 Orquestra de Macau

Fundada em 1983 na Academia de Música S. Pio X e integrada no Instituto Cultural desde 1984, a Orquestra de Macau mudou-se para estas instalações nos finais de 2006 ou inícios de 2007. Antes disso, aí estava sediada a agência Lusa em Macau.

## 8 Casas dos bolseiros da Fundação Oriente

À semelhança de outras casas deste conjunto arquitectónico, estes edifícios foram recuperadas entre 1995 e 1998. Neste caso com o intuito de acolher bolseiros da Fundação Oriente.

## 9 Instituto Ricci

Como nas casas vizinhas, esta foi residência de famílias portuguesas, ao caso a de Abílio Basto, que aí nasceu. Esta instituição abriu as portas em 1999 e a Biblioteca Tomás Pereira, que lhe é anexa, inaugurou dois anos depois.

## 10 Mansão da família Lou

A família Lou comprou os terrenos em 1870, construindo uma mansão e um belo jardim. Após a morte do patriarca Lou, o jardim foi alugado, em 1938, à Escola Pui Cheng, que ocuparia também o casarão. O governo adquiriu a propriedade e restaurou o espaço, abrindo-o ao público em 1974 na sua forma original, ao estilo de Suzhou. A mansão foi remodelada em 2005 e é hoje a Casa Cultural de Chá de Macau.

## 15 Escola Secundária Luso-Chinesa de Luís Gonzaga Gomes

A primeira inquilina deste edifício foi a Escola Primária Municipal em 1939. No ano lectivo 1974/75 passa a chamar-se Escola Primária Oficial Pedro Nolasco da Silva ou Escola Central. Em 1994, o mesmo edifício acolhe a Escola Secundária Luso-Chinesa de Luís Gonzaga Gomes, criada em 1986 com ensino preparatório.

## 16 Escola Primária Oficial Luso-Chinesa Sir Robert Ho Tung

Construído com a doação de Robert Ho Tung, este edifício é mais um exemplo do movimento modernista naquela zona da cidade. Abriu as portas em 1951 para albergar as duas escolas chinesas (secções feminina e masculina), que no ano lectivo 1975/76 são agrupadas, passando a existir um único órgão directivo.



# MIAO PANGFEI ADVANCED WORKS BY MIAO PANGFEI

THE 56<sup>TH</sup> INTERNATIONAL  
LA BIENNALE DI VENEZIA  
EXHIBITS FROM MIAO PANGFEI



第五十六屆威尼斯國際藝術雙年展  
中國澳門展館  
繆鵬飛作品展



MIO PANG FEI REPRESENTA  
MACAU NA 56.<sup>a</sup> EDIÇÃO DA  
BIENAL DE ARTE ATÉ NOVEMBRO

# “Il maestro” em Veneza

T F FILIPA QUEIROZ  
Em Itália

Os 18 trabalhos de Mío Pang Fei no Pavilhão de Macau na Bienal de Veneza deixaram boa impressão. A participação da RAEM no certame artístico serve também de inspiração para novos projectos dinamizadores do Centro Histórico. Um sonho possível de realizar, segundo o presidente do Instituto Cultural



“É A quinta participação de Macau, o que representa dez anos de grande colaboração entre mim e o governo da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM)”, diz Paolo Baratta, presidente da Bienal de Veneza. “Ano após ano cresce-se, segue-se em frente, fazem-se exposições cada vez mais importantes e este ano, com este grande “maestro” acertaram realmente na *muche* porque é uma mostra muito muito forte.”

Baratta fala-nos à entrada do pavilhão de Macau, mesmo à porta do Arsenale, palco principal da grande exposição internacional italiana. O Pavilhão de Macau é um dos 44 eventos colaterais da 56.<sup>a</sup> edição da Bienal de Veneza deste ano, que abriu ao público no passado dia 9 de Maio. Entre centenas e centenas de obras, os 18 trabalhos de Mío Pang Fei deixam boa impressão a quem os visita. Ana

Maria di Paolo por exemplo, crítica de arte italiana, ficou agradavelmente surpreendida com o que viu. “Gostei muito das obras deste artista, são muito emocionantes quer ao nível pictórico quer por exemplo as velas, a luz viva das velas na instalação, têm um impacto muito forte. Vi também uma parte do documentário e fiquei muito feliz”, comenta a especialista que desconhecia qualquer arte feita no território.

Ao lado uma comitiva de cerca de 20 pessoas de Macau brindam ao pintor que em 1982 se radicou em Macau para finalmente (e livremente) desenvolver a arte que o haveria de consagrar.

### Caminho e Aventura

Em frente à entrada principal e também ao lado do Pavilhão de Hong Kong, o Pavilhão de Macau na Bienal não parece mais do que um simples edifí-

cio de tijolo veneziano visto de fora. Mas lá dentro a história é outra. Logo no átrio o visitante pode ver as duas primeiras instalações de Mío Pang Fei concebidas especialmente para o evento.

A *Era Especial II* é uma estrutura de madeira com vários objectos pendurados que reportam à Revolução Cultural chinesa. Casacos e calças verdes ao estilo Mao Tse Tung, bilhetes de racionamento, brinquedos e chávenas com o retrato do “Grande Timoneiro” – objectos que reflectem não as necessidades reais mas as necessidades impostas ao povo pelo sistema político vigente.

Ao lado, encostadas à parede, uma série de estacas de madeira pintadas de branco com escritos: Caligrafia (Cultura Ancestral Chinesa).

Subindo as escadas até ao primeiro andar, onde de um lado uma pequena varanda com sombra ajardinada con-

vida a apreciar a beleza do local, dentro do edifício pode ler-se à entrada uma sintética biografia do artista e visitar as três salas da exposição.

*Era Especial I* é a primeira. Paredes negras de onde sobressaem três quadros e uma projecção de um documentário sobre a Revolução Cultural. Um regresso até à década de 1960 e aos primeiros experimentos secretos de Mio Pang Fei na pintura de estilo ocidental em pastel. *Flores*, *Cépolas* e *Rosas* são os únicos exemplares originais que resistiram ao tempo, ao clima e, claro, à censura. Num ecrã podem ver-se outras digitalmente reconstituídas.

“Fizemos a sala de forma a que as pessoas pudessem ter a sensação de como ele se sentia naquela altura”, explica Cristina Mio, filha do pintor e também artista. “São as imagens e sons do ambiente que se vivia nas ruas e a escuridão onde criava. Durante o dia fazia trabalhos pesados e de noite fechava as cortinas do quarto e entrava no seu mundo artístico”, conta. Madrugada fora o artista praticava a pintura e caligrafia, e revia os estudos de *Qiwu Lu* (Igualdade das Coisas), *The Zhuangzi* e *Feng Fu* (Rapsódia do Vento) do escritor chinês Song Yu.

Em conversa, Mio Pang Fei recorda que a sua geração foi menos afortunada do que as que puderam viver e estudar livremente, recebendo reconhecimento pela sua obra, mas também faz a ressalva: “Algumas das obras mais incríveis foram feitas nas alturas em que a liberdade foi reprimida, a história diz-nos isso. É como se... se o artista não fosse forte o suficiente e insistisse em criar a obra, o ambiente



“ALGUMAS DAS OBRAS MAIS INCRÍVEIS FORAM FEITAS NAS ALTURAS EM QUE A LIBERDADE FOI REPRIMIDA, A HISTÓRIA DIZ-NOS ISSO”

**MIO PANG FEI**

não pudesse levar a melhor.”

A segunda sala do Pavilhão de Macau chama-se *Shui Hu Zhuan* (*The Water Margin*), uma homenagem à grande obra homónima da literatura chinesa que descreve a rebelião dos camponeses nos finais da Dinastia Song do Norte há um milhar de anos, e as

proezas de 108 homens reunidos no Monte Liang. Homens que se rebelaram contra o governo roubando aos ricos para dar aos pobres, promovendo que a justiça social seria uma espécie de retribuição divina.

Vários blocos de madeira e mãos em papel de prata que parecem pregar aos céus re-





presentados por quatro gigantes painéis abstractos em tons de azul e branco representam essa mesma história. Nas paredes seis quadros e bandeiras com escritos em caracteres chineses representam os líderes do grupo, e uma pequena instalação central com uma cadeira que simboliza o lugar do líder principal da marcha, Chao Gai, com diante delas pequenas malgas de arroz e velas à semelhança dos templos.

Uma representação visual carregada de simbolismo cultural, história e tradição. Uma reflexão sobre a fé na humanidade e o sentido da vida enriquecido pela linguagem do abstraccionismo e cultura oriental.

Na terceira e última sala, *O Caminho do Neo-Orientalismo*, a corrente criada pelo artista, estão dois murais e um ecrã onde é exibido o documentário *Mio Pang Fei* (2014) de Pedro Cardeira.

A exposição de Mio Pang Fei tem curadoria conjunta do Museu de Arte de Macau

(MAM), sob a tutela do Instituto para os Assuntos Cívicos e Municipais (IACM) e do Instituto Cultural (IC).

### Exemplo para Macau

Este ano a Bienal de Veneza celebra 120 anos, tempo durante o qual se firmou como um dos mais prestigiados eventos de arte contemporânea do mundo. Para a edição deste ano a organização convidou 136 artistas influentes provenientes de 53 países, inclusive Xu Bing, Qiu Zhijie, Ji Dachun e Cao Fei da República Popular da China.

Outros 89 países apresentaram exposições temáticas nos seus próprios pavilhões nacionais, para além das 44 exposições paralelas apresentadas por regiões e instituições artísticas convidadas expressamente pela organização, tal como Macau.

O MAM, em representação de Macau, foi convidado para participar pela primeira vez na Bienal em 2007. Organizou



cinco exposições desde então, apresentando um total de 14 artistas. “Estou muito feliz por haver um pavilhão de Macau e por ver os óptimos trabalhos de Mio Pang Fei aqui. A Bienal é uma plataforma muito grande, muitos críticos, especialistas e público em geral vêm cá, por isso acho que é uma grande oportunidade para mais gente conhecer o nosso artista e a nossa cultura”, diz o presidente do Instituto Cultural de Macau, Guilherme UngVai Meng.

O governo levou uma comitiva de representantes e artistas a Itália. O arquitecto João Palla e o pintor José Dores foram alguns deles. “A experiência é fabulosa, primeiro por voltar a uma cidade onde já vivi mas sobretudo por ver Macau representado de uma forma muito forte e muito coerente”, comenta Palla, que estudou durante um ano em Veneza ao abrigo do programa de intercâmbio académico Erasmus. “Para nós é um privilégio porque estamos no mundo da arte e conhecer outros artistas e obras é uma lufada de ar fresco muito grande.”

José Dores, natural de Macau, fez-se acompanhar de dois alunos. “Eu diria que é



maravilhoso o governo organizar esta visita para ver estes grandes artistas. Penso que o pessoal de Macau é muito talentoso. Sei que foram apenas oito pessoas a montar esta exposição, é o culminar de uma autêntica missão impossível.”

Em relação a ser artista em Macau também Dores refere que ainda há um longo caminho a percorrer. “Diria que é fácil ser artista em Macau, mas não um artista a sério. A Bienal é muito avançada, por isso trouxe os meus alunos para eles contactarem não só com a exposição mas também com outros museus locais.”

Na comitiva de cerca de duas dezenas de pessoas estavam também a deputada Angela Leong e a directora dos Serviços de Turismo, Helena de Senna Fernandes. “É a minha primeira experiência. Não sou perita nem conhecedora de arte, portanto para mim é uma experiência diferente. O nosso secretário já disse que é preciso haver mais sinergia entre o turismo e a cultura em Macau, por isso para nós é um bom passo tentar perceber como podemos aprender com Veneza para trazer turistas diferentes a Macau”, diz Senna Fernandes.

Ung Vai Meng concorda.

“Macau é pobre em recursos naturais mas cultura e história nós temos, por isso há que aproveitar. É um recurso que pode ser uma fonte permanente de desenvolvimento para a nossa sociedade. É um sonho para mim que toda a zona histórica de Macau tenha arte, exposições e performances. E penso que é um sonho possível de realizar.”

Na década de 1980, o actual presidente do Instituto Cultural e também artista fundou o Círculo dos Amigos da Cultura de Macau com Mio Pang Fei e Carlos Marreiros, entre outros. Os três reuniram-se agora em Veneza. “Estou muito feliz e muito comovido porque ele [Mio Pang Fei] merece. Ele ama Macau como a terra dele e a proposta que faz é um conjunto de vários trabalhos que tem feito nos últimos 20 anos que aqui de forma sintética é apresentado. Está tudo muito bem organizado, por isso tanto a RAEM como os artistas de Macau estão de parabéns”, comenta Marreiros.

Entretanto Mio Pang Fei aproveita os dias seguintes à inauguração para visitar a Exposição Internacional e a Veneza que revisita décadas depois e que lhe faz lembrar a Xangai natal. “Acho que é pelas ruas estreitas. O pai está muito feliz de estar aqui e de ter esta oportunidade de mostrar ao mundo a exposição e o seu trabalho. Várias pessoas da América e da China comentaram comigo que gostaram bastante e um visitante até viu o documentário duas vezes ali sentado”, diz Cristina Mio emocionada.

*Caminho e Aventura* fica em exibição até ao encerramento da Bienal dia 22 de Novembro deste ano. ■





# De arte se faz o sonho

**T** SANDRA LOBO PIMENTEL  
**F** GONÇALO LOBO PINHEIRO

Fez-se artista entre Macau e Lisboa e essa vivência marcada pelo choque cultural ajudou-o a definir a sua arte, dividida entre a pintura e a escultura. Aos 38 anos, João Magalhães tem tido oportunidade de dar a conhecer os seus trabalhos, até já representou a região na Bienal de Veneza, mas ainda persegue o sonho de ser artista a tempo inteiro

**JOÃO MAGALHÃES** não é só pintor. Nem só escultor. Também não é apenas um *designer*, apesar de confessar que essa formação está sempre presente no seu processo criativo. É, por isso, mais vagamente, um artista, criado entre Macau e Lisboa e que aqui tem dado a conhecer os seus trabalhos.

Nasceu na capital portuguesa, no entanto, os pais vieram ao mundo bem longe, numa pequena terra a Oriente que não queriam que passasse desconhecida aos olhos dos filhos. Foi assim que veio para Macau, com quatro anos, e acredita que essa influência de viver entre o Ocidente e o Oriente, culturas tão diferentes, pode tê-lo ajudado no mundo das artes.

A mãe é jornalista, mas pintava, à semelhança de uma tia. De resto, sem qualquer traço da genética a puxá-lo para as



artes, recorda-se, pequeno, do fascínio pelos desenhos animados e pelas cores, que começou cedo.

Estudou em Macau no Liceu D. Afonso Henriques e foi aí que começou a despertar para a estética do que o rodeava. Mas não sabe onde está o clique que o colocou nesse caminho. O *skate* era

um dos passatempos da adolescência e com ele vieram as pinturas em *graffiti*. Pintava pouco, confessa, e talvez a veia marcadamente artística dos amigos mais próximos, que também enveredaram pela área, tenha tido mais influência no caminho escolhido do que qualquer outra coisa. E esse ambiente criati-





vo não mais saiu da essência de João Magalhães.

Ainda esteve quase a enveredar pelos estudos em Economia, mas as Belas Artes falaram mais alto e seguiu para Lisboa. “Foi aí que começou a grande influência, não pela escola mas pelos amigos que fui conhecendo e todo o ambiente do Chiado”.

Não eram apenas o *design* e a ilustração que despertavam João Magalhães para esse mundo. A escultura, vídeo e pintura também marcaram posição. “O meu curso era Design de Comunicação, mais ligado à parte gráfica, mas o ambiente era forte e fui-me interessando”.

As Belas Artes em Lisboa transbordavam para lá do edifício do Largo da Academia. Começou a frequentar os cafés e a viver o ambiente de rua dos artistas, que ali mesmo davam largas ao talento. Esse modo de estar foi algo que se enraizou no processo criativo de João Magalhães.

Normalmente, é no café, numa mesa que já é um pouco sua, que dá largas à imaginação. “Ter pessoas à volta enquanto estou a desenhar foi algo a que ganhei gosto

desde esses tempos em Lisboa”. Essa “confusão”, diz, é uma fonte de inspiração para representar aquilo que já imaginou e quer transformar em arte.

A criatividade é puxada pela vontade de ver o resultado final. O artista confessa essa impaciência no seu processo criativo que, normalmente, começa sempre com uma ilustração, primeiro desenhada a lápis e depois pintada a caneta. Depois de passar o desenho para o computador, imprime no tamanho que idealizou e pinta por cima. “Este é o meu processo de design para achar respostas”.

O desafio é constante e a inovação tem surgido com naturalidade. O artista experimenta agora desenhar directamente em tela. “Estou a utilizar processos diferentes porque, pelo menos para

mim, tenho que estar sempre a aprender. No meu estilo, claro, mas usando técnicas diferentes.”

### Arte ainda não é a profissão

Em 1999, ainda em Lisboa, foi responsável pelas ilustrações num filme do cineasta português Edgar Pêra. Três anos depois, regressou a Macau. Os primeiros trabalhos de João Magalhães foram todos na área da ilustração, para jornais, revistas ou livros. O prazer de dar largas à imaginação e ao gosto pelas artes também fez com que aceitasse alguns trabalhos não remunerados.

Encorajado pela namorada e amigos, juntou alguns quadros que pintara para a primeira exposição a solo, que teve lugar num bar em Macau, corria o ano de 2008. “A partir daí as pessoas começa-

---

“A ARTE É COMO SE FOSSE UM CARTAZ. SERVE PARA CAPTAR A ATENÇÃO, NÃO SÓ NO ASPECTO VISUAL OU GRÁFICO, MAS TAMBÉM PARA ESSA SENSIBILIDADE, E TENTAR DAR UMA INFORMAÇÃO”

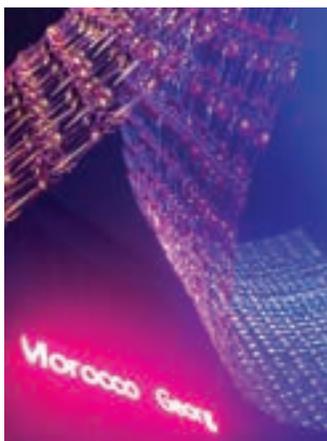
ram a conhecer o meu trabalho e foi mais fácil ser convidado para fazer exposições colectivas.”

João Magalhães continua a ter actividades paralelas à sua arte. Ser artista, apenas, é uma vontade constante, no entanto, acredita que Macau não tem ainda as condições para realizar esse desejo. “Tenho vontade de estar sempre a criar e viver só da arte. Era um sonho. Mas tenho que ser consciente e, em Macau, a nível de arte, ainda estamos a começar.”

Não considera que seja necessário o incentivo financeiro, mas sim mais projecção dos artistas locais, e lembra as oportunidades que lhe foram dadas ao longo dos anos e as dificuldades que encontrou. “Quando fui convidado para fazer uma instalação no Museu de Arte de Macau tinha uma ideia de usar metal, neste caso colheres, e quando fui às fábricas para as furar, pediam-me 12 patacas por cada uma. Eram 3000 colheres e cerca de dez mil furos. A máquina para fazer os furos custava 600 patacas. E foi assim, estive três meses a furar colheres.” O artista explica que “não é só com dinheiro que se resolvem as coisas, também temos que ser inventivos e descobrir formas de inovar”.

A instalação, denominada *Tsunami*, foi inspirada num tema social, a luta contra a fome, e esteve exposta no âmbito da Montra de Artes de Macau de 2014. “A arte é como se fosse um cartaz. Serve para captar a atenção, não só no aspecto visual ou gráfico, mas também para essa sensibilidade, e tentar dar uma informação.”

Em termos de estrutura



A INSTALAÇÃO  
TSUNAMI FOI  
INSPIRADA NA LUTA  
CONTRA A FOME

foi um trabalho “complicado, mas possível”, talvez porque desejava poder usar materiais que não conhecia e que criassem o devido impacto no Museu, até pelo tema a tratar. “Quería fazer algo sensível.”

Sobre os temas que escolhe para os seus trabalhos,

João Magalhães não consegue identificar algo demasiado marcante na sua arte. A não ser na pintura, na qual recorre mais frequentemente ao choque cultural, explicado pela vivência entre o Ocidente e o Oriente, que tanto o marcou. Tem apenas uma preocupação: “Não desenhar coisas tristes”.

Na pintura usa mais cores, diz até que gosta de um estilo “um pouco folclórico”, mas na escultura a arte que lhe desponta importa um tom mais escuro. Da formação em Belas Artes, na área do *design*, ficou-lhe o método, que, aliás, utiliza em vários aspectos da sua vida quotidiana, não só na arte. “O *design* está lá sempre. Sou uma pessoa muito metódica, até na cozinha. Tudo se faz segundo uma regra de cores e organização.”

Sublinha que em ambos os ramos da arte que pratica, “a criatividade é muito livre, mas o processo é muito rígido, muito metódico”. Se tivesse que dizer o que prefere, elege a pintura “porque é mais fácil poder criar”, en-



quanto na escultura surgem obstáculos a nível de espaço e de investimento.

### **Em busca de reconhecimento**

A possibilidade de continuar a fazer o que gosta e ser reconhecido por isso, são objectivos que João Magalhães elege para o futuro. No entanto, sonha na dimensão “do possível” e acredita que “é preciso ter consciência e ver até onde pode dar”.

Hoje faz parte da organização Arte Sem Fronteiras, que para além de proporcionar a oportunidade de mostrar o trabalho em Macau, é também responsável por intercâmbios com outras regiões, nomeadamente, com Taiwan. “Tentamos também através da associação que os artistas possam expor a solo”.

João Magalhães foi um dos que teve essa oportunidade nos seis anos de actividade da associação, precisamente em Taipé. Para lá das fronteiras da região, conseguiu também levar a escultura *Espelho Vivo*, um trabalho realizado com Mafalda Botelho, à Bienal de Veneza, em 2011, um dos projectos seleccionados para representar Macau na mostra anual.

Esse foi, talvez, o momento alto da carreira do artista. “É bom que Macau tenha esse intercâmbio. Poder estar lá ou dizer que estive lá, mesmo que não haja muita gente a ver a obra, penso que foi o momento mais alto.”

João Magalhães continua a trabalhar para viver um momento igual a esse. “Basicamente, ter oportunidade de expor, de mostrar o meu trabalho.” E não esconde que continua a alimentar o sonho de, um dia, viver da arte. Da sua arte. ■



## DIA DE CAMÕES COM UM BRILHOZINHO

**Três concertos, um espectáculo de dança, uma exposição e três conferências são alguns dos eventos que este ano integram o programa das celebrações oficiais do 10 de Junho em Macau. O concerto de Sérgio Godinho é um dos pontos altos do cartaz**

Dez anos depois, Sérgio Godinho regressa a Macau. O cantor e compositor português vem à RAEM no âmbito das Comemorações Oficiais do 10 de Junho, que contam com o cartaz mais alargado dos últimos anos.

Com mais de 40 anos de carreira, Sérgio Godinho – também escritor, actor e realizador – é um dos nomes marcantes da música portuguesa. Depois de em 2005 ter actuado na RAEM no âmbito do Festival de Artes, o autor

de clássicos que conquistaram várias gerações,

como *O Primeiro Dia*, *A Noite Passada* ou *Com Um Brilhozinho nos Olhos*,

entre muitos outros, regressa agora à cidade a convite do Consulado Geral de Portugal em Macau e Hong Kong, da Casa de Portugal em Macau e do Instituto Português do Oriente (IPOR), que, em conjunto, organizam o programa oficial das comemorações do 10 de Junho em Macau. O concerto de Sérgio Godinho está marcado para o dia 9 de Junho, no Grande Auditório do Centro Cultural de Macau (CCM).

Outro destaque da lista de eventos que visam celebrar o Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas é o espectáculo de dança *Fica no Singelo*, uma produção da portuguesa ACCCA – Associação Cultural Companhia Clara Andermatt, que sobe ao palco do Sands Theatre a 6 de Junho. Dois dias antes, o CCM acolhe o concerto de lançamento do CD *Tributo a Macau*, um conjunto de poemas da autoria de pessoas com ligação a



## ESPECTÁCULOS

Macau, em português e patuá (dialecto macaense) musicados pela banda 80 & Tal.

Francisco Moita Flores também se junta às comemorações do Dia Nacional de Portugal. No dia 8, o escritor tem encontro marcado no IPOR, estando também prevista, para o dia 10, a sua participação numa conferência sobre criminologia,

em parceria com a Associação de Advogados de Macau. Outra conferência que integra o programa oficial é a que tem por tema *Amor e Viagem em Camões*, a cargo dos académicos Carlos André e José Seabra e agendada para o dia 11 de Junho, no Instituto Politécnico de Macau.

Como é habitual no dia 10 de Junho, além da cerimónia do hastear da bandeira e da tradicional visita à Gruta de Camões, haverá também uma recepção aberta à comunidade, oferecida pelo Cônsul-Geral de Portugal em Macau e Hong Kong, na residência consular. O encontro está marcado para as 18h30 e vai contar com a animação musical da Tuna Macaense e dos 80 & Tal.

O programa arrancou ainda em Maio, no dia 28, com uma exposição de marionetas portuguesas da colecção de Elisa Vilaça, na residência consular. A fechar as comemorações, no dia 12, há mais música, com o português Tozé Santos a protagonizar o concerto *O Homem dos Sete Instrumentos*, no auditório Dr. Stanley Ho, do consulado.



## NA AGENDA



### MÚSICA



#### Chick Corea e Herbie Hancock

A dupla de gigantes do jazz sobe ao palco do Centro Cultural de Macau, que destaca um “percurso sem paralelo de mais de cinco décadas de criatividade musical” e “um legado que ultrapassa os 30 Grammy”. Um concerto “raro”, que volta a juntar os dois teclistas e “arquitectos da fusão entre o jazz, o rock e o funk”.

5 DE JUNHO @ 20h00

CENTRO CULTURAL DE MACAU

**Bilhetes a partir de MOP 380**



### OPERA



#### Teatro da Guerra

Esta concepção da companhia Hotel Pro Forma, interpretada pelo Coro da Rádio da Letónia, junta ópera, dança e a projecções de imagens de manga japonesa e clássicos da literatura bélica. Assente em três personagens principais – um soldado, o fantasma de um guerreiro e uma espia –, a produção convida a uma reflexão sobre a guerra.

27 DE JUNHO @ 20h00

CENTRO CULTURAL DE MACAU

**Bilhetes a partir de MOP 200**



### MUSICAL



#### Ghost

Baseado no filme do mesmo nome, esta produção do West End e da Broadway estreou-se em Londres em 2011 e desde então já conquistou cinco nomeações para os Prémios Olivier e três prémios Tony. Votado como o nono melhor musical de todos os tempos, o espectáculo conta com uma série de efeitos especiais e músicas marcantes, como a *Unchained Melody*.

DE 4 ATÉ 9 DE AGOSTO @ 20h00

CENTRO CULTURAL DE MACAU

**Bilhetes a partir de MOP 380**

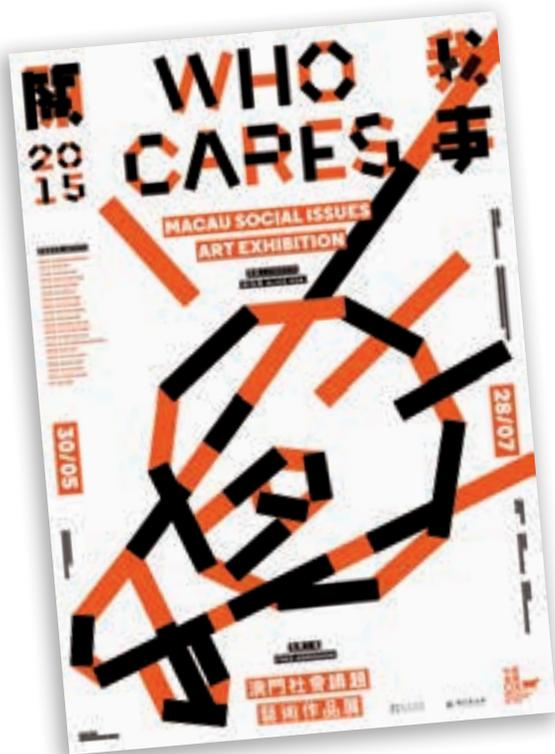
## A ARTE QUE SE PREOCUPA

Vinte artistas locais reflectem sobre algumas das questões que marcam a sociedade de Macau. *Who cares*, patente no Armazém do Boi, convida o público a pensar a cidade onde vive, numa exposição que reúne trabalhos de pintura, fotografia, vídeo, instalações, artes performativas, entre outros



T SOFIA JESUS

Os elevados preços das casas e as toneladas de lixo produzidas em Macau são alguns dos problemas sociais da cidade explorados na exposição *Who Cares* (ou *Quem se importa*, numa tradução livre para português). A mostra, patente no Armazém do Boi, reflecte as diversas visões de duas dezenas de artistas locais sobre a sociedade a que pertencem. Segundo explica à MACAU a curadora Alice Kok, a ideia foi “convidar os artistas a expressarem as suas perspectivas” sobre um assunto social de Macau – o tema em concreto ficou ao critério de cada um. O objectivo, acrescenta, passa por produzir uma reflexão sobre “o modo como vivemos” e “a forma como a cidade, a sociedade evolui”, através de obras de arte que incentivem a “interacção com o público” e “promovam uma discussão”. Alice Kok ressalva que o papel de veículo de reflexão sobre temas sociais não é o único que pode ou deve ser atribuído à arte, mas lembra que “antes de ser artista, o artista é membro de uma sociedade” e a arte pode



ser vista como “uma ponte que se cria para comunicar e para expressar” o que se sente. De acordo com a também presidente da Assembleia-Geral da associação *Art For All* (AFA), entre os tópicos escolhidos pelos participantes estão alguns que se prendem com a elevada densidade populacional de Macau. Um dos artistas, exemplifica, criou um trabalho em vídeo sobre “as toneladas de lixo” produzidas diariamente em Macau e o facto de “não existir um sistema de reciclagem” na cidade. Outra das obras é inspirada na forma como as pessoas vivem apertadas em “pequenos espaços”.

A habitação dá também o mote a um trabalho que visa reflectir sobre os “elevadíssimos preços das casas”, havendo ainda quem tenha optado por abordar o tema do novo casal de pandas oferecido à RAEM pelo Governo Central.

De acordo com uma nota do Armazém do Boi, um espaço que tem acolhido várias mostras de carácter mais experimental, *Who Cares – Exposição de Arte de Macau sobre Assuntos Sociais* inclui trabalhos de pintura, fotografia, instalações, criação de textos e artes performativas. Ao todo, são 20 os participantes, a saber: Catherine, Cheong Cheng Wa, Chris Ho, Van Pou Lon, Aquino da Silva, Ho Chi Fong, Cai Guo Jie, Ho Ka Cheng, Penny, Lam Kin Kuan, Ha Tin Cheong, Au Chon Hin, Cheong Chi Pan, Lao Chon Hong, Leong Chou In, Eric Fok, Che Lok Leng, Matthew, Ho Pak Hon, Ck Cheang, Simon Leung, Ao Ieong Weng Fong e Pal Lok.

**WHO CARES –  
EXPOSIÇÃO DE ARTE  
DE MACAU SOBRE  
ASSUNTOS SOCIAIS**  
ATÉ 26/07  
DIARIAMENTE, DAS  
12H00 ÀS 19H00  
(EXCEPTO  
TERÇA-FEIRA)  
LOCAL: ARMAZÉM DO  
BOI (NO CRUZAMENTO  
DA AVENIDA DO CORONEL  
MESQUITA COM A AVENIDA  
ALMIRANTE LACERDA MACAU)



### Traverse: Instalações em vídeo de Robert Cahen

Integrada nas iniciativas ligadas ao *Le French May* deste ano, a mostra inclui 17 trabalhos do famoso artista francês, que explora a interacção entre som e elementos gráficos. Obras que prometem conduzir o público numa viagem pelo tempo e dar a conhecer novos espaços através de uma ilusão em câmara lenta.

DE 27 DE JUNHO ATÉ 20 DE SETEMBRO  
MUSEU DE ARTE DE MACAU  
**Bilhetes a MOP 5**



### Human Roots

São obras de arte que demoraram anos a criar. Mickaël Obrénovitch usa enormes raízes de árvores oriundas das florestas de Java, na Indonésia, para reflectir sobre a relação entre o Homem e a Natureza. A exposição do escultor francês, apaixonado por madeira desde criança, está também integrada na série *Le French May*.  
ATÉ 2 DE JULHO  
GALERIA IAO HIN  
RUA DA TERCENA, 39

**Entrada livre**

### Arte da Tinta – Exposição de Caligrafia de Mio Pang Fei

O pintor Mio Pang Fei, que este ano representa Macau na 56.<sup>a</sup> Bienal de Veneza, apresenta nesta exposição 49 obras de caligrafia – a maioria poemas e excertos da literatura clássica – e quatro pinturas chinesas. Muitas destas peças correspondem a trabalhos novos do artista, nascido em Xangai, em 1936.  
ATÉ 5 DE JULHO  
MUSEU DE ARTE DE MACAU  
**Bilhetes a MOP 5**



## “UMA DECISÃO DA PULSAÇÃO”

*Palavras Cansadas da Gramática – Poesia e Fotografia* é a mais recente obra do poeta Yao Feng, com versos escritos directamente em língua portuguesa e outros traduzidos do chinês. À MACAU, o poeta e também tradutor fala do livro e da sua paixão por duas línguas

T SOFIA JESUS F CARMO CORREIA

“Na loja de metáforas / em saldo as rosas / mas escolhi uma pedra”. Estes são alguns dos versos escritos originalmente em português por Yao Feng, pseudónimo do poeta chinês Yao Jing Ming, e incluídos na sua mais recente obra, *Palavras Cansadas da Gramática – Poesia e Fotografia*.

Editado pela Gradiva, o livro contém uma série de poemas – uns escritos directamente em português, outros fruto de uma tradução –, assim como várias imagens captadas pelo também académico. Para ler há ainda uma entrevista ao autor, uma análise de Egídia Souto, um prefácio de Fernando Pinto do Amaral e um posfácio de Carlos Morais José.

### Entre duas línguas

Para Yao Jing Ming, um poema por vezes “constitui uma decisão da pulsação, do palpitar do coração”. Composição literária “mais próxima da intimidade”, a poesia é, no seu entender, uma forma de expressão “muito sensível” e “delicada”, “mais espontânea” do que outras, e também “mais eficaz”. Escrever poesia numa língua que não é a sua língua materna “não é nada vantajoso”, reconhece à MACAU. Mas, quando pensa se usa ou não um determinado termo, acredita que terá “mais coragem” do



que os nativos para se aventurar. “Já não tenho medo do naufrágio”, ri-se.

Yao Jing Ming, que considera que há beleza “à espera de ser descoberta”, “em qualquer parte”, “em qualquer momento”, não sabe dizer que língua lhe dá mais prazer a escrever poesia. Se, por um lado, o chinês tem as vantagens de “não ter conjugação verbal”, de permitir “omitir o sujeito”, de o tempo ser “sempre ambíguo”, por outro, o português é uma língua muito “sensível”, que permite “jogar” com termos “com duplo, triplo significado” e contém palavras bonitas como “saudade”. Atento aos “detalhes da vida”, como uma sombra projectada na parede ou a trança de uma rapariga, o autor, sedado em Macau desde os anos 1990, garante que a poesia “pode abordar qualquer tema”, “desde o café do dia até um grande acontecimento que influenciou a história” de um país. Uma realidade visível

nos poemas reunidos em *Palavras Cansadas da Gramática*, onde está também patente a ideia de lugar, com referências a Macau, a vários sítios da China e de Portugal, a Amsterdão, a Paris, entre outros. “Gosto de viajar e de observar”, justifica. O humor é um dos elementos que, por vezes, marcam a poesia de Yao Jing Ming, como o próprio admite. É o caso dos versos onde brinca com a enchente de turistas em Macau (“parece que hoje ninguém morreu no mundo”) ou daqueles onde ironiza um pouco o facto de a cidade ser “pequenina”, ter “muitos acontecimentos”, mas “poucas novidades” (“estrela da noite: o burro”).

### O poeta-tradutor

Doutorado em Literatura Comparada e Literatura Universal pela Universidade de Fudan, em Xangai, Yao Jing Ming não só é um poeta chinês premiado, como tem também uma reputada carreira de tradutor literário, tendo vertido para chinês vários poemas de autores portugueses.

Robert Frost afirmou que “a poesia é o que se perde na tradução”, mas Yao Jing Ming garante: “Perde-se alguma coisa, mas, como tradutor competente, tem de se arranjar uma medida para compensar esta perda”. O também professor na Universidade de Macau dá o exemplo da musicalidade intraduzível dos poemas clássicos chineses ou dos sonetos do Ocidente. O desafio é conseguir “tornar o poema da língua de partida ainda o poema na língua de chegada”.

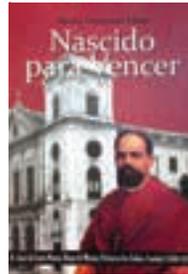
Yao Jing Ming, que já exerceu funções como vice-presidente do Instituto Cultural da RAEM, planeia escrever mais poesia e continuar a traduzir literatura de expressão portuguesa. Mais ambiciosa é a sua meta de escrever um livro aprofundado, “sério”, de nível académico, sobre a história e a cultura de Portugal. Afinal, comenta, apesar de séculos de convívio, portugueses e chineses “ainda não se conhecem muito bem”. “Há sempre um muro invisível que nos separa.”

#### **PALAVRAS CANSADAS DA GRAMÁTICA**

**– POESIA E FOTOGRAFIA**

**AUTOR: YAO FENG**

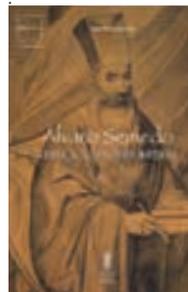
**EDITORIA: GRADIVA**



### **Nascido para Vencer – D. José da Costa Nunes** **Maria Guiomar Lima** **Livros do Oriente, 2015**

Em mais uma obra sob a chancela da Livros do Oriente, a ex-jornalista e especialista da História da Igreja Portuguesa do Oriente Maria Guiomar Lima apresenta

uma bem documentada biografia de D. José da Costa Nunes, que, além de Bispo de Macau entre 1920 e 1940, também foi Patriarca das Índias Orientais e Cardeal.



### **Álvaro Semedo – A Educação na China Imperial**

**António Aresta**  
**Instituto Internacional de Macau, 2015**

Como já afirmou António Aresta, Álvaro Semedo (1585-1658) “é uma figura maior da sinologia portuguesa e europeia”.

Nascido em Nisa, foi em Macau que aprendeu chinês e que começou a investigar a cultura e história chinesas. A sua obra mais marcante, *Relação da Grande Monarquia da China*, só veio a ser integralmente traduzida para português três séculos depois, por Luís Gonzaga Gomes.



### **China na Grande Guerra – À Conquista da Nova Identidade Internacional**

**Luís Cunha**  
**Instituto Internacional de Macau, 2015**

Luís Cunha investiga neste livro as “21 exigências” apresentadas por Tóquio, pouco depois da ocupação

japonesa da Província de Shandong, durante a Grande Guerra Mundial. O investigador do Instituto do Oriente analisou a participação chinesa, desmilitarizada, no primeiro conflito mundial entre 1914 e 1918 e classifica a entrada do país na guerra como o “início do processo de projecção internacional que se estende até à actualidade”.



## TEMPLO DE NA TCHA *década de 1940*



**F** ARQUIVO HISTÓRICO DE MACAU

**CONSTRUÍDO EM** 1888, este templo situa-se próximo das Ruínas de S. Paulo, convidando a uma inevitável comparação com a grandiosidade da antiga Igreja da Madre de Deus e as ruínas do Colégio de S. Paulo. A sua localização é um exemplo das várias tradições religiosas de Macau. Na Tcha é também considerado um deus irreverente e, como tal, a identidade singular de Macau evidencia-se de novo nes-

te local, onde um templo tradicional chinês se encontra próximo das ruínas da principal obra jesuíta da região. O Templo de Na Tcha é formado por uma única divisão simples, medindo 8,4 m de comprimento por 4,51 m de largura. O edifício do templo mede apenas cinco metros de profundidade e o seu telhado é de duas águas ao estilo tradicional *yingshan*. Em outros tempos, como evidencia a imagem captada na década de 1940, o templo estava rodeado de residências.



# MACAU 2014

## LIVRO DO ANO

As edições em língua chinesa, portuguesa e inglesa do “MACAU 2014 - LIVRO DO ANO”, uma publicação anual do Gabinete de Comunicação Social da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM), já estão à venda.

O “MACAU 2014 - LIVRO DO ANO” regista de forma sistemática o desenvolvimento político-económico e sócio-cultural do território, disponibilizando, ao longo das suas páginas, dados e informação variada para todos quantos desejam estudar e compreender melhor Macau. O “MACAU 2014 - LIVRO DO ANO” pode ser adquirido ao preço de capa de 120 patacas por exemplar, acompanhados da oferta de um CD-ROM com a versão PDF do livro, nas maiores livrarias de Macau e no Centro de Informações ao Público, e na Loja de Filatelia (Estação Central dos Correios), ou nas estações dos Serviços de Correios da Rua do Campo, do Terminal Marítimo do Porto Exterior, do Aeroporto e dos Jardins da Nova Taipa, bem como nas livrarias da The Commercial Press Ltd, em Hong Kong

Coleccione Selos  
de Macau

# 澳 門 郵 票 收 藏

Collect  
Macao's Stamps



澳門議事亭前地 LARGO DO SENADO, MACAU

電話 Tel.: (853) 8396 8513, 2857 4491 傳真 Fax: (853) 8396 8603, 2833 6603

電郵 E-mail: philately@macaupost.gov.mo 網址 Website: www.macaupost.gov.mo/philately/



齊心一意 助振商貿  
Aproximamos Pessoas. Facilitamos Negócios